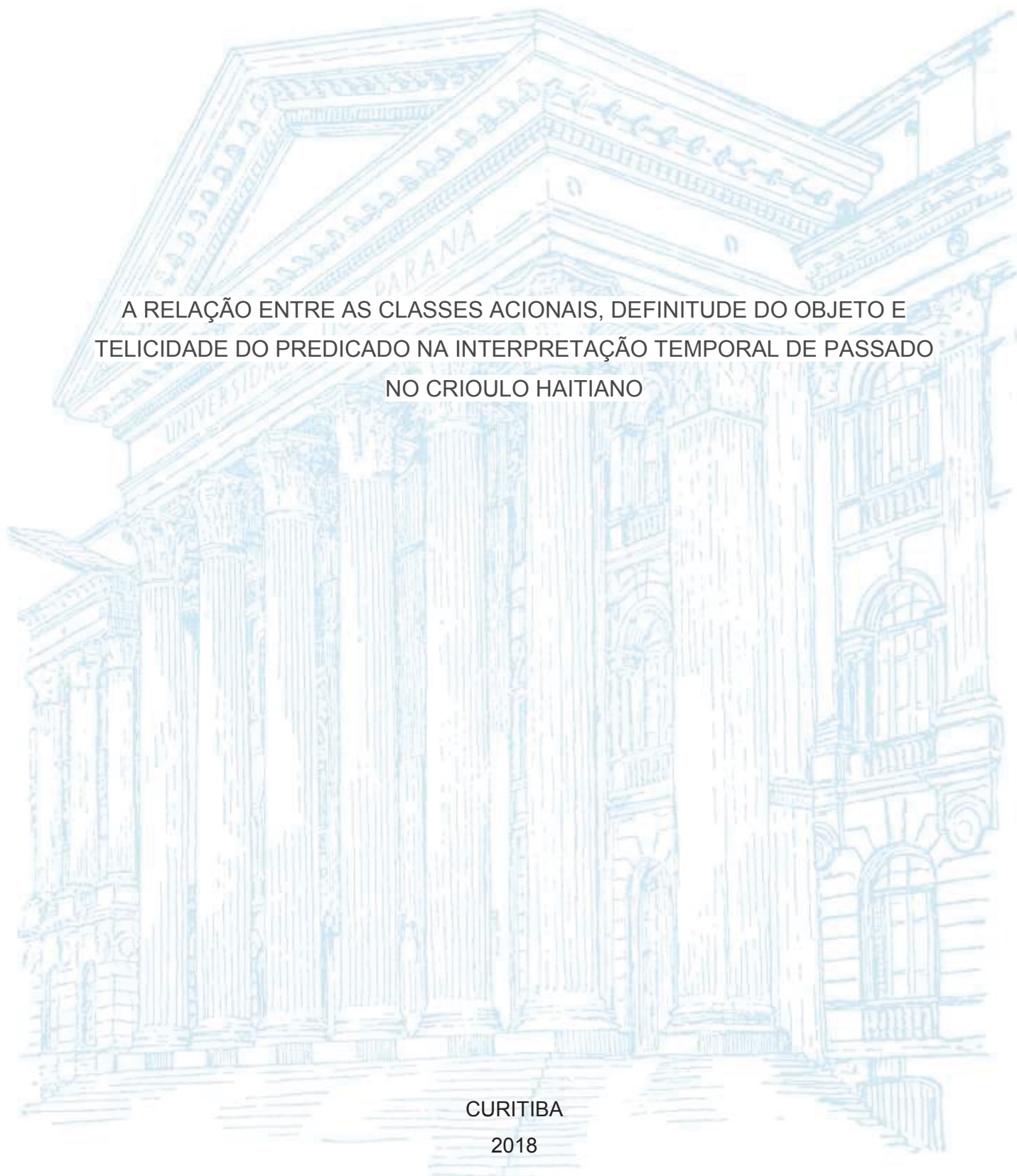


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CARLA ALESSANDRA CURSINO

A RELAÇÃO ENTRE AS CLASSES ACIONAIS, DEFINITUDE DO OBJETO E
TELICIDADE DO PREDICADO NA INTERPRETAÇÃO TEMPORAL DE PASSADO
NO CRIOULO HAITIANO

CURITIBA
2018



CARLA ALESSANDRA CURSINO

A RELAÇÃO ENTRE AS CLASSES ACIONAIS, DEFINITUDE DO OBJETO E TELICIDADE
DO PREDICADO NA INTERPRETAÇÃO TEMPORAL DE PASSADO NO CRIOULO
HAITIANO

Dissertação apresentada como requisito à
obtenção do grau de Mestre em Linguística, no
curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de
Ciências Humanas, da Universidade Federal do
Paraná.

Orientadora: Profª Drª. Maria Cristina Figueiredo
Silva.

CURITIBA
2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE
BIBLIOTECAS/UFPR-BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS
COM OS DADOS FORNECIDOS PELA AUTORA
Bibliotecária: Rita de Cássia Alves de Souza – CRB9/816

Cursino, Carla Alessandra

A relação entre as classes acionais, definitude do objeto e telicidade
do predicado na interpretação temporal de passado no crioulo haitiano /
Carla Alessandra Cursino. – Curitiba, 2018.

119 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de
Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Letras.

Orientadora: Profª Drª. Maria Cristina Figueiredo Silva.

I. Linguística. 2. Dialetos crioulos - Haiti. 3. Antropolinguística -
Haiti. 1. Título. II. Universidade Federal do Paraná.

CDD 417.22



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO LETRAS

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em LETRAS da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **CARLA ALESSANDRA CURSINO** intitulada: **A RELAÇÃO ENTRE AS CLASSES ACIONAIS, DEFINITUDE DO OBJETO E TELICIDADE DO PREDICADO NA INTERPRETAÇÃO TEMPORAL DE PASSADO NO CRIÓULO HAITIANO**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 03 de Julho de 2018.

MARIA CRISTINA FIGUEIREDO SILVA
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)

MARIA JOSE GNATTA DALCUCHE FOLTRAN
Avaliador Interno (UFPR)

ANDREW IRA NEVINS
Avaliador Externo (UFRJ)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a toda a minha família pelo amor, apoio e incentivo que sempre me foram dados.

Também agradeço a minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Figueiredo Silva por acreditar em mim, por todas as aulas desde a graduação, por cada momento de orientação e pela paciência infinita.

Agradeço também à querida professora Teresa Cristina Wachowicz, que desde os meus anos de estudante de jornalismo me faz pensar a língua e a linguagem e que, neste trabalho, trouxe uma primeira luz ao enigma que é compreender a interpretação temporal do crioulo haitiano. Meu muito obrigada também às professoras do Departamento de Linguística e Literatura da UFPR Roberta Pires, Maria José Foltran e Patrícia Rodrigues pelas leituras, sugestões e orientações ao longo deste meu período de mestranda. Agradeço, ainda, ao professor Andrew Nevins, da UFRJ, por compartilhar conosco sugestões preciosas para a conclusão desta pesquisa. Agradeço, também, à professora Guerlande Bien-Aimé, da Université Grenoble-Alpes, pela leitura crítica de nosso texto e por nos ajudar a desvendar o crioulo haitiano.

Agradeço, ainda, aos amigos e amigas que estiveram (e estão) ao meu lado ao longo desta jornada, partilhando alegrias e angústias: Alessandra Freitas, Bruna Ruano, Denise Somera, Sérgio Ricardo Santos Lopes, Nicolas Batista, Rebeca Queluz, Bárbara Pilati Lourenço, Viviane Pereira, Regiane Soranzo, Mariana Paiva, Tuanny Eugênio.

Faço um agradecimento especial a Daniel Felice, Nadine Hyppolyte e sua família e a Esdras Hector por toda a ajuda com o crioulo haitiano. Sem eles, este trabalho não seria possível.

Também agradeço a todos os alunos e alunas do PBMIH – Português Brasileiro para Migração Humanitária, que participaram do nosso experimento e que, principalmente, me ensinaram o que é atravessar as fronteiras e resistir frente às dificuldades.

Finalmente, agradeço com todo o meu coração ao meu companheiro Felipe Matheus Ribeiro, e ao nosso filho, Bernardo Cursino Ribeiro, que não me deixam, nunca, atravessar sozinha as muitas fronteiras da vida.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a investigar a relação entre as classes acionais, definitude do objeto e telicidade na interpretação temporal de passado do crioulo haitiano. Partimos das predições de DeGraff (2007), que afirma que a marca morfológica *te*, responsável por denotar anterioridade na língua haitiana, não precisa necessariamente estar presente em uma sentença para que a leitura de passado esteja disponível. Mais precisamente, enunciados com verbos não estativos sem qualquer indício morfológico podem ser interpretados como passado diante de um verbo com objeto definido ou como presente diante de um verbo com objeto genérico. Sentenças com verbos estativos possuem interpretação de passado apenas na presença de *te*. O autor, porém, não elucida como a acionalidade e a definitude do objeto e/ou a telicidade influenciariam a interpretação de passado no haitiano. A fim de testar as predições de DeGraff (2007), elaboramos um experimento de produção com falantes nativos de crioulo haitiano. A análise de nosso *corpus* está de acordo com o que prediz o autor. Ademais, ela nos permite propor uma explicação para a leitura temporal de passado no haitiano sob a perspectiva sintático-semântica de telicidade (KRATZER, 2002) e a partir da noção de factative effect (FITZPATRICK, 2005).

Palavras-chave: Crioulo haitiano. Telicidade. Classes acionais. Definitude.

ABSTRACT

This work aims to investigate the relationship between the *aktionsart*, definiteness of the object and telicity at past temporal interpretation in Haitian Creole. We begin with DeGraff's predictions (2007), which states that the morphological particle *te*, responsible for denoting anterior in Haitian language, does not necessarily need to be present in a sentence for past interpretation to be available. More accurately, sentences with non-stative verbs without any morphological evidence might be interpreted as past before a verb with a definite object or as present before a verb with a generic object. Sentences with stative verbs have past interpretation only in the presence of *te*. The author, however, does not elucidate how *aktionsart* and definiteness of the object and/or telicity would influence past interpretation in Haitian Creole. In order to test DeGraff's predictions (2007), we developed an experiment with native Haitian Creole speakers. The analysis of our *corpus* agrees with what the author predicts. Moreover, it allows us to propose an explanation for past temporal interpretation in Haitian Creole from the syntactic-semantic perspective of telicity (KRATZER, 2002) and from the concept of factative effect (FITZPATRICK, 2005).

Keywords: Haitian Creole. Telicity. Aktionsart. Definiteness.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – VP TRANSITIVO, NÚCLEO FLEXIONAL E DP	38
FIGURA 2 – TRAÇO [TÉLICO] E DP COINDEXADOS	39
FIGURA 3 – ÍNDICE DE [ACC] VINCULA O “VESTÍGIO” DEIXADO NA POSIÇÃO DE OBJETO DIRETO	40
FIGURA 4 – EXEMPLO DE QUADRINHO DO EXPERIMENTO	102

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – AS CLASSES ACIONAIS DE VENDLER (1967)	29
QUADRO 2 – ITENS GRAMATICAIS DA LÍNGUA DOMINANTE INCORPORADAS NAS LÍNGUAS CRIOULAS	55
QUADRO 3 – POSSIBILIDADES DE REALIZAÇÃO DE TMA NO CRIOULO HAITIANO	65
QUADRO 4 – CONSIDERAÇÕES DE MCCRINDLE (1999) ACERCA DA INTERPRETAÇÃO DE ANTERIORIDADE NO CRIOULO HAITIANO	82
QUADRO 5 – INTERPRETAÇÃO DE ANTERIORIDADE NO CRIOULO HAITIANO COM BASE EM VERKUYL (1993)	90
QUADRO 6 – PREDICADOS USADOS NO EXPERIMENTO	103
QUADRO 7 – PRESENÇA E AUSÊNCIA DE <i>TE</i> NO EXPERIMENTO	104

LISTA DE SIGLAS

1PL: Primeira pessoa do plural

2PL: Segunda pessoa do plural

3SG: Terceira pessoa do singular

3PL: Terceira pessoa do plural

ANT: Anterioridade

AUX: Auxiliar

AUX-DROP: Auxiliar-drop

DEF: Definido

+DEIC: +Dêitico

DEM: Demonstrativo

DET: Determinante

FUT: Futuro

IND: Indefinido

LOC: locativo

NEG: Negação

PART: Partitivo

PL: Plural

PROG: Progressivo

REL: Pronome relativo

TMA: Tempo, Modo e Aspecto

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. CONCEITOS FUNDAMENTAIS: TEMPO, ASPECTO, ACIONALIDADE, EVENTOS, TELICIDADE E DEFINITUDE	18
2.1. Sobre tempo, aspecto, acionalidade e eventos.....	18
2.1.1. Sobre tempo	18
2.1.2. Sobre aspecto	24
2.1.3. Sobre acionalidade	27
2.1.4. Sobre eventos	31
2.2. Sobre telicidade	36
2.3. Sobre definitude	41
2.3.1. Conceito de definitude	41
2.3.2. (In)definitude: características gerais	44
2.3.3. A ocorrência de artigos nas línguas	45
2.3.4. Generacidade	48
3. DESCRIÇÃO GRAMATICAL DO CRIOULO HAITIANO	50
3.1. Breve história do crioulo haitiano	50
3.2. Formação das línguas crioulas	52
3.2.1. Processo de relexificação das línguas crioulas	56
3.3. O sistema de tempo e aspecto do crioulo haitiano	61
3.3.1. Morfologia verbal do crioulo haitiano	64
3.3.2. As classes acionais do crioulo haitiano	67
3.3.2.1. A anterioridade no crioulo haitiano	67
3.4. Ocorrência de artigos no crioulo haitiano	72
3.4.1. Artigos definidos no crioulo haitiano	73
3.4.2. Artigos indefinidos no crioulo haitiano	75

3.4.3.	Genéricos no crioulo haitiano	76
3.4.4.	Definidos nus em crioulo haitiano	78
4.	INTERPRETAÇÃO DE PASSADO NO CRIOULO HAITIANO	81
4.1.	Retomando as discussões	81
4.2.	As predições de DeGraff (2007)	84
4.3.	Possíveis análises para a interpretação de anterioridade no crioulo haitiano.	87
4.3.1.	Verkuyl (1993) e o traço [\pm SQA]	88
4.3.2.	A interpretação de anterioridade a partir de Kratzer (2002)	90
4.3.3.	A interpretação de anterioridade a partir de Fitzpatrick (2005)	94
4.4.	O experimento	100
4.4.1.	Design do experimento	101
4.4.2.	Metodologia e particularidades do experimento	102
4.4.3.	Resultados obtidos	104
4.4.4.	Análises dos resultados	105
4.5.	Em resumo	109
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	112
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	116
	ANEXO 1: MODELO 1 DO TESTE.....	119
	ANEXO 2: MODELO 2 DO TESTE.....	124
	ANEXO 3: TRADUÇÃO DO MODELO 1 DO TESTE	129
	ANEXO 4: TRADUÇÃO DO MODELO 2 DO TESTE	133

1 INTRODUÇÃO

Dados da Agência da Organização das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) revelam que houve um grande aumento do fluxo migratório para o Brasil. Em 2017, o número de pessoas que solicitaram o reconhecimento da condição de refugiado mais que dobrou em relação ao ano anterior.

O Paraná é um dos estados que mais recebem migrantes e refugiados. Neste contexto, a presença de haitianos é marcante, o que faz com que, enquanto linguistas, voltemos nossos olhares às particulares do idioma nativo do Haiti, o crioulo haitiano. Dentre elas, o sistema de tempo, modo e aspecto (TMA) chama a nossa atenção, em especial a interpretação de passado na língua haitiana.

Partimos das predições de DeGraff (2007). De acordo com o autor, o crioulo haitiano apresenta uma marca morfológica, sempre anteposta ao verbo principal, para marcar passado – a marca morfológica *te* –, etimologicamente relacionada às formas *été*, *étais* e *était* do francês. No entanto, tal marca não está necessariamente presente em uma sentença para que a interpretação de passado esteja disponível. O autor afirma que a leitura temporal dos verbos no crioulo haitiano é sensível à classe acional do verbo e também à definitude ou não de seu objeto. Mais precisamente, sentenças com verbos não estativos sem qualquer indício morfológico podem ser interpretadas como passado diante de um verbo com objeto definido, como em (1a), ou como presente diante de um verbo com objeto genérico, como em (1b). Os exemplos a seguir são extraídos de DeGraff (2007), com tradução nossa:

- (1) a. *Bouki vann chat la.*
 Bouki vender gato DEF
 ‘Bouki vendeu o gato’.
- b. *Bouki vann chat.*
 Bouki vender gato
 ‘Bouki vende gatos’.

Já sentenças com verbos estativos possuem interpretação de passado apenas diante da presença do *te*. As sentenças (2), (3) e (4) são de DeGraff (2007) e exemplificam as leituras temporais possíveis para os estativos:

(2) *Bouki te konn repons lan.*

Bouki ANT saber respostas DEF

‘Bouki soube/sabia as respostas’.

(3) *Elifèt te malad.*

Elifèt ANT doente

‘Elifèt esteve/estava doente’.

(4) *Elifèt malad.*

Elifèt doente

‘Elifèt está doente’.

Assim, a partir dos contraste entre os dados apresentados, DeGraff (2007) afirma que parece haver relação entre a leitura de passado no crioulo haitiano, as classes acionais do verbo e a telicidade do predicado correspondente. Porém, o autor não explica os motivos pelos quais a acionalidade e a telicidade influenciariam a interpretação de passado na língua em questão.

Deste modo, nosso principal objetivo neste trabalho é buscar compreender a relação entre as classes acionais e a telicidade na interpretação de passado no crioulo haitiano. As leituras bibliográficas realizadas para este trabalho nos levam a concordar com as predições de DeGraff (2007). Ou seja, nossa hipótese inicial é de que não apenas as classes acionais e a definitude do objeto, mas também a telicidade influenciam a interpretação temporal de passado no crioulo haitiano.

Para verificar nossa hipótese, buscamos, primeiramente, alguns teóricos que pudessem explicar (ou, ao menos, nos fornecer pistas sobre) o que possibilita a leitura de passado no haitiano. O primeiro deles é Verkuyl (1993) e o traço $[\pm SQA]$ – *specified quantity argument*. Para o autor, a telicidade não depende apenas da acionalidade dos verbos. É preciso observar o complemento verbal (quando há) e como ele pode modificar a semântica verbal. Caso um argumento interno possua uma quantidade específica $[+SQA]$, recebe uma leitura télica, o que dispensaria a presença do *te* no haitiano, como em (1a). Quando possui uma quantidade não específica $[-SQA]$, a interpretação verbal é atélica, o que exigiria a presença da partícula em questão para que a leitura de passado esteja disponível.

No entanto, o traço [\pm SQA] não parece suficiente para explicar a interpretação de passado no crioulo haitiano. Na sentença a seguir, retirada de Fitzpatrick (2005), podemos observar que a ausência do *te* não impossibilita uma leitura de passado, ainda que o argumento interno possua o traço [-SQA].

(5) *Pyè (te) vann machin anvan li te al nan lame.*

Pyè (ANT) vender carro antes 3SG ANT ir LOC exército

‘Pyè vendeu/vendia carros antes de entrar no exército’.

Assim, buscamos explicações mais aprofundadas para tentar compreender o que determina a presença ou ausência do marcador *te* nas sentenças do passado em crioulo haitiano. Como mostraremos adiante, Kratzer (2002) nos fornece indícios importantes ao afirmar que a telicidade – construída de modo sintático e semântico – se daria na medida em que a atribuição de caso ao DP do objeto direto da sentença conduz à presença de um traço [télico], adicionando, portanto, a exigência de culminação do evento descrito pelo predicado. Assim, a atribuição de caso ao objeto direto *diri a* em (6a) já disponibiliza a leitura de passado em crioulo haitiano, dispensando o emprego de *te*. Já em (6b) e (6c), vemos que a presença da marca morfológica em questão é necessária para termos leitura de passado diante de um objeto direto nu.

(6) a. *Pòl manje diri a.*

Pòl comer arroz DEF

‘Pòl comeu o arroz.’

b. *Li manje diri.*

3PS comer arroz

‘Ele/Ela come arroz’.

c. *Li te manje diri.*

3PS ANT comer arroz

‘Ele comeu arroz’.

Como também mostraremos ao longo deste trabalho, a noção de *factative effect* proposta por Fitzpatrick (2005) também fornece importantes indícios para compreendermos a leitura temporal de passado no haitiano. Segundo o autor, a

ausência do *te* não impede a interpretação de passado para predicados que denotam eventos desde que a sentença apresente outros fatores, em especial o objeto com traço [+específico]. Porém, quando o objeto é [-específico], o enunciado pode ser interpretado apenas no presente habitual. É o caso de (1a) e (1b), respectivamente. Para os predicados estativos, a ausência do *te* indica que a única leitura possível é a de presente, como em (4). Fitzpatrick (2005) explica este comportamento por meio do apagamento através do movimento. Assim, na ausência de um marcador temporal explícito, a interpretação de tempo ocorre em outros fatores estruturalmente presentes, o que nos conduz ao efeito factativo. Entraremos em detalhes mais adiante.

A partir dessas leituras (bem como de outras que serão expostas ao longo deste trabalho), constatamos que são muitas as variáveis que explicam o uso ou a dispensa do marcador morfológico *te* nas sentenças no passado no crioulo haitiano. Assim, elaboramos um experimento – um teste de produção – cujo objetivo é verificar as predições de DeGraff (2007) aqui expostas, bem como compreender o papel da telicidade na leitura de passado do haitiano. Analisando as predições do autor em questão, notamos que ele divide os verbos em estativos x não estativos, isto é, sem detalhar o que acontece, de fato, com os demais verbos das classes acionais de Vendler (1967). Este fator nos conduz a algumas perguntas centrais para as quais buscamos respostas em nosso teste. São elas:

- Os verbos *achievements* e *accomplishments* possuem, de fato, sempre o mesmo comportamento, isto é, eles podem dispensar o *te* diante de um objeto definido?
- O que acontece com os verbos de atividade, que, em geral, são monoargumentais?
- Além disso, todos os verbos monoargumentais apresentam o mesmo padrão de denotação de anterioridade?

O teste de produção – uma história em quadrinhos na qual o informante deve conjugar um verbo de um predicado em questão no presente ou no passado – foi aplicado com 36 falantes nativos de crioulo haitiano do sexo feminino e masculino, todos acima de 18 anos, com escolaridade e nível de proficiência em português brasileiro variados. Os resultados, como mostraremos neste trabalho, corroboram

para a nossa hipótese – ou seja, a telicidade influencia, de algum modo, a leitura de passado no haitiano.

Organizamos este trabalho da seguinte maneira: no capítulo 2, traremos alguns conceitos importantes, fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa. São eles: tempo, aspecto, evento e acionalidade; telicidade; definitude. O objetivo nesta primeira parte é não somente revisar tais conceitos, mas também esclarecer quais abordagens adotaremos ao longo deste trabalho. No capítulo 3, apresentaremos uma breve descrição da gramática do crioulo haitiano, em especial, sobre o sistema de TMA e sobre as classes acionais do idioma em questão. Falaremos ainda sobre definitude, indefinitude e genericidade no crioulo do Haiti. Por sua vez, no capítulo 4, detalharemos as previsões de DeGraff (2007), tentando interpretá-las a partir de Verkuyl (1993), de Kratzer (2002) e de Fitzpatrick (2005) – aprofundando as noções abordadas por estes autores. Neste último capítulo também apresentaremos os resultados e as análises obtidas a partir de nosso experimento.

2 CONCEITOS FUNDAMENTAIS: TEMPO, ASPECTO, ACIONALIDADE, EVENTO, TELICIDADE E DEFINITUDE

Diante dos objetivos desta dissertação, acreditamos que seja necessário revisitar alguns pontos da literatura antes de analisarmos a gramática do crioulo haitiano e a própria interpretação de presente e de passado no idioma em questão. Tempo e aspecto são categorias linguísticas que nos interessam nesta pesquisa. Precisamos também retomar as classes acionais propostas por Vendler (1967), uma vez que a acionalidade está diretamente ligada com a leitura de tempo na língua haitiana (DEGRAFF, 2007). Ainda, telicidade e definitude são conceitos que devem ser revistos, pois segundo as premissas de DeGraff (2007), o uso da marca morfológica *te* está relacionado com a presença ou ausência da telicidade no predicado de uma sentença. Começamos, então, com a discussão sobre tempo.

Como também veremos no decorrer deste capítulo, as noções de tempo e aspecto são intrínsecas ao conceito de um importante campo de estudo dentro da semântica – o evento. Por isso, destacaremos, ainda que de maneira sucinta, algumas noções sobre evento.

2.1 Sobre tempo, aspecto, acionalidade e eventos

2.1.1 Sobre tempo

De modo geral, quando se pensa em tempo, pensamos em dois elementos. O primeiro é a ideia de tempo verbal, isto é, a noção de presente, passado e futuro. Em línguas como o português e o francês, o tempo verbal é expresso pela morfologia do verbo, como em (1a), (1b) e (1c) ou por advérbios, como em (2a) e (2b)¹. Outras línguas, como o crioulo haitiano, conforme veremos posteriormente, podem marcar tempo por meio de outros marcadores morfológicos.

- (1) a. João come macarrão.
- b. João comeu macarrão.
- c. João comerá macarrão em um bom restaurante italiano.

- (2) a. João corre a maratona agora.

¹ Optamos por reiniciar, a partir do capítulo 2, a numeração dos dados que ilustram fenômenos discutidos neste trabalho.

b. João corre a maratona amanhã.

Michaelis (2006) se baseia em Lakoff & Johnson (1980)² para afirmar que as pessoas concebem o tempo em termos de espaço, visto o modo como utilizamos a linguagem para falar de relações temporais. Usamos expressões metafóricas como “esticar o tempo”, “voltar ao passado”, etc. A autora relembra que os linguistas, na tentativa de descrever os significados dos tempos verbais, chegaram a uma instância de analogia tempo-espaço – a linha do tempo. Esta linha do tempo seria um conjunto de pontos ordenados, limitado de ambos os lados e segmentado em três partes: presente, passado e futuro. Os pontos da linha do tempo, por sua vez, podem ser tempos por si mesmos ou tempos emparelhados com eventos, conforme veremos mais adiante. O fator crucial sobre o tempo, de acordo com a autora, é que ele é uma categoria dêitica. Isto é, a interpretação de tempo sempre dependerá de uma referência a algum ponto ou período de tempo que só pode ser determinado a partir do ponto de enunciação de uma sentença.

Deste modo, ainda que os advérbios auxiliem na localização de eventos, eles só podem ser analisados se soubermos localizar o momento em que a sentença foi proferida. Desta reflexão vem a outra ideia de tempo que devemos ter em mente – as noções de Reichenbach³ (1947) *apud* Michaelis (2006). De maneira resumida, Reichenbach (1947) defende que os morfemas de tempo são capazes de relacionar cronologicamente três momentos que são estruturalmente relevantes para a compreensão do tempo. Tais momentos são: a) Momento de Fala (MF), isto é, o momento em que a sentença é enunciada; b) Momento do Evento (ME): momento em que o evento descrito, de fato, ocorre; c) Momento de Referência (MR): é a perspectiva do tempo relevante para a compreensão do ME, podendo ocorrer simultaneamente ao MF ou em momentos distintos.

Conforme explica Michaelis (2006), o modelo de Reichenbach (1947) pode ser representado em uma linha do tempo por meio de pontos que se referem ao MF, ME e MR. Nesta linha, o momento representado pelo ponto da esquerda precede o da direita. Quando dois ou mais momentos coincidem, eles são representados por um mesmo ponto.

² LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metaphors we Live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.

³ Embora os estudos de Reichenbach (1947) sejam formulados sobre o inglês, acreditamos que se apliquem bem ao português brasileiro, o que nos ajudará na comparação com o crioulo haitiano.

Propomos algumas sentenças para que possamos compreender esses três momentos e, conseqüentemente, a categoria temporal. Vejamos os enunciados em (3):

- (3) a. Ela está no mercado agora. (Presente: $MF=ME=MR$)
- b. Ela foi ao mercado ontem. (Passado Perfeito: $ME<MR=MF$)
- c. Quando ela foi ao mercado, João já tinha comprado o pão (Passado mais que perfeito: $ME<MR<MF$)
- d. Ela vai estar no mercado amanhã. (Futuro: $MF<ME=MR$)

Em (3a), o momento de fala coincide com o momento do evento e com o momento de referência, ou seja, os três ocorrem simultaneamente ($MF=ME=MR$). Por sua vez, em (3b), ME é anterior ao MF, que coincide com o MR. O pretérito perfeito em (3b) indica um fato já concretizado quando visto a partir do momento da enunciação. Em (3c), no pretérito mais-que-perfeito, o momento do evento “comprar o pão” é anterior ao momento de referência “ir ao mercado”, que é anterior ao momento da fala. Já em (3d) o momento do evento (“estar no mercado”) coincide com o momento de referência (“amanhã”) e ambos são posteriores ao momento da fala ($ME=MR>MF$).

Michaelis (2006) ainda propõe um outro exemplo expresso em (4) e traduzido por nós.

- (4) a. Eu peguei um táxi para voltar para o hotel.
- b. O taxista era letão.

Segundo a autora, se o falante proferir (4b) logo após de (4a), nenhum ouvinte questionaria se o taxista ainda é letão, pois a nacionalidade letã do motorista de táxi raramente mudaria após a finalização da corrida. Então, por que o falante escolheu localizar a identidade do taxista no passado? Isso acontece porque o falante não relaciona o ponto zero temporal e as ações descritas. O tempo expressa, na realidade, a relação entre o discurso, isto é, MF e o MR. Assim, em (4a), a referência é dada por um tempo passado específico, conhecido pelo falante e ouvinte da sentença, enquanto em (4b), ela é dada a partir de (4a), o tempo da “corrida de táxi”.

Michaelis (2006) destaca que este tipo de análise é um dos motivos pelos quais as propriedades do quadro de Reichenbach (1947) são ainda duradouras. Contudo, a autora ressalta que existem falhas nos pressupostos de Reichenbach (1947), incluindo sua incapacidade de diferenciar eventos e estados, além de sua visão restritiva sobre referência temporal-adverbial. Ainda assim, é preciso destacar que a teoria do autor em questão enfatiza que toda sentença tem um momento de referência, o qual é dado pelo contexto do discurso ou pelo uso de advérbios de tempo.

Um dos fenômenos relacionados ao tempo amplamente discutido na literatura é o conceito de sequência temporal. Esta noção, conforme salienta Michaelis (2006), envolve a mudança de tempo verbal do presente para o passado na transformação do discurso direto para o indireto. Vejamos as sentenças em (5), todas retiradas de Michaelis (2006), com tradução nossa.

- (5) a. Débora disse que gostava de vinho. (“Eu gosto de vinho”)
b. Débora disse que tinha trazido uma garrafa de vinho. (“Eu trouxe uma garrafa de vinho”).
c. Débora disse que traria uma garrafa de vinho. (“Eu trarei uma garrafa de vinho”).

De acordo com a autora, os tempos das sentenças em (5) são relativos, pois não relacionam a situação denotada com o momento da fala. Ao invés disso, o momento de fala da sentença encaixada é identificado com o momento do evento “gostar de vinho”. Assim, Michaelis (2006) cita Hornstein (1991)⁴ e sua proposta de regra de sequência temporal, que desloca o momento de fala da oração encaixada e o associa ao evento da oração matriz. Consequentemente, a posição dos pontos do evento e da referência da oração encaixada em relação ao momento de fala da oração matriz prediz a forma temporal que é utilizada na mudança do discurso direto para o indireto.

Todavia, esta regra não é completamente aceita entre os linguistas. Michaelis (2006) cita de Declerck and Depraetere (1995)⁵, os quais argumentam que sentenças como (5a) ilustram dois usos distintos do passado: ou seja, o verbo “disse” aponta para o uso absoluto, no qual o passado indica anterioridade do momento de referência

⁴ HORNSTEIN, N. *As Time Goes By*. MA : MIT Press, 1991.

⁵ DECLERCK, R. & DEPRAETERE, I. The Double System of Tense Forms Referring to Future Time in English. *Journal of Semantics* 12: 269-310, 1995.

em relação ao momento de fala; o verbo “gostava” exemplifica um uso relativo no qual o passado sugere simultaneidade da situação a um tempo de referência que está no passado em relação ao momento de fala. Os autores sustentam suas análises a partir da observação, por exemplo, do uso de passado em sentenças coordenadas, como em “Eu dancei na festa em que minha irmã discotecou”. Neste caso, as duas atividades estão sobrepostas no momento de referência.

Michaelis (2006) aponta ainda outro problema na noção de tempo de Reichenbach (1947), reconhecido por uma série de teóricos: a concepção de referência é estática. Segundo a autora, Reichenbach (1947) defende que, em uma narrativa, as asserções devem compartilhar um ponto de referência. Essa visão parece, de fato, contraditória à ideia de que narrativas representam uma série de acontecimentos em curso. Michaelis (2006) acrescenta que diversos autores tentaram expandir a concepção de Reichenbach (1947) sobre tempo de referência com o intuito de descrever a sequência temporal dos eventos na narrativa.

É interessante pensarmos nas interpretações que as sequências temporais podem adquirir, uma vez que este trabalho pretende analisar a interpretação de passado no crioulo haitiano. Michaelis (2006) salienta que a leitura de passado no inglês pode ser dividida em dois tipos gerais. Em ambos, o marcador de tempo passado é visto como um operador que tem escopo sobre uma proposição sem marcação de tempo. A verdade da proposição resultante é avaliada, segundo a autora, no momento de fala.

Assim, o primeiro tipo de interpretação de passado é aquele em que uma proposição que traz o operador de passado é verdadeira se e somente se a proposição sem marcação de tempo (isto é, genérica) for verdadeira no tempo t_1 , anterior ao momento de fala (PRIOR, 1967). O segundo, defendido por Reichenbach (1947), afirma que uma sentença no passado é interpretada como verdadeira ou falsa apenas a partir da relação com o intervalo de tempo específico, isto é, o tempo de referência. Michaelis (2006) baseia-se em Partee (1984)⁶ para ressaltar que na visão de Prior (1967) a verdade de uma asserção no passado depende da verdade da sentença base em algum ponto do passado, enquanto na visão de Reichenbach (1947) a verdade de uma asserção no passado se relaciona à verdade da sentença base naquele tempo específico do passado.

⁶ PARTEE, B. Nominal and Temporal Anaphora. *Linguistics and Philosophy* 7: 243-286, 1984.

De acordo com Michaelis (2006), as interpretações de tempo mais modernas possuem mais preferência pela linha de Reichenbach (1947). Isso se deve ao fato de existirem evidências que sugerem que a especificação referência-tempo deve ser parte das condições de verdade de sentenças no passado. Observemos a sentença (6):

(6) Eu já lavei a louça.

O falante que proferir a sentença (6) seria visto como um mentiroso se ele estivesse se referindo a algum momento qualquer no passado (digamos, na semana passada) e não ao momento que o ouvinte tem em mente (por exemplo, hoje depois do jantar).

Também é interessante observamos que o tempo ainda pode ser momentâneo ou contínuo, como uma série de “tempinhos”, conforme aponta Galotti (2014). Em (7), “tossir” acontece em um tempo específico e em (8) o predicado “pintar um quadro” requer uma série de “tempinhos”, isto é, o tempo necessário para que o artista finalize sua obra. Esta relação tempo específico x “tempinhos” tem a ver com acionalidade, conceito que abordaremos adiante neste trabalho.

(7) João tossiu.

(8) João pintou o quadro.

Sobre sentenças como (8), podemos pensar que no tempo t_1 João pintou a primeira parte do quadro, em t_2 , pintou a segunda e, assim, sucessivamente, até terminar a obra. Para Smollett (2005), em (8) a interpretação de tempo é contínua porque o evento de “pintar o quadro” é mensurado em uma espécie de escala e também marcado pela mudança de propriedade do objeto (a cada vez que João pintava o quadro, a obra ficava mais próxima da finalização).

Assim, neste trabalho quando falarmos em anterioridade sempre nos referimos a uma relação temporal estabelecida em algum ponto de referência no passado. Esta noção pode denotar diferentes tempos verbais da gramática tradicional: passado perfeito, imperfeito, mais-que-perfeito, entre outros.

Discutimos, ainda que brevemente, algumas noções sobre tempo. Parece-nos, contudo, impossível discuti-lo sem falar sobre outra importante categoria gramatical: o aspecto.

2.1.2 Sobre aspecto

A literatura sobre aspecto é bastante vasta. Trata-se, em primeiro lugar, de uma categoria gramatical cuja função é expressar o que está acontecendo internamente no tempo. Comrie (1976) complementa: “Como uma definição geral de aspecto, podemos tomar a formulação de que aspectos são diferentes maneiras de observar a constituição temporal interna de uma situação” (COMRIE, 1976, p. 3)⁷.

Em outras palavras, “aspecto é o que há de não dêitico na categoria tempo” (CORÔA, 2005, p. 61). Assim, podemos concluir que enquanto o tempo localiza um evento no presente, passado ou futuro, o aspecto denota como este evento ocorreu ou, ainda, as suas fases. Voltar o olhar para as fases de um evento significa que o aspecto está relacionado ao tempo interno de um evento. Observemos as sentenças em (9):

- (9) a. O telefone tocou quando João chegou em casa.
- b. O telefone estava tocando quando João chegou em casa.

Tanto (9a) como (9b) trazem dois eventos que ocorreram no passado, todavia, denotam significados diferentes. Em (9a), o evento “tocar o telefone” aconteceu simultaneamente ao evento de “João chegar em casa”. Em (9b), “tocar o telefone” já acontecia antes de o “João chegar em casa”. A diferença, conforme aponta Corôa (2005), é de duratividade: em (9a), o evento em questão não é durativo; (9b) apresenta um evento durativo, que perdura no tempo.

Castilho (1994) e também Wachowicz (2003) ressaltam que, quando falamos em aspecto, as leituras podem assumir duas perspectivas. A primeira é qualitativa, que trata da estrutura do tempo (perfectivo x imperfectivo) e a segunda é quantitativa, a qual quantifica um evento, caracterizando-o como episódico, interativo ou habitual. Vejamos esta sugestão de classificação:

a) Leitura qualitativa de aspecto

- *Aspecto perfectivo*: refere-se a um evento acabado, sem marcação interna de começo, meio e fim, como na sentença (10).

⁷ Do original : “As the general definition of aspect, we may take the formulation that ‘aspects are different ways of viewing the internal temporal constituency of a situation’.”

(10) João fez os trabalhos da universidade.

- *Aspecto imperfectivo*: o início e o fim de um evento são abertos no tempo, apresentando-o em sua estrutura interna. Existem três subtipos de imperfectivo, segundo Castilho (1994), a saber: Imperfectivo Inceptivo, que mostra a fase inicial de um processo; Imperfectivo Cursivo, o qual denota a ação em curso; Imperfectivo Terminativo, que, por sua vez, apresenta a fase final de um processo. Os três estão exemplificados em (11), (12) e (13), respectivamente.

(11) João começou a estudar árabe.

(12) O vendedor está atendendo.

(13) João terminou de limpar a casa.

b) Leitura quantitativa de aspecto⁸

- *Aspecto episódico (ou semelfactivo)*: acontece em sentenças que descrevem apenas um único evento, como naquelas com interpretação cursiva.

(14) João está lavando o carro.

- *Aspecto iterativo*: marca a repetição determinada de um evento.

(15) A cada cinco semanas, João realiza exames de sangue.

- *Aspecto habitual*: marca a repetição indeterminada de um evento, o qual se torna um hábito.

(16) João chega em casa à meia-noite há dois anos.

Vale ressaltar, conforme aponta Gallotti (2004), que o limite entre essas leituras aspectuais, sobretudo entre o cursivo, iterativo e habitual, é bastante sutil. A autora afirma que é a diferença entre situação e evento que denota aspecto cursivo, iterativo ou habitual. Deste modo, o cursivo representa um único evento em uma situação e o iterativo apresenta diversos eventos, também em uma situação única. Já o habitual representa mais de uma situação.

⁸ Esta proposta de divisão é apresentada por Wachowicz (2003).

O aspecto também se relaciona com as sentenças sem tempo – aquelas que não denotam momentos de evento, de fala e de referência. Elas são conhecidas como sentenças genéricas e possuem em comum o fato de não dependerem da noção de dêixis, como destaca Gallotti (2004). As sentenças genéricas dividem-se em universais ou generalizações acidentais (hábitos). São exemplos, respectivamente, (17) e (18):

(17) A Terra gira em torno do sol.

(18) João corre.

Apresentamos uma visão geral sobre aspecto, suas características e propriedades gerais. Contudo, precisamos nos aprofundar em alguns pontos desta categoria, em especial na noção de perfectividade e imperfectividade. Ela nos trará, como veremos, a necessidade de falarmos sobre as classes acionais – outro ponto fundamental para a nossa pesquisa.

Voltemos, porém, à ideia de perfectividade x imperfectividade. De acordo com Pires de Oliveira e Basso (2010), a noção básica de perfectivo é que ele denota um evento como um todo, incluindo seu começo, meio e fim. Contudo, os autores afirmam que esta definição de perfectividade é imprecisa, pois abre margem para dois questionamentos opostos: o evento chegou ao final porque ele terminou (ou seja, porque seu ponto máximo foi atingido) ou o evento chegou ao final simplesmente porque cessou, sem ter atingido seu ponto máximo?

Considera-se que nas sentenças imperfectivas, o intervalo em que o evento acontece está contido no tempo de referência. Ou seja, em uma sentença como (19), extraída de Pires de Oliveira e Basso (2010), não se pode falar em completude do evento, pois ele vai além do tempo de referência.

(19) João lia o seu livro.

Já as sentenças perfectivas, o intervalo em que o evento ocorre está contido no tempo de referência. Novamente, o problema apontado por Pires de Oliveira e Basso (2010) se apresenta, isto é, não se sabe se o evento terminou ou se ele cessou. Deste modo, uma sentença como (20a) não acarreta, necessariamente, algo como (20b).

- (20) a. João comeu o bolo.
b. João comeu o bolo inteiro.

É perfeitamente possível que João tenha comido o bolo – uma fatia, metade da forma, mas não necessariamente ele inteiro. Segundo os autores em questão, este dado mostra, portanto, que a relação entre o perfectivo e o alcance do *telos* não pode ser de acarretamento, pois, caso contrário, qual seria a função de “inteiro” em (20b)? Pires de Oliveira e Basso (2010) atestam, ainda, que não se trata de um problema relacionado a (não) homogeneidade do verbo⁹. Se fosse esse o caso, a sentença (21), retirada dos próprios autores, seria contraditória, porém ela não o é. Ela mostra que o evento “construir a casa” ocorreu até certo ponto, mas não até seu ponto final, seu *telos* – ter a casa pronta.

(21) João construiu a casa, mas não terminou / mas não inteira / mas não completamente.

Aprofundar-se nessa questão do paradoxo do imperfectivo (e do passado de modo geral) requer que retomemos outros conceitos importantes, que influenciam a interpretação de passado. Um deles, conforme já mencionado, é o *Aktionsart*. Outro é a telicidade, isto é, a propriedade de um evento ter ou não um fim previsível. Trata-se de um aprofundamento do *Aktionsart*, como veremos adiante.

2.1.3 Sobre acionalidade

Observemos as sentenças a seguir:

- (22) a. João estava vendendo o carro.
b. João vendeu o carro.
(23) a. João estava comendo macarrão.
b. João comeu macarrão.

⁹ Segundo Pires de Oliveira e Basso (2010), verbos homogêneos são aqueles que denotam subeventos do mesmo tipo (“ler o livro” é composto por diversos eventos de ler o livro parcialmente). Verbos não homogêneos, por sua vez, são aqueles compostos por subeventos distintos, como “construir a casa”. Os autores apoiam-se em Rothstein (2004) para sustentar essa teoria.

Qual seria a diferença entre as sentenças em (22) e em (23)? As sentenças (22a) e (23a) possuem aspecto imperfectivo – início e fim do evento são abertos no tempo –, ao passo que (22b) e (23b) apresentam aspecto perfectivo, pois denotam um evento acabado no tempo. Contudo, esse conjunto de sentenças revela outro “problema semântico”. Em (22a) não podemos afirmar que João, de fato, vendeu o carro, porém, em (23a) João certamente comeu macarrão, embora talvez tenha comido só um pouco ou não tenha finalizado o prato. É possível afirmar, então, que a diferença entre ambas está no tipo de predicado – não é possível a implicação do perfectivo a partir do imperfectivo.

Este tipo de observação conduziu os estudos à classificação dos verbos a partir de um esquema temporal interno. É o que se chama, de acordo com Pires de Oliveira e Basso (2007), de *Aktionsart* ou acionalidade. Os autores baseiam-se em Bertinetto (1994)¹⁰ para definir a acionalidade como “o tipo de evento, especificado de acordo com um número limitado de propriedades relevantes [...]. As oposições básicas são aquelas entre eventos pontuais vs. durativos, télico vs. atélicos e estativos vs. dinâmicos” (BERTINETTO, 1994 *apud* PIRES DE OLIVEIRA E BASSO, 2007, p. 95).

A acionalidade também é, assim como o aspecto, uma categoria não dêitica e parece atuar no nível da descrição dos eventos. Não podemos, porém, unificar ambos os conceitos, pois a acionalidade está relacionada com “o tipo, ou classe do evento e, essa classe ou tipo pode sofrer todas as operações aspectuais e também aparecer em todas as referências temporais possíveis” (PIRES DE OLIVEIRA E BASSO, 2007, p. 96). Os autores salientam que, apesar de podermos combinar tempo, aspecto e acionalidade, tais combinações não são totalmente livres, isto é, há restrições sobre elas que resultam em interpretações diversas (ou agramaticais) para um evento.

Pires de Oliveira e Basso (2007) apresentam a teoria de classes acionais proposta por Vendler (1967), que ainda possui maior consenso na literatura. Deste modo, os predicados são divididos nas seguintes classes:

- *Estativos*: são os predicados que não exibem dinamicidade, isto é, referem-se a estados. São exemplos:

(24) João é alto.

¹⁰ BERTINETTO, P.M. Statives, progressives and habituels : Analogies and divergences. *Linguistiques* 32 : 391-423, 1994.

(25) João está com fome.

- *Atividade*: refere-se aos predicados com eventos dinâmicos sem fim previsível, ou seja, que podem continuar indefinidamente, como em (26):

(26) João corre.

- *Achievements*: refere-se aos predicados que possuem fim e que não “levam tempo” para acontecer. Ou seja, os eventos são pontuais, não durativos, como ilustra (27):

(27) João atingiu o topo da montanha.

- *Accomplishments*: são os predicados cujo evento possui um fim previsível e que é durativo no tempo. Vejamos um exemplo em (28):

(28) João desenhou o retrato.

Pires de Oliveira e Basso (2007) sistematizam as classes acionais de Vendler (1967) no quadro a seguir através dos traços [± dinâmico], [± télico] e [± durativo]:

QUADRO 1 – AS CLASSES ACIONAIS DE VENDLER (1967)

Classe	[± dinâmico]	[± télico]	[± durativo]	Exemplos
Estativo	-	-	+	<i>ter fome</i>
Atividade	+	-	+	<i>correr</i>
<i>Accomplishment</i>	+	+	+	<i>escrever a carta</i>
<i>Achievement</i>	+	+	-	<i>atingir o topo</i>

Fonte: Adaptado de PIRES DE OLIVEIRA E BASSO (2007).

Como classificar os verbos / predicados nas classes vendlerianas? Pires de Oliveira e Basso (2007) apresentam alguns testes para isso. O primeiro, segundo os autores, é utilizar sentenças com diferentes aspectos gramaticais e observar suas

implicações, como os exemplos em (29), extraídos de Pires de Oliveira e Basso (2007).

- (29) a. João estava construindo a casa. (João construiu a casa: *accomplishment*)
b. João estava passeando. (João passeou: atividade)
c. João estava ganhando a corrida. (João ganhou a corrida: *achievement*)
d. João estava tendo dor de cabeça. (João teve dor de cabeça: estativo)

Seguindo este teste, podemos separar as classes acionais em duas: 1) eventos que permitem a inferência do progressivo para o perfectivo; e 2) eventos que não permitem tal inferência. Vemos, assim, que os eventos da classe 2 são os que não possuem um fim previsível, ao passo que os da classe 1 o possuem. Segundo Pires de Oliveira e Basso (2007), a propriedade de ter ou não um fim previsível, não arbitrário, recebe o nome de telicidade. Deste modo, a classe 1, representada por (29b) e (29d), denota eventos [-télicos] e a classe 2, exemplificada em (29a) e (29c), denota eventos [+télicos]. Voltaremos à noção de telicidade posteriormente.

Outro teste, talvez o mais difundido, é o uso de expressões adverbiais como “por x tempo / em x tempo”, em que “x tempo” representa uma quantidade qualquer de tempo. Vejamos os exemplos para compreender como funciona este teste:

- (30) a. João nadou por uma hora. (atividade)
b. ? João nadou em uma hora. (atividade)
(31) a. João desenhou o retrato por uma hora. (*accomplishment*)
b. João desenhou o retrato em uma hora. (*accomplishment*)
(32) a. ? João ganhou a competição por uma hora. (*achievement*)
b. João ganhou a competição em uma hora. (*achievement*)
(33) a. João teve fome por uma hora (estativo).
b. ? João teve fome em uma hora. (estativo)

É possível perceber que este teste nos permite separar *accomplishments* e *achievements*, classes compatíveis com “em x tempo”, de atividades e estativos, incompatíveis com “em x tempo”. Também percebemos que a condição “por x tempo” é compatível com todas as classes acionais, exceto com a *achievement*. Para

individualizar os estativos, Pires de Oliveira e Basso (2007) recomendam que se utilize o teste “fazer o mesmo”. Segundo os autores, os estativos nunca podem ser retomados por esta expressão, como mostra (34), extraída de Pires de Oliveira e Basso (2007, p. 98):

(34) ? João sabe latim e Maria faz o mesmo.

Van Hout, De Swart e Verkuyl (2005) observam, contudo, que é preciso ter cuidado com testes que utilizam advérbios de tempo do tipo “por x tempo / em x tempo”. Consideremos, por exemplo, as sentenças em (35), retiradas dos autores supracitados, com tradução nossa:

- (35) a. #Ela caminhou três quilômetros por uma hora.
b. Ela caminhou quilômetros por uma hora.

De acordo com os autores em questão, plurais nus conduzem a interpretação aspectual para a duratividade. Assim, “ela caminhou por quilômetros” é vista como um processo, enquanto a presença de “três” em (35a) possibilita a interpretação de “ela caminhou três quilômetros” como um evento que pode ser quantificado. Dito de outro modo, quando se tenta interpretar (35a), a leitura é forçada no sentido de que ela repetiu sua caminhada de três quilômetros por indefinido número de vezes. Van Hout, De Swart e Verkuyl (2005) acrescentam, ainda, que expressões como “por x tempo”, de algum modo, quantificam – provavelmente, algum tipo de quantificação universal esteja envolvido. Já os “em x tempo” contribuem com algum tipo de quantificação existencial ou simplesmente localizam a eventualidade.

Ao longo deste capítulo, percebemos que uma palavra aparece com frequência em nosso texto: evento. Convém, portanto, destacarmos, ainda que de maneira sucinta, algumas noções de evento, visto que a literatura sobre o tema é bastante vasta.

2.1.4 Sobre eventos

De maneira geral, quando pensamos em um evento, pensamos em uma situação qualquer em particular. Entretanto, a noção de evento é muito mais complexa

em nosso campo de estudo. Como vimos na seção anterior, Vendler (1967) classifica a tipologia aspectual dos verbos a partir de propriedades temporais, ou seja, a partir dos traços [±durativo]. [± dinâmico] e [±télico]. Assim, conforme Tenny e Pustejovsky (2000), verbos estativos não possuem estrutura interna ou mudança ao longo do tempo na veracidade da sentença (por exemplo, “João ama Maria”). Um verbo de atividade, por sua vez, pode ser interpretado como um evento em curso com mudanças e duração internas, mas não necessariamente com um ponto final (como em “João caminhou pelo campo”). Ainda segundo os autores, *accomplishments* são eventos com uma determinada duração e, obrigatoriamente, com um ponto final (por exemplo, “João desenhou o círculo”). *Achievements*, por outro lado, possuem um ponto de culminação instantâneo e não possuem duração (como em “João chegou em casa”).

Tenny e Pustejovsky (2000) ressaltam que as classes vendlerianas foram reorganizadas por diversos autores em diferentes subgrupos, sendo que a distinção mais básica por eles realizada se resume à classificação em verbos estativos e não estativos. Contudo, relacionar essas terminologias com o evento e suas propriedades pode ser algo bastante confuso. Tenny e Pustejovsky (2000) criticam o uso de múltiplos termos para conceitos idênticos ou bastante similares. Por exemplo, a propriedade de um evento possuir ou não um ponto final é chamada na literatura de distinção delimitada/não delimitada (VERKUYL, 1972¹¹; JACKENDOFF, 1990¹²), distinção culminativa/não culminativa (MOENS e STEEDMAN, 1988¹³), distinção télica/atélica (SMITH, 1991¹⁴). Ainda, verbos *accomplishment* e *achievements* podem ser diferenciados em termos de homogeneidade (HINRICHS, 1985¹⁵) ou de cumulatividade (KRIFKA, 1992¹⁶).

De qualquer modo, a classificação proposta por Vendler (1967) é ainda a mais utilizada na literatura. Todavia, como apontam Tenny e Pustejovsky (2000), ela traz diversos problemas. Diversos estudos mostram, por exemplo, que a classe dos verbos

¹¹ VERKUYL, H.J. *On the Compositional Nature of the Aspects*. Reidel, Dordrecht, 1972.

¹² JACKENDOFF, R. *Semantic Structures*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1990.

¹³ MOENS, M. & STEEDMAN, M. Temporal Ontology and Temporal Reference. In *Computational Linguistics*, 14-2, MIT Press, Cambridge, MA, 15-28, 1988.

¹⁴ SMITH, C. The Parameter of Aspect. Dordrecht: Kluwer, 1991.

¹⁵ HINRICHS, E. *A Compositional Semantics for Aktionsarten and NP Reference in English*. PhD Dissertation, Ohio State University, 1985.

¹⁶ KRIFKA, M. Thematic Relations as Links between Nominal Reference and Temporal Constitution. In I. Sag and A. Szabolsci (eds.), *Lexical Matters*. Stanford: Center for the Study of Language and Information, 1992.

achievements tem se mostrado bastante questionável; questiona-se também a aparente simplicidade dos verbos estativos. Assim, segundo os autores:

É também amplamente aceito hoje que devemos falar sobre as propriedades aspectuais do sintagma verbal ou da sentença, e não simplesmente das propriedades aspectuais do verbo, uma vez que muitos fatores, incluindo a modificação adverbial e a natureza do objeto do sintagma nominal, interagem com quaisquer que sejam as propriedades aspectuais que o verbo detém inicialmente. No entanto, permanece claro que o aspecto, que se refere à estrutura temporal interna dos eventos, deve ser distinguido sintática e semanticamente do tempo, que se refere à localização de um evento na linha do tempo, embora tempo e aspecto possam aparecer fundidos em algumas morfologias (TENNY e PUSTEJOVSKY, 2000, p. 6, tradução nossa)¹⁷.

Entramos, assim, em uma outra visão de eventos a partir da decomposição de predicados. Tenny e Pustejovsky (2000) citam o trabalho de Davidson (1967)¹⁸, no qual ele estabelece um modelo para capturar os acarretamentos apropriados entre proposições envolvendo ações e expressão de eventos. Consideremos nas sentenças a seguir propostas por Tenny e Pustejovsky (2000) e adaptadas por nós do inglês para o português, como capturar os acarretamentos entre (36a) e suas versões em (36b) a (36e), em que se modifica o evento “comer”.

- (36) a. Maria comeu.
- b. Maria comeu o macarrão.
- c. Maria comeu o macarrão com um garfo.
- d. Maria comeu o macarrão com um garfo na cozinha.
- e. Maria comeu o macarrão com um garfo na cozinha às 3 horas da tarde.

De acordo com os autores, Davidson (1967) reifica os eventos como indivíduos, permitindo uma quantificação sobre eles. Os acarretamentos derivam, portanto, de uma generalização conjuntiva. A proposta deste autor foi, assim, um dos pontos iniciais para a ampla pesquisa sobre a estrutura dos significados verbais surgidas

¹⁷ No original : It is also now generally accepted that we must talk about the aspectual properties of the verb phrase or the clause, rather than simply the aspectual properties of the verb, since many factors including adverbial modification and the nature of the object noun phrase interact with whatever aspectual properties the verb starts out with. However, it remains clear that aspect, which deals with the internal temporal structure of events, must be distinguished syntactically and semantically from tense, which deals with locating an event in time; even though tense and aspect may appear to be merged in some morphologies.

¹⁸ DAVIDSON, D. The Logical Form of Action Sentences. In D. Davidson, (ed.), *Essays on Actions and Events*. Oxford: Clarendon Press, 1967.

desde a publicação de Vendler (1967). Tenny e Pustejovsky (2000) salientam que a literatura surgida entre as décadas de 1970 e 1990 contribuíram para a percepção de que a gramática não poderia mais tratar eventos como simples unidades atômicas, mas deveria analisá-los como eventos complexos, que possuem uma estrutura interna. Assim, eventos complexos, segundo Tenny e Pustejovsky (2000), são compostos por um evento interno e por um evento externo, em que o externo é associado a causalidade e agentividade e o interno, por sua vez, é associado a telicidade e mudança de estado.

Para que possamos compreender o conceito de eventos complexos, os autores propõem a seguinte sentença:

(37) João fatiou o pão.

O predicado canonicamente do tipo *accomplishment* apresentado em (37) pode ser visto como composto por dois eventos, um interno e outro externo. O evento interno é um evento télico no qual o pão sofre uma mudança de estado em um determinado período de tempo. Já o evento externo é um evento em que João age agentivamente para realizar tudo o que envolve o ato de fatiar. De acordo com Tenny e Pustejovsky (2000), o evento externo causa o interno, logo ambos estão associados a partir de uma relação de causalidade, que é representada por uma relação entre duas expressões proposicionais, dois eventos ou entre um agente e um evento. Os autores citam o exemplo de Carter (1976)¹⁹ para a representação do significado do verbo “escurecer”:

(38) x CAUSA ((y FICAR ESCURO) MUDANÇA)

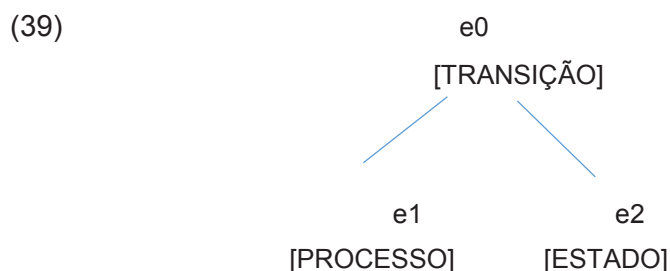
(CARTER, 1976 *apud* TENNY e PUSTEJOVSKY, 2000, p. 8)²⁰.

Em (38), o evento CAUSA é representado como a relação entre um argumento causativo x e uma expressão interna envolvendo uma mudança de estado no

¹⁹ CARTER, R. J. Some Linking Regularities. In B. Levin and C. Tenny (eds.). *On Linking: Papers by Richard Carter, Lexicon Project Working Papers 25*, MIT Center for Cognitive Science, Cambridge, MA, 1-92, 1976.

²⁰ x CAUSE ((y BE DARK) CHANGE)).

argumento y. Chegamos, então, à ideia de decomposição de predicados²¹, um conceito ampliado por Pustejovsky (1991), que explicita a reificação de eventos e de subeventos em expressões predicativas. Para ele, uma “sintaxe de estrutura do evento” aponta para eventos quantificados como parte do significado da palavra. Pustejovsky (1991) *apud* Tenny e Pustejovsky (2000) introduz ainda uma estrutura de árvore para representar as restrições de ordenação e dominância temporais em um evento e seus subeventos. O autor nos fornece um exemplo para o predicado “construir”:



De acordo com o autor em questão, o processo consiste na atividade de construção, enquanto o estado representa o resultado atingido, isto é, o objeto construído. Assim, Pustejovsky (1991) assume uma visão de que as informações que concernem ao tempo, espaço e causalidade possuem um *status* diferente de outros tipos de informações temáticas, conceptuais ou lexicais²². Portanto, o que diferencia a classificação de Vendler (1967) da de Pustejovsky (1991) é o fato de o primeiro autor se basear no tempo inerente aos verbos, enquanto o segundo chegou à sua proposta a partir das relações de causa, permanência e mudança de estado que os eventos denotam. Neste trabalho, contudo, optamos pela noção de evento a partir de Vendler (1967).

Nestas duas últimas seções abordamos, em diversas passagens, o termo “télico/atélico”. A telicidade é, de fato, uma propriedade semântica bastante importante

²¹ Os autores sugerem que é possível se aprofundar no conceito de decomposição de predicados a partir de Jackendoff (1990) e Levin e Rapoport (1988): JACKENDOFF, R. *Semantic Structures*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1990. LEVIN, B.; RAPOPORT, T. Lexical Subordination. *Proceedings of the Chicago Linguistics Society*, 1988.

²² É possível se aprofundar na noção de evento a partir de Pustejovsky (1991). No entanto, neste trabalho não iremos detalhar esta linha teórica, uma vez que optamos por seguir a perspectiva de Vendler (1967).

para o desenvolvimento de nossa pesquisa. Por isso, iremos apresentar na sequência algumas considerações sobre esta propriedade.

2.2 Sobre telicidade

Anteriormente, vimos que a telicidade se refere à propriedade de predicados terem ou não um fim previsível, não arbitrário (PIRES DE OLIVEIRA E BASSO, 2007). Contudo, o conceito de telicidade é amplamente discutido na literatura e acreditamos que é necessário aqui discuti-lo também, pois, como veremos adiante, falamos de uma propriedade fundamental para a interpretação de presente e passado no crioulo haitiano.

A principal questão sobre telicidade – que, muitas vezes, divide os semanticistas da área – gira em torno das propriedades que conferem (ou não) um fim previsível aos eventos, como apontado por Pires de Oliveira e Basso (2007). O trabalho de Kratzer (2002) apresenta uma visão interessante sobre essas propriedades a partir de uma perspectiva semântico-sintática. A autora defende que, apesar da ausência de pistas morfológicas, há uma ligação entre telicidade e atribuição de caso acusativo. Tomando como base o finlandês, uma língua que exhibe marcação de caso acusativo e partitivo para o objeto, Kiparsky (1998)²³, citado por Kratzer (2002) afirma que a atribuição de caso para objetos diretos acontece no nível VP. Objetos diretos possuem caso partitivo se o VP for “*unbounded*” (isto é, livre, não delimitado) e caso acusativo se o VP for “*bounded*” (delimitado). Vejamos os exemplos do finlandês propostos pela autora²⁴.

- | | |
|--|-----------|
| (40) a. <i>Ammu - i - n karhu - a.</i> | Partitivo |
| atirar - ANT -1sg urso – part | |
| ‘I shot at a bear.’ | |
| ‘I shot at the bear.’ | |
| b. <i>Ammu - i - n karhu – n.</i> | Acusativo |
| atirar - ANT - 1sg urso - acc | |
| ‘I shot the bear.’ | |
| ‘I shot a bear.’ | |

²³ KIRPARSKY, P. Partitive Case and Aspect. In M. Butt and W. Geuder (eds.): *The Projection of Arguments*. Stanford (CSLI Publications), 1998, 265-307.

²⁴ Optamos por não traduzir as sentenças da autora do inglês para o português para que as diferenças de caso acusativo e partitivo fiquem mais evidentes para o leitor.

- (41) a. *Ammu - i - n karhu - j - a.* Partitivo
 shoot - ANT - 1sg bear - pl - part
 'I shot bears'.
 'I shot at bears'.
 'I shot at the bears'.
- b. *Ammu - i - n karhu - t.* Acusativo
 shoot - ANT - 1sg bear - pl - acc
 'I shot the bears'.
- (42) a. *Ammu - i - n kah-ta karhu - a.* Partitivo
 shoot - ANT - 1sg two-part bear - part.
 'I shot at two bears.'
 'I shot at the two bears.'
- b. *Ammu - i - n kaksi karhu - a* Acusativo
 shoot – past – 1sg two-acc. bear – part
 'I shot two bears.'
 'I shot the two bears'

A grande questão desta proposta está em compreendermos por que existe uma conexão entre uma propriedade semântica de VPs e atribuição de caso para objetos diretos. Segundo Kratzer (2002), a relação entre telicidade e caso pode ser compreendida seguindo a perspectiva minimalista, a partir de traços interpretáveis e não interpretáveis. Assim, “os traços flexionais do verbo podem ser as contrapartes interpretáveis de traços não interpretáveis de caso” (CHOMSKY, 1995 *apud* KRATZER, 2002, p. 1)²⁵. Logo, se um núcleo de flexão verbal corresponde à telicidade, a relação entre atribuição de caso para objeto direto e telicidade é de concordância. O traço não interpretável [acc] em um DP concorda com sua contraparte interpretável: o traço da flexão verbal ligado à telicidade. Deste modo, a autora sustenta que a telicidade, para uma vasta gama de verbos, é construída

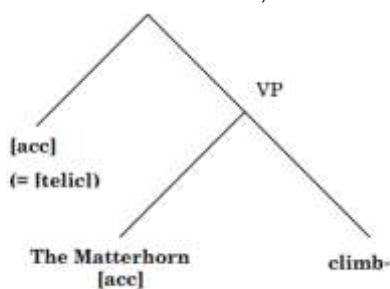
²⁵ No original: “Verbal inflectional features might be the interpretable counterparts of uninterpretable case features” (CHOMSKY, 1995 *apud* KRATZER, 2002, p. 1).

sintaticamente. Consequentemente, a noção de verbo, segundo a autora, não é una, mas se dá a partir de dois constituintes logicamente separados – um núcleo lexical e um núcleo aspectual. A variação paramétrica entre as línguas consiste nas diferentes formas em que essas duas funções separadas são instanciadas morfológicamente, uma conclusão também avançada em Ramchand (1997)²⁶, citada por Kratzer (2002).

Sob o ponto de vista semântico, a autora sugere que a presença do traço [télico] adicione a exigência de que a culminação do evento descrito pelo predicado ocorra; sua noção de culminação, contudo, difere da de Parsons (1990)²⁷, já que para esse autor culminação é apenas uma propriedade dos eventos e Kratzer (2002) leva em conta o objeto para determinar a culminação. Por outro lado, a autora também se posiciona contra visões como a de Krifka (1998) que abordam as propriedades semânticas da telicidade a partir da quantização do objeto direto²⁸. No entanto, ela mobiliza um conceito deste autor para definir culminação: a noção de Mapeamento de Eventos. Segundo Krifka (1998), há um paralelismo entre a progressão dos eventos que um verbo transitivo descreve e a estrutura de partes do referente do objeto direto. Para ser o mais abrangente possível, é preciso que a denotação de [télico] inclua uma função de medida de alcance da culminação

Na perspectiva sintática, a autora propõe que tomemos como exemplo o VP transitivo *climb the Matterhorn* para construir a estrutura relevante, que deve conter o próprio verbo *climb* (“escalar”), um núcleo flexional [télico] e o DP *The Matterhorn*, como na Figura 1:

FIGURA 1 – VP TRANSITIVO, NÚCLEO FLEXIONAL E DP



Fonte: KRATZER (2002)

²⁶ RAMCHAND, G.C. *Aspect and Predication. The Semantics of Argument Structure*. Oxford (Clarendon Press), 1997.

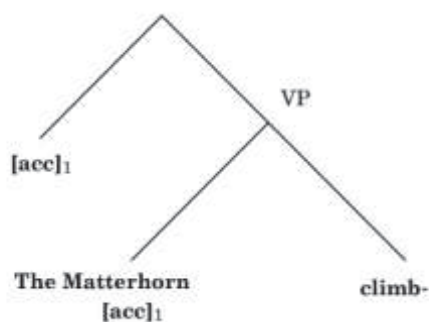
²⁷ PARSONS, *Events in the Semantics of English*. Cambridge/MA. (The MIT Press), 1990.

²⁸Krifka (1998) propõe uma interpretação para telicidade como uma propriedade de eventos caracterizada por meios algébricos como a quantização.

Na análise proposta pela autora, o DP *The Matterhorn* possui um traço acusativo [acc] não interpretável, forçando a busca de concordância com o traço [acc] (= [téllico]) da flexão verbal. A concordância é, então, estabelecida pelo movimento do DP em questão. Para a perspectiva minimalista assumida pela autora, é importante compreender o que faz com que o DP deixe o seu VP. A autora supõe que [téllico] possua um traço que lhe permite atrair o DP. No Minimalismo (CHOMSKY, 1995; COLLINS, 1997, citados por KRATZER, 2002), este traço é chamado de EPP ou *D-feature*. A proposta da autora é de que identifiquemos tais traços com índices, e que índices também sejam considerados traços.

A consequência imediata da proposta de Kratzer (2002) é a de que o traço [téllico] (igual ao caso [acc]) e o DP devem estar coindexados, desencadeando a concordância com respeito ao índice 1. É o que mostra a Figura 2.

FIGURA 2: TRAÇO [TÉLICO] E DP COINDEXADOS



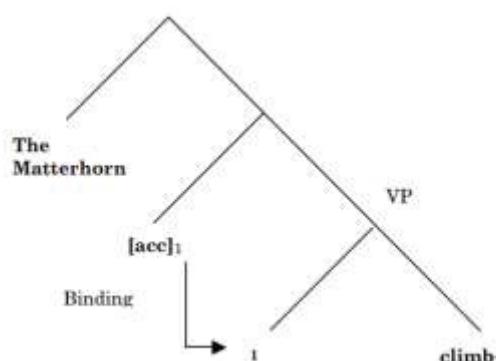
Fonte: KRATZER (2002).

Conforme ressalta a autora em questão, se EPP ou os traços-D são identificados com um índice, esperamos que tal identificação derive movimento desses traços. Devemos, portanto, pensar sobre a interpretação dos índices. Kratzer (2002) assume que índices são sempre legíveis em LF e podem ser interpretados ou como operadores (*binder indices*, índices vinculadores) ou como variáveis. Na Figura 2, por exemplo, o índice em [téllico] pode ser analisado como um núcleo separado e pode ser interpretado como um índice vinculador. Por outro lado, se índices são traços, o índice de um DP tem que ser projetado do índice de um D via percolação de traços. Deste modo, os índices não podem mais ser designados aos DPs como um todo; eles devem ser originados nos itens lexicais – determinantes, em nosso caso.

Contudo, conforme ressalta a autora, nesta posição (em D), eles não são interpretáveis. “Parece, então, que esta situação força o movimento dos DPs. O DP se move, deixando para trás uma parte de seu determinante (o índice e possivelmente outros traços)” (KRATZER, 2002, p. 18)²⁹.

O movimento do DP apresenta como efeito a distribuição do conteúdo lexical e do conteúdo do traço do DP em duas posições. Primeiramente, o DP é copiado em uma posição mais alta; posteriormente, partes da cópia e do original são apagadas. Por hipótese, a legibilidade do traço de índice do DP objeto exige que o traço seja deixado na posição de base do DP, onde ele será interpretado como um “vestígio”. Depois do apagamento do traço nominal [acc] não interpretável via concordância, o que se obtém é a Figura 3³⁰:

FIGURA 3: ÍNDICE DE [ACC] VINCULA O “VESTÍGIO” DEIXADO NA POSIÇÃO DE OBJETO DIRETO



Fonte: Kratzer (2002).

Como podemos observar na Figura 3, o índice de [acc] vincula aquilo que foi deixado na posição de base do objeto direto. Como desejado, a estrutura da Figura 3 é um constituinte que denota uma relação entre indivíduos e eventos. No exemplo da autora, esta relação é idêntica à denotação de *climb* (“escalar”).

De acordo com Kratzer (2002), este exemplo mostra que a construção sintática da telicidade não é apenas desejável, mas também bastante viável. Um traço nominal [acc] não interpretável pode ser licenciado pelo seu emparelhamento com um traço verbal interpretável, que requer que os eventos descritos culminem com respeito ao

²⁹ No original: “It seems, then, that this situation forces displacement of DPs. The DP moves, leaving a part of its determiner (the index and possibly other features) behind”.

³⁰ No texto de Kratzer (2002), a Figura 3 aparece como Figura 4.

referente do objeto direto. Para comprovar sua proposta, a autora reanalisa a atribuição de caso partitivo e acusativo do finlandês e, em um momento posterior, busca semelhanças desta propriedade no alemão e no inglês³¹.

Podemos observar que a interpretação de Kratzer (2002) para telicidade é bastante plausível. Esta linha de interpretação sintático-semântica nos ajudará a compreender a construção de telicidade no crioulo haitiano, como veremos adiante neste trabalho.

2.3 Sobre definitude

Conforme afirmamos no início deste capítulo, analisar como ocorre a definitude no crioulo haitiano é importante, pois este conceito pode estar relacionado com as possíveis interpretações de presente e de passado nessa língua. Retomaremos a definitude do idioma em questão posteriormente neste trabalho. Antes, julgamos necessário abordar, de maneira geral, algumas noções sobre definitude. Para falarmos sobre este assunto, baseamo-nos, sobretudo, em C. Lyons (1999).

2.3.1 Conceito de definitude

As línguas naturais podem apresentar marcação para definitude ou para especificidade. Segundo C. Lyons (1999), sintagmas nominais definidos são aqueles que possuem como características identificabilidade e unicidade/inclusividade do referente. De modo geral, a expressão do traço [±definido] se dá por meio dos artigos; Já a especificidade está relacionada com o discurso: um determinante [+específico] é aquele ligado a referentes estabelecidos no discurso (ENÇ, 1991³² *apud* NASCIMENTO, 1999).

Muitas línguas contêm em seu léxico um elemento capaz de indicar definitude ou indefinitude. Gramáticas de cunho mais tradicional alegam que um determinante nominal em um sintagma como “o carro” é definido porque o emissor fala de um carro específico, conhecido. Contudo, C. Lyons (1999) amplia tal explicação, não muito

³¹ A autora conclui que as propriedades de atribuição de caso partitivo (Maximização da Interpretabilidade) deve ser um princípio universal, não apenas do finlandês.

³² ENÇ, M. The Semantics of Specificity. *Linguistic Inquiry* 22: 1-25, 1991.

precisa, do conceito de definitude. O autor propõe que pensemos em uma sentença como “Comprei um carro hoje cedo”. Embora “um” seja um artigo indefinido, “um carro” parece fazer menção a um carro específico, pelo menos para o falante. Ou seja, ao proferir tal oração, o falante tem em mente um referente específico, o que mostra que não é possível estabelecer o que é definitude com base no caráter específico do referente.

Dados como esse levaram à visão de definitude como familiaridade, proposta pela primeira vez por Christophersen (1939). Para C. Lyons (1999), entender a definitude a partir deste traço equivale a afirmar que, diante de um artigo definido, a entidade é conhecida pelo falante e pelo ouvinte e diante de um indefinido, por sua vez, a entidade mencionada não possui familiaridade compartilhada por falante e ouvinte – e, de fato, no exemplo acima, o carro comprado pelo falante não é familiar ao ouvinte.

C. Lyons (1999) acrescenta, contudo, que muitos linguistas preferem compreender a definitude a partir do traço de identificabilidade. Enquanto na familiaridade o artigo definido mostra que o ouvinte conhece o referente, na identificabilidade o artigo definido indica que o ouvinte conhece ou pode identificar a entidade mencionada. No entanto, há casos em que não é possível explicar a definitude a partir da identificabilidade. O autor também destaca que, embora seja mais abrangente do que a familiaridade, a noção de identificabilidade não é capaz de cobrir todos os casos de definitude. Usos associativos do artigo definido são problemáticos para o conceito em questão. O autor analisa os seguintes exemplos:

(43) I've just been to a wedding. The bride wore blue.

‘Acabei de ir a um casamento. A noiva usou azul’.

(44) Mary's gone for a spin in the car she just bought.

‘Maria foi dar uma volta no carro que ela acabou de comprar’.

Para o autor, o uso do artigo definido em (43) é gramatical porque o ouvinte sabe que casamentos envolvem noivas. Entretanto, ele não é capaz de identificar o referente, isto é, quem é a noiva em questão, se ele não a conhece e nada sabe sobre ela. Em (44), a relativa informa para o ouvinte algo sobre o carro (Maria acabou de comprá-lo), porém, não o coloca em posição de identificá-lo. Esses dados apresentam a ideia de unicidade – o artigo definido sinaliza que há apenas uma entidade que

satisfaça a descrição dada pelo falante. O autor destaca, ainda, o fato de que é possível utilizar um artigo indefinido em (44), abrindo a possibilidade de uma interpretação em que Mary comprou mais de um carro. Assim, observa-se que os artigos indefinidos não atestam não unicidade; eles são neutros quanto à unicidade.

C.Lyons (1999) também analisa como os artigos definidos ocorrem com o plural de nomes contáveis e de nomes massivos, debruçando-se sobre a questão de como um NP plural ou massivo pode ter um referente único; ele apresenta algumas sentenças para observação, como em (45):

(45) a. We've just been to see John race. The Queen gave out the prizes.

'Acabamos de ver a corrida do João. A Rainha entregou os prêmios'.

b. We went to the local pub this lunch time. They've started chilling the beer.

'Nós fomos ao bar na hora do almoço. Eles começaram a gelar a cerveja'.

Em (45a), o autor propõe que suponhamos que haja três prêmios, formando um conjunto. Porém, é possível formar vários subconjuntos, como o que inclui o segundo e o terceiro prêmios. A nossa intuição, segundo o linguista, é de que a Rainha entregou todos os prêmios. A mesma interpretação vale para (45b), isto é, toda a cerveja desse bar agora é servida gelada. Deste modo, C.Lyons (1999) ressalta que para plurais e massivos, a definitude não envolve unicidade, mas inclusividade. Ou seja, nesses casos, o referente é a totalidade dos objetos ou da massa no contexto, não subconjuntos.

C. Lyons (1999) conclui, então, que a familiaridade pode ser incluída no conceito de identificabilidade e que a unicidade é meramente um caso especial de inclusividade com NPs singulares. Assim, após analisar todas as propriedades mencionadas, C. Lyons (1999) sintetiza definitude como um traço de NPs que possuam como característica identificabilidade, inclusividade ou ambas:

Apresentamos uma visão de definitude envolvendo identificabilidade ou inclusividade, ou ambas: se a referência de um sintagma nominal for caracterizado por uma dessas propriedades, então ele é definido. Tenhamos em mente, contudo, que as duas propriedades em questão são

independentes uma da outra, ainda que em muitos exemplos a presença de uma seja consequência da outra” (C. LYONS, 1999, p.14-15)³³.

Neste trabalho, adotamos as considerações de C. Lyons (1999) sobre definitude. Antes de falarmos sobre as características gerais sobre definitude e indefinitude, façamos um resumo da diferença entre definitude e especificidade.

Nascimento (1999) cita Enç (1991) para formalizar a relação entre definitude e especificidade. Para esta autora, a especificidade se relaciona com o domínio de discurso: “Um DP específico, assim como um DP definido, requer que seu referente esteja ligado a referentes previamente estabelecidos no discurso” (NASCIMENTO, 1999, p. 105-106). A diferença entre definitude e especificidade está na natureza da relação relevante de cada traço. Nascimento (1999) afirma, a partir de Enç (1991), que DPs que apresentam o traço [+definido] também apresentam o traço [+específico], pois a identidade do referente pressupõe inclusão. Por sua vez, DPs [-definido] podem ser [+específico] ou [-específico].

2.3.2 (In)definitude: características gerais

De maneira geral, a definitude é expressa pela presença de um artigo definido, mas não somente por ela. De acordo com C.Lyons (1999), existe uma série de sintagmas nominais que ocorrem com o objetivo de expressar a identificabilidade do referente ou indicar que o referente em questão é identificável na situação. São, portanto, diversos os termos que podem conferir o traço [+definido] a um sintagma nominal, além do próprio artigo definido: nomes próprios, pronomes pessoais, demonstrativos e possessivos e os quantificadores universais³⁴.

A indefinitude, por sua vez, é expressa pelo artigo indefinido, o qual em muitas línguas é idêntico ao numeral “um”. É o caso do francês, do alemão, do turco, bem

³³ Let us settle for a view of definiteness as involving either identifiability or inclusiveness, or both: if the reference of a noun phrase is characterized by either property, then that noun phrase should be definite. Bear in mind, however, that the two properties are in principle independent of one another, even if in many examples the presence of one follows from the presence of the other” (C. LYONS, 1999, p.14-15).

³⁴ C.Lyons (1999) apresenta diversas maneiras de testar a definitude com todos os determinantes mencionados. Porém, como este não é o foco deste trabalho, não iremos mencioná-las aqui.

como do português e do crioulo haitiano (como veremos no capítulo 3 deste trabalho)³⁵.

C.Lyons (1999) destaca também que determinantes definidos e indefinidos podem vir antepostos ao nome, como no inglês, no francês e, também, no português, ou posposto ao nome – este é o caso do determinante definido do crioulo haitiano (ZRIBI-HERTZ, 2014). De qualquer modo, sua ocorrência nunca é livre, isto é, há sempre motivos fonológicos, sintáticos e semânticos que liberam ou restringem não só a posição mas também o uso de um determinante. Por exemplo, no inglês, o pronome “*some*” ocorre apenas diante de nomes massivos ou plurais.

É importante destacar, ainda, que o autor em questão classifica definidos e indefinidos em simples e complexos. Os definidos e indefinidos simples são aqueles marcados pelos artigos. Os definidos complexos são os demonstrativos, possessivos, quantificadores universais, etc. Já os indefinidos complexos são aqueles realizados por meio de expressões de cardinalidade como “muitos”, “vários”, “poucos”, e determinantes como “algum” e “qualquer”. C.Lyons (1999) salienta que este é um fenômeno que perpassa as línguas. Para esta pesquisa, contudo, trabalharemos apenas com os artigos definidos e indefinidos, pois o teste apresentado no último capítulo desta dissertação, cujo objetivo é verificar possibilidades de interpretação de passado no crioulo haitiano, apresenta sentenças cujos sintagmas nominais são formados por DPs introduzidos apenas por artigos. Assim, abordaremos a seguir alguns aspectos relevantes sobre artigos.

2.3.3 A ocorrência de artigos nas línguas

De acordo com C.Lyons (1999), todas as línguas possuem demonstrativos e pronomes, os quais apresentam o traço [definido]. Consequentemente, é possível afirmar que o traço [+Def] é representado, de algum modo, em todas as línguas. Contudo, a observação de diferentes línguas também permite afirmar que existem aquelas que possuem artigos e outras que não os possuem.

³⁵ Em outras línguas, como o inglês, a indefinidade é marcada pelo artigo indefinido (“*a*”) e a cardinalidade no singular, por sua vez, é identificada por um cardinal singular (“*one*”). Contudo, C.Lyons (1999) considera “*a*” do inglês um item de cardinalidade, praticamente um numeral, porém, lexicalmente diferente de “*one*”. Para o autor, “*a*” codifica [+Sg], enquanto “*one*” está em oposição a “dois”, “três”, etc.

Um dos motivos mais apontados pela linguística histórica para a ocorrência ou não de artigos nas línguas é geográfico. Sabe-se que idiomas contíguos, ainda que não sejam geneticamente relacionados, podem desenvolver características em comum. C.Lyons (1999) destaca que a marcação de definitude se concentra na Europa Ocidental, Oriente Médio e nas áreas mediterrâneas, bem como em territórios cujas línguas foram introduzidas pela colonização dos séculos mais recentes – é o caso do inglês, espanhol e português.

Em línguas que distinguem definidos e indefinidos simples, há três maneiras nas quais tal distinção pode se apresentar: a) com marcador apenas de definitude; b) com marcador apenas de indefinitude; c) com marcador para definitude e indefinitude.

Nas línguas que apresentam artigo definido, o padrão dominante é que ele se apresente em sua forma *default*. Assim, um sintagma nominal sem um artigo definido seria normalmente indefinido. Entretanto, existem, conforme C.Lyons (1999), uma série de línguas em que o artigo definido é omitido em situações ou em condições de discurso em que a definitude se aplica e, conseqüentemente, a tradução de uma sentença deste contexto para um idioma como o inglês requereria a presença do artigo definido. É o caso do hausa e, também, do crioulo haitiano (HASPELMATH *ET AL.*, 2013). Abordaremos esta questão – que possui bastante margem para futuras pesquisas – no capítulo 3 deste trabalho.

A posição do artigo definido também é variável nas línguas (C.LYONS, 1999). Basicamente, o artigo definido pode vir anteposto ao núcleo nominal ou posposto a ele. Todavia, na visão de C.Lyons (1999), o mais interessante não é pensar a posição sintática dos artigos definidos, mas sim quando eles são morfemas livres, como em português “o homem”, e quando são morfemas ligados, como *al-rajul*, em árabe.

O autor também destaca que muitas línguas, além do artigo definido, possuem maneiras menos usuais de expressar definitude³⁶. Existem, por exemplo, diversos idiomas que apresentam marcadores de objetos definidos, embora o sintagma nominal seja frequentemente marcado como ‘referencialmente proeminente’ e não estritamente definido (COMRIE, 1978 citado por C. LYONS, 1999). Há, ainda, marcadores de concordância capazes de codificar definitude em um NP, como ocorre no húngaro. A definitude pode, ainda, ser codificada pela ordem sintática das palavras que compõem o sintagma nominal, como é o caso do mandarim e do cantonês.

³⁶ Essas questões também são abordadas e explicadas em detalhes no capítulo 2 de C.Lyons (1999).

Para C.Lyons (1999), artigos verdadeiramente indefinidos, isto é, que não sejam idênticos ou derivados do cardinal singular, são raros nas línguas – talvez sequer existam. E, assim como acontece com os definidos, há línguas em que os artigos indefinidos são opcionais. De modo geral, entendemos por um artigo indefinido aquele que marca qualquer sintagma nominal indefinido e normalmente está ausente em certas condições de especificidade.

Alguns idiomas possuem sufixos que podem ser adicionados aos sintagmas nominais e que caracterizam indefinitude. Em muitos deles, como destaca C.Lyons (1999), esses sufixos não codificam, necessariamente, [-Definitude], mas sim um contexto de não-especificidade ou de arbitrariedade do referente.

Se artigos verdadeiramente indefinidos são raros nas línguas, o que é extremamente comum é o que C.Lyons (1999) chama de artigos quase-indefinidos. Trata-se da indefinitude expressa por uma palavra de cardinalidade. Segundo o autor, nas línguas em que o artigo indefinido e o cardinal são expressos pelo mesmo item lexical, é difícil estabelecer uma diferença semântica entre ambos. Contudo, ela existe. De modo geral, o artigo quase-indefinido singular aparece diante de sintagmas nominais singulares; NPs plurais podem ser acompanhados por um artigo quase-indefinido plural, porém, os artigos são frequentemente omitidos neste caso. O cardinal aparece, conforme mencionado anteriormente, em oposição a outros numerais. As sentenças em (46) resumem a análise do autor.

- (46) a. Eu tenho um livro novo.
b. Eu tenho (uns) livros novos.
c. Eu tenho cinco livros novos.

O autor ressalta ainda que muitas línguas distinguem indefinidos específicos e não-específicos (ou indefinidos vagos). Essa distinção é marcada pela ocorrência de determinantes diferentes para cada um dos contextos ou pela ocorrência de um único determinante restrito a um ou a outro contexto. É o caso do persa e do turco, por exemplo. Há, ainda, contextos de indefinitude nos quais os artigos quase-indefinidos não ocorrem – apresentando, portanto, sintagmas nominais nus. São, segundo C.Lyons (1999), os tipos menos específicos ou menos referenciais. Existe, então, uma tendência diacrônica para que artigos quase-indefinidos se espalhem por contextos não específicos, resultando em muitas línguas que apresentam um artigo cardinal em

contextos específicos e em alguns, mas não em todos, contextos não específicos. O autor ilustra este fato com os artigos indefinidos do espanhol (“*un*”, “*una*”, “*unos*”, “*unas*”), que variam em gênero e número. No singular, os artigos são utilizados com sintagmas nominais indefinidos com referente específico e em muitos não específicos. No plural, os artigos são frequentemente omitidos, como na sentença “*Nos dieran flores*” (“Nos deram flores”, tradução nossa). Quando ocorrem, expressam, geralmente, ênfase na cardinalidade, como em “*Tomamos unas cervezas*” (“Tomamos umas / algumas cervejas”, tradução nossa).

Veremos no capítulo seguinte como os artigos indefinidos se apresentam no crioulo haitiano. Antes, contudo, abordaremos, também de modo sucinto, aspectos gerais sobre genericidade nas línguas.

2.3.4 Genericidade

De modo geral, sintagmas nominais genéricos são aqueles em que “a referência é feita a uma classe inteira ou, talvez mais precisamente, que são utilizados para expressar generalizações sobre uma classe como um todo – a classe em questão inteiramente composta por indivíduos que satisfaçam completamente a descrição inerente ao nome” (C.LYONS, 1999, p. 179)³⁷. O autor observa que em algumas línguas a forma que expressa genericidade é tipicamente indefinida; em outras, é definida. Contudo, muitas línguas apresentam um conjunto de possibilidades de sintagmas nominais genéricos, que podem ser definidos e indefinidos, singulares e plurais, como no exemplo a seguir proposto pelo autor em inglês, com tradução nossa:

- (47) a. Um cachorro tem quatro patas.
- b. O cachorro tem quatro patas.
- c. Cachorros têm quatro patas.

A partir deste exemplo, é possível perceber, segundo C.Lyons (1999) que as diferenças semânticas estão relacionadas à natureza do referente: em particular, se

³⁷ No original: Generic noun phrases are those in which reference is made to an entire class, or, perhaps more accurately, which are used to express generalizations about a class as a whole – the class in question being that consisting of all the entities satisfying the description inherent in the noun or nominal.

estamos falando de classe como uma entidade, ou uma classe como um agregado de membros. De qualquer modo, a generalização é feita para os membros da classe.

Ainda segundo o autor, a genericidade interage com distinções aspectuais nos verbos: os sintagmas nominais genéricos são, normalmente, acompanhados por formas gerais que expressam aspecto habitual, genérico ou que não marcam tempo, como nas sentenças em (48):

- (48) a. Minha mãe faz compras duas vezes por semana.
- b. Homem não chora.

Há bastante a ser discutido sobre genericidade, porém, conforme apontado por C.Lyons (1999), trata-se de um fenômeno que varia bastante nas línguas. Interessamos aqui compreender, ainda que de maneira geral, a genericidade no crioulo haitiano, a qual será abordada no capítulo seguinte.

Agora que retomamos noções gerais sobre tempo, aspecto, acionalidade, telicidade e definitude (temas importantes para a análise do objetivo geral deste trabalho), entraremos na descrição gramatical do crioulo haitiano. Vamos nos concentrar, sobretudo, nas questões de tempo, modo e aspecto. Ainda, analisaremos a ocorrência de sintagmas nominais definidos e indefinidos no idioma em questão.

Concluindo, ao longo deste capítulo, apresentamos alguns pontos essenciais para que possamos, com maior propriedade, investigar a interpretação de passado no crioulo haitiano. Assumimos, portanto, as noções de tempo, aspecto e acionalidade apresentadas, por Michaelis (2006) e Pires de Oliveira & Basso (2007). Embora compreendamos a pertinência de analisar eventos a partir da decomposição de predicados, como mostram Tenny e Pustejovski (2000), o presente trabalho se propõe a considerar eventos de acordo com as noções apresentadas por Vendler (1967) por motivos práticos: as predições de DeGraff (2007) apresentadas na Introdução deste trabalho se baseiam na distinção de verbos estativos e não estativos dentro da perspectiva vendleriana e são as hipóteses do linguista haitiano que pretendemos verificar. Adotamos, ainda, a visão de C.Lyons (1999) para definitude.

Interessa-nos, a partir de agora, discutir como os conceitos até aqui abordados ocorrem no crioulo haitiano. Assim, o próximo capítulo é dedicado à descrição gramatical da língua haitiana.

3 DESCRIÇÕES GRAMATICAIS DO CRIOULO HAITIANO

3.1 Breve histórico do crioulo haitiano

Entender o crioulo haitiano significa entender, em alguma medida, a história do Haiti. O território que hoje chamamos de Haiti foi o lugar de primeiro contato de Cristóvão Colombo e os povos que habitavam a ilha, em outubro de 1492, conforme relembram Pimentel *et al.* (2016). A pequena ilha da América Central ficou sob domínio espanhol até final do século XVII, quando foi dividida com a França. Ao longo do século XVIII, a produção de açúcar através da escravidão africana tornou o território o mais lucrativo das colônias francesas.

De acordo com Pimentel *et al.* (2016), o final do século XVIII e o início do século XIX são marcados por revoltas lideradas por escravos. É nesta época de luta pela independência e, também, de busca por uma identidade, que os revolucionários decidem implementar o crioulo haitiano como língua oficial do território. Contudo, embora a independência da metrópole francesa tenha sido conquistada, não foi possível estabelecer o crioulo como idioma oficial: o recém-formado estado do Haiti percebeu que não havia uma língua padronizada. Escolheu-se, portanto, implementar a língua francesa como oficial para os trâmites administrativos, burocráticos, educacionais, estatais e religiosos. Trata-se de um exemplo do que DeGraff (2014) chama de imperialismo linguístico. Ao mesmo tempo, contudo, a língua crioula – em suas diversas variantes – tornou-se o vernáculo da maior parte da população no dia a dia e a língua materna adquirida pelas crianças.

DeGraff (2014) atenta para o fato da utilização da língua francesa nos ambientes educacionais. De fato, o francês foi o idioma oficial das escolas e universidades haitianas até 1979, ano em que houve o primeiro acordo ortográfico do crioulo do Haiti. Manter a língua do colonizador como idioma de educação cristaliza a ideia de que o estado haitiano deveria concentrar suas instituições de ensino nos espaços urbanos, privilegiando, assim, as elites e dificultando o acesso das classes populares ao sistema educativo. Além disso, acreditava-se ainda que a gramática da língua francesa é mais “evoluída” do que a da língua haitiana, como se “a gramática do crioulo haitiano fosse considerada ‘deficiente’ por seus falantes e, assim, inadequada para a educação e outros domínios formais” (DEGRAFF, 2014, p. 283,

tradução nossa)³⁸. Em 1979, com a reforma ortográfica supramencionada, começa a implantação do crioulo haitiano nos ambientes escolares. Todavia, outro problema se coloca: os materiais didáticos existentes até então eram em francês e de acordo com o sistema educacional da França. Para DeGraff (2014), este é mais um exemplo da hegemonia francesa sobre o Haiti, mesmo séculos depois da independência do país em relação ao seu colonizador.

O crioulo haitiano torna-se língua oficial apenas em 1987 com a nova constituição do Haiti. Atualmente, é falado por mais de 10 milhões de pessoas e, certamente, é a única língua compartilhada entre todos os habitantes do território haitiano. O francês, por sua vez, é falado por cerca de 5% da população haitiana. Esta realidade linguística instala um cenário de bilinguismo e de diglossia³⁹ bastante conflituoso no país. Os falantes de francês, que adquirem o idioma no ambiente familiar ou no escolar (em um processo de aquisição sempre muito árduo), tendem a se transformar nos futuros representantes governamentais ou em profissionais de sucesso no âmbito econômico, acadêmico e cultural (DEGRAFF, 2014).

A discussão levantada por DeGraff (2014) é importante para que possamos compreender os motivos pelos quais são poucos e recentes os estudos sobre a língua haitiana, quando os comparamos com pesquisas sobre sistemas linguísticos que possuem um maior *status* no ambiente acadêmico. Por isso, realizar estudos gramaticais como os propostos nesta pesquisa é, sobretudo, uma política linguística com o objetivo de diminuir, senão eliminar, pensamentos como o de que o crioulo haitiano é deficiente em relação a um ou outro idioma. A própria formação das línguas crioulas demonstra, visto a complexidade de seu sistema lexical e morfossintático, que os crioulos são, de fato, línguas, e não dialetos (isto é, um conjunto de marcas linguísticas restrito a uma comunidade) – outro pensamento comumente propagado por leigos.

Assim, julgamos necessário discutir algumas hipóteses sobre a formação dos crioulos de maneira geral e, mais especificamente, do crioulo haitiano.

³⁸ No original: Kreyòl's grammar has been considered a "handicap" for its speakers, thus unsuited for education and other formal domains.

³⁹ Além de DeGraff (2014), DeGraff (2017) discute a situação de diglossia no Haiti e os esforços político-linguísticos lá realizados para a promoção do crioulo haitiano na cultura escrita e no sistema educativo do país.

3.2 Formação das línguas crioulas

Em primeiro lugar, é preciso definirmos o conceito de língua crioula. De maneira geral, o crioulo é a “língua que nasce em circunstâncias sociolinguísticas especiais que conduzem à aquisição de uma primeira língua com base em um modelo defectivo de segunda língua” (BAXTER E LUCCHESI, 1997, p. 69). Em outras palavras, é o caso de línguas que surgiram em contexto de colonização. Há, contudo, muitas discussões sobre o processo de formação desses idiomas.

Chaudenson (2003) apresenta um histórico acerca dos estudos da formação do crioulo. Segundo ele, um dos primeiros pesquisadores a se interessar pela questão foi Hagège (1985), que consagra em seu livro *L’homme de paroles* (*O homem de palavras*, tradução livre)⁴⁰ um capítulo às línguas crioulas. Este capítulo, intitulado *Le laboratoire créole* (*O laboratório crioulo*, tradução livre), é, na visão de Chaudenson (2003), bastante frustrante, uma vez que Hagège (1985) se limita a definir os crioulos como as línguas dos primeiros africanos escravos, bem como a propagar a ideia de línguas superiores ao fazer referência a idiomas europeus como a “língua dos mestres”.

Ainda de acordo com os levantamentos de Chaudenson (2003), outro autor que se rendeu à ideia de “experiências de laboratório” para analisar a formação dos crioulos foi Bickerton, também nos anos 1980. Este autor defende a ideia de um bioprograma linguístico. Para testar suas hipóteses de que o ser humano é capaz de criar uma gramática a partir de sistemas linguísticos diferentes, Bickerton (1981)⁴¹ realizou a seguinte experiência: ele reuniu casais cujos idiomas maternos eram de famílias distintas por um ano em um local isolado. A esses indivíduos foi fornecido um sistema lexical mínimo e artificial. O objetivo era, portanto, verificar como eles constituiriam uma gramática durante esses 12 meses de vida em comum. As interações entre os participantes foram todas gravadas.

Chaudenson (2003) critica o experimento de Bickerton (1981), uma vez que o teste não foi realizado no mesmo contexto de surgimento das línguas crioulas – isto é, um cenário de escravidão e violência física, moral e social. Embora experiências

⁴⁰ HAGÈGE, C. *L’homme des paroles*. Paris : Gallimard, 1985.

⁴¹ BICKERTON, D. *Roots of language*. Ann Arbor: Karoma, 1981.

científicas sejam válidas e necessárias, o autor reforça de que o aparecimento dos crioulos é sempre relacionado a:

(...) processos sociohistóricos e sociolinguísticos **reais**, vividos por indivíduos **reais** em sociedades **reais**. Trata-se, portanto, de uma imensa distância que separa o *in vivo* do *in vitro*, distinção que devemos lembrar aqui, uma vez que se usa, de maneira um pouco torta, essas expressões latinas das quais se deveria de qualquer modo levar em consideração sua **real** significação (CHAUDENSON, 2003, p.49-50, tradução nossa)⁴².

Outra ideia que se tornou bastante popular no campo de estudos das línguas crioulas é a associação entre os termos “pidgin” e “crioulo”. Conforme relata Chaudenson (2003), há autores que relacionavam as duas expressões ao defender que toda língua crioula é resultado da nativização de um pidgin, que, por sua vez, é o resultado do contato entre dois ou mais idiomas – o do colonizador e os dos escravos. Contudo, para Chaudenson (2003), trata-se de uma associação repleta de inconvenientes, pois ela tende a constituir um modelo linguístico único, quando na realidade nem sempre se verifica a formação de um crioulo em situações linguísticas em que se forma um pidgin. O autor cita como exemplo o caso do crioulo do Havaí, surgido no início do século XX (logo, posteriormente aos casos das ilhas caribenhas e das ilhas da Oceania). O Havaí conheceu um longo período de colonização no qual se originou um pidgin. No século XX, o desenvolvimento da agroindústria açucareira na região impôs modalidades econômicas e sociais que propiciaram o surgimento do crioulo havaiano em condições completamente distintas daquelas da época da origem do pidgin. Chaudenson (2003) defende, portanto, que a nativização de um pidgin em crioulo é possível, porém o exemplo do Havaí mostra que não se pode pensar numa escala evolutiva entre esses dois termos.

Para explicar a formação dos crioulos de maneira geral e inclusive a do crioulo haitiano, podemos nos ancorar na discussão proposta por Baxter e Lucchesi (1997), que resume o cenário linguístico das ilhas caribenhas ao longo do período de colonização. Os autores afirmam que os escravos das colônias possuíam pouco acesso às línguas dos colonizadores devido a todo o contexto de exclusão imposto pela escravidão. Além disso, ressalta-se que os escravos levados para as colônias eram propositamente de tribos diferentes e, assim, possuíam línguas maternas

⁴² No original : (...) processus sociohistoriques et sociolinguistiques réels vécus par de **vrais** individus dans de **vraies** sociétés. C'est toute l'immense distance qui sépare l'*in vivo* de l'*in vitro*, distinction qu'il faut bien rappeler ici puisqu'on use un peut à tort et à travers des ces expressions latines dont il faudrait tout de même prendre en compte la **vraie** signification.

diferentes, o que impedia que eles se comunicassem entre si. Contudo, todos eles, em alguma medida, adquiriam fragmentos da língua de superstrato, isto é, do idioma do colonizador. Na maioria dos casos, essa língua adquirida era, na realidade, apenas um jargão: alguns itens lexicais adaptados à língua materna dos falantes com o intuito de resolver situações comunicacionais relevantes para o contexto por eles vividos. Em outros casos, essa língua mais “rudimentar” cristalizava-se, formando um pidgin. A pidginização foi o processo mais comum em sociedades de menor homogeneidade de língua materna entre os escravos.

Assim, de acordo com Baxter e Lucchesi (1997), as crianças que nasciam sob esse panorama eram expostas simultaneamente à língua materna de seus pais e a esta segunda língua recém-criada. Como havia a percepção de que a segunda língua era a mais viável socialmente, ela acabou se tornando a primeira língua desta nova geração. Esse novo idioma, contudo, baseado na língua de superstrato, teria sido defectivo em vários sentidos, mas, ainda assim, os falantes foram capazes de procederem, com essa base, à elaboração formal e funcional de seu novo idioma nativo, o crioulo.

Esta perspectiva apresentada por Baxter e Lucchesi (1997) explica, de modo geral e a partir do ponto de vista sociolinguístico, a formação das mais diversas línguas crioulas, incluindo o crioulo haitiano. É possível analisar a origem dos crioulos a partir de elementos estruturais, ideia também sustentada, ainda que em parte, por Chaudenson (2003)⁴³. Segundo os autores, a partir da década de 1970, os linguistas começaram a associar as propensões estruturais das línguas crioulas às tendências linguísticas universais (isto é, aquelas observadas na aquisição de qualquer língua, exceto nas de contato) e às estruturas específicas da língua de superstrato, o que favorece a defesa dos crioulos como línguas de aquisição/criação de primeira língua.

Baxter e Lucchesi (1997) citam Bickerton (1988)⁴⁴ para mostrar que quando se contempla o léxico de uma língua crioula, observa-se que o que se mantém da língua dominante são alguns itens lexicais referenciais. Na visão deste autor, morfemas gramaticais raramente se mantêm neste processo de transmissão irregular da língua.

⁴³ Embora Chaudenson (2003) admita a existência de elementos estruturais comuns às línguas crioulas, ele atenta para o risco de cairmos no discurso de que as estruturas gramaticais dos crioulos são simples ou simplificadas. Este trabalho, por exemplo, pretende apresentar a complexidade de interpretação temporal no crioulo haitiano. Como veremos, embora o idioma não apresente flexão verbal para tempo, a leitura temporal está longe de ser banal.

⁴⁴ BICKERTON, D. Creole languages and the Bioprogram. In: NEWMAYER, Frederick (Ed.). *Linguistics: the Cambridge survey*. v.2. Cambridge: Cambridge University Press, 1988. p.268-284.

Os autores apresentam o Quadro 2 (adaptado de Bickerton, 1988) para expor os itens gramaticais da língua dominante que, geralmente, são atingidos no processo de diluição linguística:

QUADRO 2 – ITENS GRAMATICAIS DA LÍNGUA DOMINANTE INCORPORADOS NAS LÍNGUAS CRIOULAS

Conjunto A	Conjunto B
<ul style="list-style-type: none"> - Artigos - Indicadores de tempo, modo e aspecto - Palavras interrogativas - Indicador de plural - Pronomes que marcam pessoa e número - Indicadores de caso oblíquo - Preposições locativas - Partículas de relativização - Reflexivos e recíprocos 	<ul style="list-style-type: none"> - Concordância de gênero e de número (não se mantém) - Morfologia verbal flexional (quase não se mantém) - Morfologia derivacional (quase não se mantém) - Caso e gênero pronominais (quase não se mantém) - Preposições

Fonte: Baxter e Lucchesi (1997), com base em Bickerton (1988).

Baxter e Lucchesi (1997) destacam que os itens do conjunto B praticamente não são transmitidos no processo de origem das línguas crioulas, ao passo que aqueles do conjunto A são reconstituídos de maneira original, caso eles se percam no processo de diluição linguística. Ou seja, caso um artigo da língua de superstrato seja perdido durante o surgimento de uma língua crioula, esse sistema é reconstituído dentro de uma nova estrutura formal e funcional do crioulo em questão. Deste modo, os autores oferecem uma definição mais atualizada e robusta para o processo de crioulização – e, conforme afirmamos anteriormente, é com ela que trabalharemos nesta pesquisa:

(...) um processo de transmissão irregular de L2 para L1 em que a L2 foi alterada devido a problemas de acesso à língua alvo (isto é, a língua do grupo dominante) e, possivelmente, à influência das línguas maternas dos falantes desta L2. Nessas circunstâncias, no desenvolvimento, na aquisição/criação desta nova L1 (a língua crioula em potencial), acontecem inovações orientadas por universais e pelas outras línguas maternas presentes. As inovações preenchem as lacunas ou opacidades causadas pela diluição do modelo para aquisição. Tal processo é variável (BAXTER E LUCCHESI, 1997, p. 74).

3.2.1 Processo de relexificação das línguas crioulas

Lefebvre (2001), por sua vez, considera que as línguas crioulas derivam de algumas propriedades da língua de superstrato e de outras da língua de substrato (isto é, da língua nativa dos falantes que adquirem/criam a nova língua crioula em potencial). Porém, essas propriedades não são escolhidas ao acaso. O padrão que parece emergir é o seguinte: enquanto formas fonológicas de entradas lexicais das línguas crioulas surgem da língua de superstrato, as propriedades sintáticas e semânticas seguem o padrão das línguas de substrato. É o que a autora denomina de processo de relexificação – também assumido por autores como Leiss (2016).

Assim, o processo de relexificação pode ser compreendido como a construção de um novo conjunto lexical a partir de três etapas, a saber: as entradas lexicais das línguas de substrato são copiadas; em seguida, as representações fonológicas dessas cópias são substituídas por representações fonológicas derivadas das sequências fonéticas da língua de superestrato ou por meio de formas nulas; posteriormente, ocorre nova rotulagem em que a escolha da sequência fonética pertinente ao idioma de superestrato para rotular uma entrada lexical copiada é baseada em seu uso semântico ou em contextos pragmáticos. Para que isso seja possível, a semântica da cadeia da língua de superestrato deve ter algo em comum com a semântica da entrada lexical do idioma de substrato que será rotulada. Ou seja, Lefebvre (2001) defende que a categoria de entradas lexicais funcionais copiadas das línguas de substrato é rotulada com base em sequências fonéticas das categorias lexicais do idioma de superestrato. Todo o processo pode ser resumido no esquema proposto em (49) por Lefebvre e Lumsden⁴⁵ (1994, citado por Lefebvre, 2001):

⁴⁵ LEFEBVRE, C. & LUMSDEN, J.S. Functional Categories and Relexification. In : Lefebvre & LUMSDEN Eds., 1994.

(49) Língua de substrato

[fonologia]_i
[traço semântico]_k
[traço sintático]_n

Língua de superstrato

[sequência fonética], usada em
contextos semânticos e
pragmáticos específicos

Crioulo

[fonologia]_j ou [Ø]
[traço semântico]_k
[traço sintático]_n

Segundo Lefebvre (2001), o processo de criouliização não reconhece, conforme apontam diversos estudos, entradas lexicais das categorias funcionais – determinantes, complementizadores, marcadores de tempo, modo e aspecto – da língua de superstrato por conta do pouco acesso que os novos falantes possuem a esses dados. A autora ilustra a hipótese da relexificação a partir de dados do crioulo haitiano.

O primeiro e mais consistente exemplo de Lefebvre (2001) é o caso do determinante [+definido] do crioulo haitiano. Conforme veremos em detalhe mais adiante neste capítulo, o idioma em questão apresenta como determinante definido o artigo definido “*la*” (e os alomorfes “*a*”, “*na*”, “*nan*” e “*lan*”, fonologicamente condicionados) posposto ao nome. Como vimos no capítulo anterior, a presença do artigo definido indica que a entidade a qual o falante se refere é familiar pelos participantes da conversa. Vale ressaltar também que o artigo no crioulo haitiano não marca gênero. Em (50), podemos observar um exemplo da presença do artigo definido no idioma.

(50) *timounn nan.*

criança DEF

‘A criança’ (em questão / aquela que conhecemos)

Por sua vez, o francês – língua de superestrato na formação do crioulo haitiano – traz o determinante anteposto ao nome e diferencia gênero e número. Assim, a tradução de (51) para a língua francesa seria:

(51) *l' enfant*

DEF criança

‘A criança’

Ao contrário do que acontece no crioulo haitiano, o artigo definido simples do francês não identifica, necessariamente, uma informação já conhecida. Lefebvre (2001) afirma que, na língua francesa, o determinante definido não é anafórico nem catafórico. A autora ressalta também que no crioulo haitiano não são possíveis nomes genéricos ou massivos acompanhados de definidos simples. Todavia, o francês permite tais casos. Os dados (52) e (53) ilustram esse fenômeno.

(52) *Pen bon pou lasante.*

Crioulo haitiano

Pão bom para saúde

‘Pão é bom para a saúde’.

(53) *Le pain est bon pour la santé.*

Francês

DET pão é bom para DEF saúde.

‘Pão é bom para a saúde’.

Além disso, conforme destaca C.Lyons (1999), o francês possui um determinante partitivo que aparece apenas com nomes de massa, como podemos ver em (54). Segundo Lefebvre (2001), o crioulo haitiano, em contrapartida, segue a maioria das línguas e não apresenta este tipo de item.

(54) *Jean a mangé du pain.*

Francês

João AUX comer PART pão

‘João comeu pão’.

(55) *Jan manje pen.*

Crioulo haitiano

João comer pão

‘João comeu pão’.

A mesma autora igualmente aponta que os artigos definidos e os partitivos da língua francesa são frequentemente encontrados como parte de substantivos do crioulo haitiano, como exemplificam (56) e (57).

(56) Nomes em crioulo haitiano			Correspondente em francês		
a. <i>larivyè</i>	'rio'	<	<i>la rivière</i>	'o rio'	
b. <i>listwa</i>	'história'	<	<i>l'histoire</i>	'a história'	

(57) Nomes em crioulo haitiano			Correspondente em francês		
a. <i>dlo</i>	'água'	<	<i>de l'eau</i>	'água'	
b. <i>diri</i>	'arroz'	<	<i>du riz</i>	'arroz'	

Para Lefebvre (2001), os dados em (56) e (57) mostram que o processo de gênese do crioulo haitiano não identificou os artigos definidos do francês como morfemas livres, mas sim como parte da sequência fonética dos nomes com os quais apareceram. Segundo a autora, essa hipótese é sustentada pelo fato de nomes formados a partir da aglutinação de um artigo definido ou de um partitivo do francês serem compatíveis com a utilização do definido simples do crioulo haitiano.

(58) *larivyè a.*
 rio DEF.
 'O rio' (em questão).

Deste modo, as expressões de (50) a (58) exemplificam que os determinantes do crioulo haitiano e do francês possuem propriedades sintáticas distintas. Na visão de Lefebvre (2001), dados como estes atestam que os definidos simples do idioma do Haiti não são derivados da língua francesa. A questão, então, é saber de onde vêm as propriedades dos determinantes do crioulo haitiano. A autora defende que as propriedades semânticas e sintáticas do determinante do crioulo do Haiti se originam de derivados correspondentes às entradas lexicais das línguas de substrato e que sua representação fonológica, por sua vez, é derivada do demonstrativo “*là*” da língua de superstrato, ocorrendo posposto aos constituintes. Na expressão (59), é possível observar que a língua africana fongbè traz igualmente o determinante após o nome.

(59) *wémà ʔn*

Livro DEF

‘O livro’ (em questão / o qual conhecemos)

De acordo com Lefebvre (2001), o determinante no fongbè também sinaliza, assim como no crioulo haitiano, que a entidade referida pelo NP é de conhecimento dos participantes da conversa. Deste modo, tal como no idioma do Haiti, o determinante em (59) é obrigatoriamente anafórico. Outro paralelo possível de ser traçado entre ambos os idiomas é que o fongbè também não permite NPs com nomes de genéricos ou de massa acompanhados por definidos simples, como ilustra (52) para o crioulo haitiano e (60) para o fongbe.

(60) *Wɔ̀xúxú nyɔ́n nú lánme`yén.*

Fongbè

Pão bom para saúde

‘Pão é bom para a saúde’.

A autora aponta, ainda, que no fongbe também não aparecem partitivos para nomes de massa. Deste modo, em ambas as línguas nomes nus são compreendidos como massivos, conforme (55) para o crioulo haitiano e (61) para o fongbè

(61) *Kokú àù blédì*

Fongbè

Koku comer pão

‘Koku comeu pão’.

Diante dos dados expostos, os quais mostram que o crioulo haitiano e o fongbè guardam as mesmas propriedades sintáticas e semânticas em relação a seus definidos simples, Lefebvre (2001) assume que as formas “*la*” e “*ɔ*” são a base da categoria funcional de determinantes. Ainda de acordo com a autora, ambos codificam o traço [+definido] e possuem complemento à esquerda.

Cabe questionar, então, a fonte fonológica do definido simples do crioulo haitiano. Lefebvre (2001) afirma que a fonte fonética do artigo definido do idioma em questão vem do demonstrativo *là* do francês, utilizado posposto a um substantivo de um sintagma nominal com função dêitica. A sentença em (62) ilustra que a forma do francês “*là*” possui uma distribuição similar a do determinante do fongbè e, segundo

Lefebvre (2001), a interpretação deste determinante do francês sobrepõe-se à leitura do definido simples da língua africana em questão.

(62) *Cet homme-là vient d'arriver.*

DEM homem [+DEIC] vir chegar

‘Este/Aquele homem acabou de chegar’.

A hipótese de relexificação abordada por Lefebvre (2001) parece interessante e o exemplo que acabamos de apresentar é um bom suporte para as suposições defendidas pela autora. No entanto, existem outros linguistas que discordam desta análise⁴⁶. Não nos aprofundaremos aqui nesta discussão, uma vez que ela foge dos objetivos principais desta pesquisa. O que nos interessa neste primeiro momento é mostrar algumas perspectivas sobre o surgimento das línguas crioulas – entre elas, o crioulo haitiano – e como a crioulação é um campo fértil para pesquisas. Todavia, ressaltamos que a hipótese de Lefebvre (2001) fornece importantes pistas sobre o comportamento do determinante definido no crioulo haitiano. Este é um ponto, conforme veremos adiante, que interessa aos propósitos de nosso trabalho.

3.3 O sistema de tempo e aspecto do crioulo haitiano

Vimos no capítulo anterior que as discussões acerca do tempo e aspecto são muitas. Benveniste (1966 *apud* McCrindle, 1999)⁴⁷ afirma, por exemplo, que a temporalidade é uma categoria inerente ao pensamento produzida dentro e pela enunciação. De fato, as categorias de tempo e aspecto, objetos de estudo da linguística e também da filosofia, são conceitos fundamentais para o pensamento humano.

Neste trabalho, conforme já salientamos, é importante compreendermos o sistema temporal-aspectual do crioulo haitiano. Como ponto de partida, resumimos aqui as definições para as categorias supracitadas. Tempo e aspecto, assim como modo, são categorias que especificam ou caracterizam um predicado ou um evento

⁴⁶ Chaudenson (2003) é um desses autores. Ele afirma que a hipótese de relexificação de Lefebvre (2001) não é válida em todas as comparações realizadas entre o crioulo haitiano e o fongbe. Por exemplo, o elemento interrogativo é sempre posposto em fongbe e anteposto na língua haitiana. Além disso, o autor põe em xeque os julgamentos de gramaticalidade dos dados em crioulo haitiano de Lefebvre (2001).

⁴⁷ BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*. Paris: N.R.F, 1966.

(MCCRINDLE, 1999). Uma propriedade comum às três é o fato de que todas fazem referência a um ponto na dimensão temporal. Assim, o tempo situa um evento na temporalidade; o aspecto, por sua vez, caracteriza a estrutura temporal interna do evento; e o modo descreve a realidade do evento, empregando termos que indicam possibilidade, desejo, necessidade⁴⁸.

McCrindle (1999) destaca, ainda, que embora o francês seja o idioma inicial nas análises da gênese e do desenvolvimento do sistema de tempo-aspecto das línguas crioulas de base francesa, é importante ter em mente a reestruturação das estruturas sintáticas e semânticas pela qual os crioulos passaram. Para tal, ainda de acordo com a autora, basta uma breve comparação entre a língua haitiana e a francesa e entre a língua haitiana e as africanas: isso mostra as características semelhantes e distintas entre todos esses idiomas.

Bickerton (1975)⁴⁹ *apud* McCrindle, (1999) afirma que o sistema TMA das línguas crioulas se baseia em três aptidões cognitivas-perceptivas gerais e indica três funções principais para os atos de comunicação: conhecer a ordem temporal dos eventos no passado (perfeito x mais-que-perfeito); distinguir fatos reais e fatos imaginados; diferenciar eventos que acontecem apenas uma vez daqueles que se prolongam sem interrupção (durativo / contínuo) ou com interrupção (interativo). McCrindle (1999) considera tais funções como as seguintes categorias: perfectivo/imperfectivo; real/irreal; pontual/não-pontual. A autora ressalta, ainda, que enquanto línguas como o francês são temporalizantes, em que a análise do tempo se dá em termos de presente, passado e futuro, o crioulo haitiano (assim como muitas outras línguas – o árabe é um dos maiores exemplos) é mais aspectual. Isso significa que nesta última o desenvolvimento de um processo se dá em termos de culminação/não culminação. Essas noções serão importantes para a compreensão do sistema de tempo e aspecto do crioulo haitiano e, por este motivo, serão tratadas extensivamente na sequência deste trabalho.

De acordo com McCrindle (1999) uma característica bastante conhecida das línguas crioulas é que elas possuem pouca flexão morfológica. O crioulo haitiano não é uma exceção. Cada núcleo funcional é lexicalizado individualmente ao invés de se

⁴⁸ Conforme mencionado, modo também é uma categoria importante dentro das línguas crioulas, porém não a abordaremos de maneira extensiva por ela não estar estritamente relacionada com os objetivos maiores deste trabalho.

⁴⁹ BICKERTON, D. *Dynamics of a Creole System*. Cambridge: University Press, 1975.

“unir” ao verbo. Para a autora, este fato é resultado de uma diminuição da morfologia flexional durante o processo de criouliização. Assim, no crioulo do Haiti não há nenhuma flexão verbal, nem de concordância entre sujeito e verbo, nem de tempo e aspecto. Para indicar tempo e aspecto, no lugar de afixos a língua haitiana apresenta morfemas livres antepostos ao verbo sempre invariável. É o caso da sentença em (63), retirada de McCrindle (1999), com tradução nossa.

(63) *Boukinèt te renmen Bouki*

Boukinèt ANT gostar Bouki

‘Boukinèt amava Bouki’.

Deste modo, dentro da perspectiva gerativista, o crioulo haitiano não apresenta traços para a categoria de concordância AGR e, conseqüentemente, não há a categoria AGR. Por isso, de acordo com Muysken (1981), a existência de marcadores TMA justifica a presença de um constituinte sintático como INFL (flexão) na língua haitiana.

McCrindle (1999) cita Comrie (1976) ao afirmar que existem teóricos que restringem o sistema TMA às categorias marcadas pela flexão, excluindo as ditas categorias perifrásticas, como auxiliares e partículas, limitando, assim, uma equivalência funcional interlinguística das categorias expressas morfologicamente e sintaticamente.

De acordo com Glaude (2013), o sistema TMA zero é compreendido a partir do contexto em que a sentença é proferida, com a ajuda de outros constituintes. Observemos o exemplo em (64), do crioulo haitiano, retirado de McCrindle (1999):

(64) *Jan manje.*

Jan comer₁

(i) Jan come.

(ii) Jan comeu.

A partir de enunciados como em (64), podemos perceber que o TMA zero apresenta muitos valores em crioulo haitiano. Compreender o que possibilita a leitura em (64i) e em (64ii) é o que motiva este trabalho. O trabalho de McCrindle (1999),

contudo, restringe-se a apresentar as partículas gramaticais e lexicais que contribuem para a noção de tempo e espaço.

3.3.1 Morfologia verbal do crioulo haitiano

Embora considere o trabalho de Bickerton (1975) problemático em diversos pontos⁵⁰, McCrindle (1999) se baseia neste autor para postular que o tempo no crioulo haitiano se divide em duas oposições fundamentais: anterioridade e não anterioridade. A primeira é marcada com a ajuda de uma partícula anteposta à forma verbal não flexionada. Esse sistema, segundo a autora, parece depender da acionalidade. A autora cita Lacerte (1987)⁵¹ para resumir dez hipóteses sobre o sistema verbal do crioulo haitiano:

(65) As hipóteses de Lacerte (1987 *apud* McCrindle, 1999):

- i. A forma morfema zero [Ø] de um verbo marca passado para verbos de ação e não-passado para verbos estativos.
- ii. O marcador de anterioridade indica passado anterior para os verbos de ação e passado para os verbos estativos.
- iii. O marcador [+irrealizado] indica o tempo não real, ou seja, o futuro, o condicional e os modos subjuntivos para todos os verbos.
- iv. O marcador [+não pontual] indica o aspecto durativo ou interativo para os verbos de ação.
- v. Todos os marcadores aparecem antepostos ao verbo principal.
- vi. Todos os marcadores podem se combinar.
- vii. anterior + irrealizado + pontual significa “uma condição irrealizada no passado”.
- viii. anterior + irrealizada + não pontual significa “uma condição irrealizada no passado e de natureza não-pontual”.
- ix. anterior + não pontual significa “uma ação que dura ou, ainda, uma série de ações não-durativas”.
- x. irrealizado + não pontual traz o sentido de progressividade.

⁵⁰ McCrindle (1999) discute alguns dos problemas da hipótese de bioprogramação de Bickerton (1975) no capítulo 4 de seu trabalho.

⁵¹ LACERTE, L. *La Langue des Signes Québécoise et le créole: quelques ressemblances syntaxiques*. UQAM. MS, 1987.

O Quadro 3 apresenta um resumo das possibilidades de realização de tempo, modo e aspecto, a partir de uma combinação de traços, e as partículas utilizadas pelo sistema TMA do crioulo haitiano:

QUADRO 3 – POSSIBILIDADES DE REALIZAÇÃO DE TMA NO CRIOULO HAITIANO

$\pm A \pm I \pm N$	Crioulo Haitiano
-A -I -N	Morfema zero \emptyset
-A -I +N	ap
-A +I -N	av
-A +I +N	av-ap
+A -I -N	te
+A -I +N	t'ap
+A +I -N	t'av
+A +I +N	t'av-ap
A: anterioridade I: modo irreal N: aspecto não-pontual	

Fonte: (Bickerton, 1984 *apud* McCrindle, 1999).

A partir do Quadro 3, McCrindle (1999) faz uma série de hipóteses os marcadores pré-verbais do crioulo haitiano:

- Morfema zero: exprime diferentes sentidos – aspecto conclusivo, presente contínuo e o habitual. A autora apresenta como exemplo a sentença em (66):

(66) *Mwèn manje.*

Eu \emptyset comer

‘Eu como / Eu comi’.

- O marcador *ap* sinaliza uma ação em curso, ou seja, o não pontual. O exemplo de McCrindle (1999) para esta noção está em (67):

(67) *M' ap fig.*

Eu PROG banana

‘Eu estou comendo banana’.

- A marca morfológica *te*, por sua vez, designa anterioridade (passado e passado mais-que-perfeito):

(68) *Mwèn te manje.*

Eu ANT comer

‘Eu comi’ / ‘Eu tinha comido’.

- O marcador *a/ av/ ava* indica o prospectivo (o futuro e o irreal)⁵². Vejamos o exemplo de McCrindle (1999):

(69) *M a manje zabokà yo.*

Eu FUT comer abacate PL

‘Eu comerei abacates’.

- A combinação *te+ap (t’ap)* exprime uma ação habitual. Em (70) temos um exemplo proposto pela autora:

(70) *M t’ap manje anpil lè m te malad.*

Eu ANT+PROG comer muito quando eu ANT doente

‘Eu comia muito quando eu estava doente’.

- A combinação de *te+a (ta)* designa o condicional e o subjuntivo. McCrindle (1999) traz o seguinte exemplo:

(71) *Si m te gen anpil lajan, m ta achté- I*

Se eu ANT ter muito dinheiro eu ANT+FUT comprar 3SG

‘Se eu tivesse muito dinheiro, compraria isso’.

Interessa-nos neste trabalho aprofundar as análises da anterioridade designada pelo marcador *te*. No entanto, é importante antes examinarmos as classes

⁵² DeGraff (2007) apresenta o marcador morfológico “*pral*” para denotar futuro.

aspectuais presentes no crioulo haitiano, pois, como veremos no capítulo 4, elas são fundamentais na interpretação de passado no idioma em questão.

3.3.2 As classes acionais do crioulo haitiano

McCrindle (1999) afirma que existem três classes de expressões verbais, a saber: 1) verbos dinâmicos; 2) verbos resultativos; 3) verbos estativos⁵³. Segundo a autora, os verbos dinâmicos são aqueles que descrevem um processo que dura (*manje* no crioulo haitiano, “comer” em português), o que equivale aos verbos accomplishment e de atividade na classificação de Vendler (1967). Já os resultativos descrevem uma situação que é resultado de um processo (*jwenn* / “encontrar”), ou seja, os verbos achievements nas classes vendlerianas. Por fim, os estativos descrevem estados, não processos (“*konnen*” / “conhecer”; “*bezwèn*” / “precisar”). O importante é perceber que “as propriedades semânticas que caracterizam essas classes são vistas na variação sistemática da interpretação aspectual e temporal das sentenças” (MCCRINDLE, 1999, p.115, tradução nossa)⁵⁴.

3.3.2.1 A anterioridade no crioulo haitiano

Como vimos nas seções anteriores, a marca morfológica *te* denota anterioridade no crioulo haitiano e os falantes do idioma interpretam sentenças com tal marcador como passado ou passado mais-que-perfeito, dependendo da classe aspectual do verbo. Neste contexto, McCrindle (1999) afirma que quando a partícula *te* é utilizada com um verbo dinâmico, os enunciados são interpretados como passado mais-que-perfeito, situando um evento antes de um ponto de referência que se encontra no passado no momento da enunciação. Vejamos o exemplo proposto pela autora, com tradução nossa.

⁵³ Embora McCrindle (1999) utilize tais denominações para o que ela chama de classes aspectuais, adotamos a classificação de Vendler (1967) para as classes acionais dos verbos em nosso experimento mostrado no capítulo seguinte, bem como em nossas análises.

⁵⁴ No original: Les propriétés sémantiques qui caractérisent ces classes se voient dans la variation systématique de l'interprétation aspectuelle et temporelle des phrases.

(72) *Lè Pyè pati, Adel te fè mennaj.*

Quando Pyè partir, Adel ANT fazer limpeza.

‘Quando o Pierre foi embora, a Adel já tinha feito limpeza’.

Ainda de acordo com a autora em questão, os enunciados que combinam o marcador *te* e verbos resultativos são ambíguos: podem ser interpretados como passado ou passado mais-que-perfeito, dependendo do contexto. Em (73), a autora ilustra esta ambiguidade:

(73) *Adel te jwenn Pol.*

Adel ANT encontrar Pol.

‘Adel encontrou/tinha encontrado Pol’.

Já as sentenças que combinam o *te* com verbos estativos estão sempre no passado (perfeito ou imperfeito) ou no mais-que-perfeito, igualmente dependendo do contexto da enunciação. Vejamos o exemplo do McCrindle (1999) em (74):

(74) *Adel te bezwèn sik la.*

Adel ANT precisar açúcar DEF

‘Adel precisou/ precisava / tinha precisado do açúcar’.

McCrindle (1999) sintetiza o emprego do marcador de anterioridade do crioulo haitiano da seguinte forma:

O *te* situa sempre um evento no passado em relação ao momento de enunciação. Às vezes, o tempo do evento coincide com um ponto de referência (isto é, o passado), mas, em outros casos, o tempo do evento precede o ponto de referência (isto é, o mais-que-perfeito). Nós podemos atribuir diferentes tipos de passado (ou seja, passado perfeito e mais-que-perfeito) a um enunciado que contém *te*, o que nos sugere que a melhor análise de *te* é que ele marca o tempo relativo mais do que o tempo absoluto (MCRINDLE, 1999, p. 117, tradução nossa)⁵⁵.

⁵⁵ No original: *te situe toujours un événement au passé par rapport au moment de l'énonciation. Parfois, le temps de l'événement coïncide avec un point de référence (c-à-d, le passé), mais dans d'autres cas, le temps de l'événement précède le point de référence (c-a-d, le plus-que-parfait). Nous pouvons attribuer différents types de passé (c-à-d, le passé ou le plus-que-parfait) à un énoncé qui contient te ce qui nous suggère que la meilleure analyse de te est comme marqueur du temps relatif plutôt que du temps absolu.*

A autora em questão inclui o morfema zero como um marcador de anterioridade no crioulo haitiano. Nesses casos, o morfema zero muda o sentido do enunciado como qualquer outra partícula. Assim, a autora o considera como um marcador de tempo-aspecto que pode denotar passado diante de verbos não estativos e presente diante de verbos estativos. A autora ilustra o emprego do morfema zero nas sentenças apresentadas em (75):

(75) a. *Mwen manje*.

Eu comer.

‘Eu comi’.

b. *Li malad*.

Ele/Ela doente

‘Ele/Ela está doente’.

Como as sentenças (75a) e (75b) mostram, há enunciados no crioulo haitiano que não trazem marcadores pré-verbais. A interpretação temporal dessas sentenças depende, segundo McCrindle (1999), de diversos fatores que estabelecem as propriedades aspectuais da sentença em questão. Esses fatores são a classe acional do verbo, a especificidade do objeto direto do verbo e a especificidade do sujeito. A autora ressalta que um sintagma nominal é específico quando ele possui o determinante [+definido] posposto ao nome. No exemplo em (76), a autora mostra que a especificidade do objeto impõe um ponto final ao evento denotado pelo verbo. Por conta desta propriedade do objeto, interpretamos a sentença como concluída.

(76) *Adel bwè byè a*.

Adel beber cerveja DEF

‘Adel bebeu a cerveja’.

Uma frase que contenha um verbo dinâmico com um objeto não específico é ambígua – pode ser interpretada como passado ou como presente (um hábito).

(77) *Adel bwè byè*.

Adel beber cerveja

‘Adel bebe / bebeu cerveja’.

McCrindle (1999) destaca que o objeto direto não é determinado, ou seja, o sintagma nominal em questão é genérico e, assim, não estabelece um ponto final para o evento denotado pelo verbo. Consequentemente, a sentença em (77) pode ser interpretada como um evento culminado (isto é, no passado) por conta das propriedades acionais do próprio verbo ou como um evento não culminado (portanto, no presente, com aspecto habitual).

A autora salienta igualmente que a especificidade do sujeito⁵⁶ também interfere na interpretação temporal de sentenças cujos predicados apresentem sintagmas nominais nus. Comparemos os enunciados propostos pela autora em (78):

(78) a. *Mayi a ba nou bon garanti.*

Milho DEF dar nós bom lucro

‘O milho nos deu um bom lucro. (o milho específico, de uma colheita específica).’

b. *Mayi ba nou bon garanti.*

Milho dar nós bom lucro

‘O milho nos dá um bom lucro. (o milho em geral).’

Na visão da autora em questão, o determinante definido do sujeito em (78a) força uma leitura de passado, ao passo que o sujeito genérico em (78b) conduz à uma interpretação genérica desta sentença, ou seja, de um presente habitual.

Enunciados com verbos resultativos são ambíguos, apresentem eles ou não um objeto definido. McCrindle (1999) ilustra esta hipótese com a sentença em (79). Como se pode observar, o enunciado em questão pode ter leitura de presente, com uma ideia de hábito, ou de passado.

(79) *Adel jwenn chat (la).*

Adel encontrar gato (DEF)

‘Adel encontra/encontrou o gato’.

⁵⁶ McCrindle (1999) aponta a especificidade do sujeito como um dos fatores que influenciam a interpretação de passado no crioulo haitiano. Este fator representaria um desafio para a noção de telicidade proposta por Kratzer (2002), uma vez que não podemos falar aqui de atribuição de caso acusativo. Em nosso experimento, optamos por não considerar esta variante, pois testamos as predições de DeGraff (2007), que, por sua vez, não menciona a especificidade do sujeito como um elemento que pode dar leitura de presente ou de passado na língua haitiana.

As sentenças com verbos estativos que não possuem a presença do *te* (ou de qualquer outro marcador temporal) são sempre interpretadas como presente. McCrindle (1999) exemplifica este padrão em (80):

(80) *Adel konnèn Pyè*

Adel conhecer Pyè

‘Adel conhece Pyè / *Adel conheceu/conhecia Pyè’.

Glaude (2013) contesta as hipóteses de McCrindle (1999) quando esta afirma que o TMA zero funciona como um marcador de tempo-aspecto, classificando, assim, os enunciados somente a partir de seus predicados. Para ele, a proposta de interpretação realizada por McCrindle (1999) gera um problema: uma sentença como (81) pode possuir diversas leituras:

(81) a. *Zwazo chante.*

Pássaro cantar

(i) A espécie pássaro canta

(ii) O pássaro (personagem de uma narração) cantou

(iii) Há um pássaro / uns pássaros que cantou/cantaram.

(iv) Há um pássaro / um entre os pássaros que canta

b. *Zwazo a chante.*

Pássaro DEF cantar

(i) *A espécie pássaro canta.

(ii) O pássaro (do qual falamos) cantou.

(iii) O pássaro (do qual falamos) canta (ele sabe cantar).

Estes exemplos propostos por Glaude (2013) mostram que o emprego de TMA zero provoca, à priori, ambiguidade na interpretação de sentenças. Contudo, a introdução de certos advérbios podem reduzir a possibilidade de leituras.

(82) a. *Yè zwazo chante.*

ontem pássaro cantar

‘Ontem pássaros cantaram’

‘*Ontem pássaros cantam’.

b. *Yè zwazo a chante.*

Ontem pássaro DEF cantar

‘Ontem, o pássaro (do qual falamos) cantou/*canta’.

Na visão de Glaude (2013), os enunciados propostos por McCrindle (1999) e também por ele sugerem que o marcador TMA zero não indica nem tempo nem aspecto. O autor trabalha com a hipótese de que três projeções estão sempre presentes na estrutura, mas que o valor do traço específico em cada núcleo produz interpretações que dependerão do contexto, englobando fatores sintáticos, semânticos e pragmáticos. Retomaremos esta ideia no próximo capítulo, quando discutiremos mais a fundo a interpretação de passado no crioulo haitiano.

De qualquer modo, podemos observar que a presença do determinante definido *la* ou de seus alomorfes também influencia a leitura de passado na língua haitiana. Lefebvre (2001) já nos mostrou uma possível origem do artigo definido do crioulo do Haiti. Vejamos, agora, como os determinantes ocorrem no idioma em debate.

3.4 Ocorrência de artigos no crioulo haitiano

De acordo com Zribi-Hertz (2014), não há em crioulo haitiano variações de gênero, número e pessoa, ao contrário do que ocorre no francês. O gênero lexical tampouco existe, exceto para a especificação sexual de alguns nomes, como *frère/soeur* (“irmão” / “irmã”, em francês) e *frè / sè* (“irmão” / “irmã”, em crioulo haitiano). Assim, temos em (83):

(83) a. *une chaise blanche / un banc blanc*

francês

IND cadeira branca IND banco branco

‘Uma cadeira branca / um banco branco’

b. *yon chèz blan / yon ban blan*

crioulo haitiano

IND cadeira branco / IND banco branco

‘Uma cadeira branca / um banco branco’.

Zribi-Hertz (2014) aponta também que nomes, verbos e adjetivos possuem uma forma constante e sua categoria é indicada por sua posição na frase. Já as informações funcionais, como tempo e número são expressas por meio de partículas ou de palavras independentes. Observamos, portanto, que a aprendizagem de francês como língua segunda (L2) e de português como língua estrangeira (PLE) requer dos falantes de crioulo haitiano a aprendizagem de uma morfologia nominal de gênero e número, de regras de concordância e de conjugação verbal, inexistente em sua língua materna.

3.4.1 Artigo definido no crioulo haitiano

Conforme vimos, o crioulo haitiano apresenta como artigo definido *la* (e os alomorfes *a*, *na*, *nan* e *lan*, fonologicamente condicionados) posposto ao nome. No entanto, Haspelmath *et al.* (2013) destacam que o artigo definido não é obrigatório no crioulo haitiano. Em outras palavras, é possível haver leitura de definitude em um sintagma nominal nu. Manuelian e Fattier (2011), por sua vez, afirmam que o determinante *la* possui três valores: o emprego definido propriamente dito, a retomada correferencial e a anáfora associativa.

Segundo Manuelian e Fattier (2011), para que o determinante *la* tenha valor de definido propriamente dito, o objeto já deve ser conhecido pelo interlocutor, bem como precisa ter sido mencionado no discurso. Além disso, deve cobrir todo o sintagma nominal, mesmo que ele seja complexo (MANUELIAN E FATTIER, 2011), como em (84a) e (84b):

(84) a. *wob la*.

vestido DEF.

‘O vestido’.

b. *wob Mari a*

vestido Maria DEF.

‘O vestido da Maria’.

Para esses autores, a definitude por retomada correferencial pode ocorrer de dois modos. O primeiro deles, denominado retomada imediata, está exemplificado em (86). Nela, o artigo definido do crioulo haitiano serve para retomar imediatamente o nome *nèg*. No francês, esta recuperação é realizada com um pronome demonstrativo – o emprego do artigo definido, neste caso, provocaria a agramaticalidade da sentença; e, como no francês, no português brasileiro, a construção com o demonstrativo também é mais aceitável do que com o artigo definido. No exemplo a seguir, retirado de Manuelian e Fattier (2011), o sintagma nominal em destaque retoma diretamente o nome *nég*.

(85) *Se on nèg men nèg là nan mizè (...)*

Haver IND homem mas homem DEF em miséria

‘Havia um homem, mas esse/?o homem estava na miséria’.

O segundo caso de retomada correferencial é chamado por Manuelian e Fattier (2011) de retomada infiel. Segundo os autores, a realização do determinante é possível desde que haja uma relação lexical entre os nomes ligados, sobretudo uma relação de hiperonímia/hiponímia, como os autores em questão ilustram em (86).

(86) *Sélòm gen yon pitit. Ti gason an pa vle ret dousman.*

Sélòm ter IND criança pequeno menino DEF NEG querer ficar calmo’

‘Sélòm tem um filho. O menino não quer se acalmar’.

A definitude ocorre, ainda, em anáforas associativas, ou seja, a recuperação é realizada a partir de uma descrição definida, a qual pode se referir a uma entidade que esteja aparecendo pela primeira vez no discurso, como em (86), ou a uma palavra ou expressão já mencionada no texto (HAAG E OTHERO, 2003), conforme veremos no exemplo em (87), retirado de Manuelian e Fattier (2011).

(87) *Nan trennen yon tab pou Siriys, Paul kase pye a.*

Em arrastar IND mesa para Siriys, Paul quebrar pé DEF.

‘Arrastando uma mesa para Siriys, Paulo quebrou o pé’.

Os artigos do hausa têm as mesmas propriedades que os do crioulo haitiano, conforme mostra (88), retirada de C. Lyons (1999).

(88) *To, ashe ya bar hula-r-sa a wuri-n da aka yi*

OK realmente AUX deixar boné-DEF-dele no lugar-DEF REL AUX

. *karo-n, sai wani yaro ya ga hula-r*

colisão-DEF então um menino AUX ver boné-DEF

‘OK, ele deixou o boné dele no lugar onde a colisão aconteceu, então um menino viu o boné’.

Segundo C. Lyons (1999), em (88) dois dos NPs definidos são segundas menções. “Hular” (o boné) possui como antecedente “hularsa” (o boné dele); já a menção de “karon” (a colisão) é considerada como mencionada anteriormente no discurso. O terceiro NP definido, “wurin” (o lugar) apresenta definitude porque associa-se ao NP “karon” – é um caso, portanto, de uma associação catafórica.

3.4.2 Artigo indefinido no crioulo haitiano

Relembramos aqui que C. Lyons (1999) afirma que artigos indefinidos “reais”, isto é, aqueles que diferem ou não são derivados do cardinal, são raros. Segundo o autor, muitas línguas têm itens que expressam uma ideia de indefinidade ou de arbitrariedade, como o inglês (*any*, “qualquer”) e o espanhol (*cierto*, “um certo”), porém esses termos não podem ser considerados artigos indefinidos. Para o autor em questão, artigos indefinidos são aqueles que ocorrem obrigatoriamente com sintagmas nominais verdadeiramente indefinidos, conforme vimos no capítulo anterior.

De acordo com Manuelien e Fattier (2011), o crioulo haitiano apresenta como artigo indefinido *yon* e o alomorfe *on*, idênticos ao numeral “um”, sempre anteposto ao nome⁵⁷. Assim como os definidos, os artigos indefinidos do idioma em questão não marcam gênero e são idênticos ao numeral “um”. A sentença (89), extraída de Fattier (2013), exhibe a ocorrência do artigo indefinido na língua crioula haitiana.

⁵⁷ Haspelmath *et al.* (2013) afirmam que a indefinidade ocorre quando a entidade coberta por um sintagma nominal não apresenta os traços de unicidade e de identificabilidade para o ouvinte.

(89) *M gen yon zanmi ki malad.*

1SG ter IND amigo REL doente.

‘Eu tenho um amigo que está doente’.

O crioulo haitiano parece apresentar o que C.Lyons (1999) denomina de artigo quase-indefinido. A indefinitude, neste caso, é sinalizada por uma palavra de cardinalidade, como o que acontece no francês (*un*) e no português (“um”), entre diversas outras línguas. Assim, como indicam Haspelmath *et al.* (2013), ele é restrito quase exclusivamente a nomes contáveis e singulares.

3.4.3 Genéricos no crioulo haitiano

Como vimos no primeiro capítulo, C. Lyons (1999) define sintagmas nominais genéricos como aqueles cuja referência é feita a uma classe inteira ou, mais especificamente, aqueles que representam generalizações sobre um conjunto composto por entidades que satisfaçam a descrição inerente ao NP em questão. O autor ressalta que determinantes como “todo” e “cada” não podem denotar genericidade por questões semânticas: uma única exceção invalidaria uma sentença com “todo”; já os sintagmas nominais genéricos permitem exceções, desde que continuem expressando tendências gerais.

Muitas línguas mostram uma variedade de tipos de sintagmas nominais disponíveis com valor genérico – definido e indefinido, singular e não singular – como é mostrado pelas sentenças em (90), retiradas de C.Lyons (1999) e traduzidas por nós:

(90) a. Os cachorros têm quatro patas.

b. Cachorros têm quatro patas.

c. Cachorro tem quatro patas.

d. O cachorro tem quatro patas.

Segundo Maurer *et al.* (2013), em muitas línguas crioulas os sintagmas nominais genéricos ocorrem sem nenhum artigo. No crioulo haitiano, por sua vez, os grupos nominais sem determinantes também podem receber interpretação genérica.

Zribi-Hertz (2014) aponta que o francês raramente admite NPs sem determinantes. Assim, a sentença (91) é agramatical.

(91) **J'ai vu souris.*

1SG AUX ver rato.

'Eu vi rato(s)'.

Contudo, segundo a autora, sentenças análogas a (91) são gramaticais no crioulo haitiano e isso independe de se tratar de NP nu contável ou massivo. Vejamos os dados em (92), todos extraídos de Zribi-Hertz (2014), com tradução nossa.

(92) a. *Mwen wè sourit.*

1SG ver rato

Eu vi rato(s)'.

b. *Mwen bwè wonm.*

1SG beber rum

'Eu bebi rum' (uma quantidade não específica de rum)

c. *Mwen renmen sourit/wonm.*

1SG gostar rato / rum

'Eu gosto de rato / rum'.

Os exemplos a seguir, disponíveis online no *Atlas of Pidgin and Creole Languages Structures*⁵⁸, mostram sintagmas nominais nus com interpretação genérica, uma vez que se referem a uma classe inteira. De acordo com Manuelian e Fattier (2013), sentenças como (93) representam provérbios e ditados populares.

(93) *Ameriken bwè koka-kola, franse bwè diven, alman bwè byè, ayisyen bwè dlo.*

Americano beber coca-cola francês beber vinho alemão beber cerveja
haitiano beber água

'Americano bebe Coca-Cola, francês bebe vinho, alemão bebe cerveja, haitiano bebe água'.

⁵⁸ Material disponível em: <http://apics-online.info>.

Segundo Fattier (2013), também é possível a ocorrência de interpretação genérica em sintagmas nominais precedidos por um artigo definido, como em (94). Neste caso, a interpretação é válida para cada entidade do grupo dos versos alexandrinos.

(94) *Nou konnen yon vè aleksandren toujou gen douz silab.*

1PL/2PL saber IND verso alexandrino sempre ter doze sílaba.

‘Nós sabemos / vocês sabem que um verso alexandrino sempre tem doze sílabas’.

Fattier (2013) ressalta, ainda, que o crioulo haitiano também aceita interpretação genérica para NPs com determinante definido, como ocorre na sentença (95).

(95) *Fanm ayisyèn nan chèlbè.*

Mulher haitiana DEF bonita

‘A mulher haitiana é bonita’.

3.4.4 Definitude em nomes nus

Conforme mencionado, o artigo definido não é obrigatório para que haja definitude no crioulo haitiano (HASPELMATH *ET AL.*, 2013), o que constitui um caso bem particular dada a visão geral que encontramos na literatura. Segundo Manuelian e Fattier (2011), em francês a cadeia de referência de um sintagma nominal definido apresenta a seguinte forma: “Artigo definido + nome (...) artigo definido + nome (...) artigo definido + nome (...)”. Já no crioulo haitiano a mesma cadeia pode ocorrer do seguinte modo: “Nome (...) nome + artigo definido (...) nome + artigo definido (...)”. Assim, a sentença em (96) apresentada nos estudos de Manuelian e Fattier (2011), é gramatical:

(96) *Si pou limyè fèt. Epi limiyè te fèt. Bondye wè limyè a te bon.*

Se para luz fazer depois luz ANT fazer. Bom Deus ver luz DEF ANT bom

‘Faça-se a luz. Assim, a luz foi feita. O Bom Deus viu que a luz era boa’.

Zribi-Hertz (2014) explica que não é possível realizar a correspondência entre o determinante *la* do crioulo haitiano e os artigos definidos do francês (e, também, do português). Segundo a autora, o *la* da língua haitiana remete sempre a uma entidade visível ou já identificada na situação, o que não é o caso dos artigos definidos da língua francesa e portuguesa, como também afirma Lefebvre (2001). Deste modo, podemos inferir que é possível interpretarmos o determinante do crioulo haitiano como um demonstrativo em determinados contextos. As sentenças em (97)⁵⁹ ilustram esta possibilidade. Em (97a), imaginemos um contexto em que os participantes do discurso estejam na mesma praia que Pòl ou que a praia em questão já estivesse identificada antes do início do discurso; em (97b), por sua vez, tomemos um contexto em que se aponta uma praia específica e que é mencionada no discurso pela primeira vez.

(97) a. *Pòl sou plaj.*

Paulo sobre praia

‘Paulo está na praia’.

b. *Pòl sou plaj la.*

Paulo sobre praia DEF

‘Paulo está nessa praia’.

Neste capítulo, apresentamos uma série de autores que se debruçam sobre os estudos de línguas crioulas e do crioulo haitiano em especial. De tudo o que vimos até aqui, ficamos com a definição de línguas crioulas proposta por Baxter e Lucchesi (1997). Os autores afirmam que na criação de um crioulo acontecem inovações orientadas por princípios universais e por outras línguas presentes no contexto de formação deste novo idioma, que preenchem lacunas deixadas pelas diluição do modelo da aquisição. As características que mostramos do crioulo haitiano aqui são um exemplo deste preenchimento, na medida em que vemos a transmissão de certos princípios universais na formação do haitiano, porém orientada pelas línguas de substratos – é o caso da formação dos artigos na língua haitiana, por exemplo.

No que diz respeito ao sistema de tempo, modo e aspecto do crioulo haitiano, acreditamos que as descrições apresentadas por McCrindle (1999) sejam válidas, uma vez que os dados trazidos pela autora corroboram com suas hipóteses.

⁵⁹ As sentenças são de Zribi-Hertz (2014) e traduzidas por nós.

Abordamos, em especial, as hipóteses da autora sobre a anterioridade no haitiano. Não adotaremos, conforme mencionamos, sua nomenclatura para as classes acionais (ficaremos, portanto, com a classificação de Vendler, 1967 *apud* Pires de Oliveira & Basso, 2007). No entanto, a autora faz considerações importantes sobre a marcação de passado na língua haitiana. Primeiramente, McCrindle (1999) considera que a partícula *te* marca o tempo relativo mais do que o tempo absoluto, uma vez que sua presença na sentença pode denotar diferentes tipos de passado (perfeito, mais-que-perfeito).

A autora em questão considera, ainda, que existem fatores responsáveis por atribuir interpretação de passado para enunciados que não apresentam o marcador *te*. Um deles é a definitude / especificidade do objeto para sentenças com verbos não estativos, o que reforça as predições de DeGraff (2007) testadas neste trabalho. A autora defende, ainda, que a especificidade do sujeito também possui um papel na leitura de passado quando o *te* não está disponível em sentenças com verbos não estativos. Porém, não verificaremos, neste momento, essa variante no experimento que apresentaremos no próximo capítulo.

Na última parte deste capítulo, abordamos alguns autores que descrevem a definitude no crioulo haitiano. Sobre este aspecto da língua haitiana, parece-nos importante ter em mente o que afirmam Manuelien e Fattier (2011) e Zribi-Hertz (2014): para que o determinante *la* (e alomorfes) tenha valor de definido propriamente dito, o objeto deve ser conhecido pelo interlocutor e mencionado no discurso. O fato de existir definitude em nomes nus no crioulo haitiano nos permite inferir que *la* e seus alomorfes podem ser interpretados como um demonstrativo em determinados contextos, como ilustram os dados dos autores em questão por nós apresentados.

No capítulo seguinte, nos aprofundaremos nas análises do conjunto de fatores que podem desencadear a interpretação de passado na língua haitiana: presença da partícula *te*, classe acional do verbo, definitude do objeto e, conseqüentemente, a culminação do evento. Apresentaremos também as predições de DeGraff (2007) e tentaremos explicá-las a partir de Verkuyl (1993), Kratzer (2002) e Fitzpatrick (2005). Por fim, apresentaremos nosso experimento e nossas análises acerca de seus resultados.

4 INTERPRETAÇÃO DE PASSADO NO CRIOULO HAITIANO

4.1. Retomando as discussões

Como vimos no capítulo anterior, é difícil chegar a um consenso sobre a melhor análise de tempo e aspecto a ser atribuída ao crioulo haitiano. McCrindle (1999) ressalta que as interpretações de eventos na língua haitiana acontecem mais no domínio do aspecto a partir de sua culminação ou não culminação. Além disso, Glaude (2013) afirma que o contexto é primordial para que possamos compreender qual é a leitura temporal e aspectual para um enunciado em questão.

Chama-nos a atenção, em particular, como se expressa a anterioridade no idioma do Haiti. Conforme vimos no capítulo 2, a marca morfológica *te* é utilizada preposta ao verbo para denotar passado (de acordo com Glaude, 2013, o aspecto perfectivo ou imperfectivo é dado pelo contexto do discurso). Todavia, é possível ter sentenças sem a presença desse marcador, mas com leitura de passado. Tal leitura, segundo McCrindle (1999) depende da classe acional do verbo, da definitude / especificidade do objeto direto e da especificidade do sujeito. Deste modo, sentenças com verbos dinâmicos (como “beber”) e cujos objetos diretos são definidos são interpretadas no passado. De acordo com a autora, a definitude do objeto impõe um ponto final ao evento denotado pelo verbo; logo, o evento pode ser lido como culminado. Enunciados sem o marcador *te* com verbos dinâmicos e objetos não específicos podem ser lidos como passado ou presente (como um hábito).

Sentenças sem o *te* com verbos resultativos (como “encontrar”) com objeto direto específico podem ou não ter interpretação de passado. Já sentenças com verbos estativos (como “gostar”, “precisar”) precisam da presença do *te* para serem passíveis de leitura de passado.

Resumimos as considerações de McCrindle (1999) no Quadro 4:

QUADRO 4 – CONSIDERAÇÕES DE MCCRINDLE (1999) ACERCA DA INTERPRETAÇÃO DE ANTERIORIDADE NO CRIOULO HAITINO

	EXEMPLO	PARTÍCULA “TE”	OBJETO DIRETO	INTERPRETAÇÃO TEMPORAL
Dinâmico	“beber”	Com <i>te</i>	Específico / Definido	Passado
		Sem <i>te</i>	Específico / Definido	Passado
		Sem <i>te</i>	Não Específico	Presente (aspecto habitual) ou Passado
Resultativo	“encontrar”	Com <i>te</i>	Específico / Definido OU Não Específico	Passado
		Sem <i>te</i>	Específico / Definido OU Não Específico	Presente (aspecto habitual) ou Passado
Estativo	“gostar”; “precisar”	Com <i>te</i>	--	Passado
		Sem <i>te</i>	--	Presente

Fonte: McCrindle (1999).

As análises realizadas por McCrindle (1999) estão, de modo geral, de acordo com as predições de DeGraff (2007), embora este trate as classes acionais dos verbos de acordo com Vendler (1967). Segundo este autor, a leitura temporal dos verbos no crioulo haitiano depende da classe acional do verbo e da definitude (ou não) de seu objeto. Mais precisamente, sentenças com verbos não estativos sem qualquer indício morfológico podem ser interpretadas como passado diante de um verbo com objeto definido, como em (98a), ou como presente diante de um verbo com objeto genérico, como em (98b). Os exemplos a seguir são extraídos de DeGraff (2007), com tradução nossa:

(98) a. *Bouki vann chat la.*

Bouki vender gato DEF

‘Bouki vendeu o gato’.

b. *Bouki vann chat.*

Bouki vender gato

‘Bouki vende gato(s)’.

Já sentenças com verbos estativos possuem interpretação de passado apenas diante da presença da marca morfológica *te* – etimologicamente relacionada com as formas *été, étais, était* do francês⁶⁰, responsável por denotar anterioridade no crioulo haitiano. As sentenças (99), (100) e (101) são de DeGraff (2007) e exemplificam as leituras temporais possíveis para os estativos:

(99) *Bouki te konn repons lan.*

Bouki ANT saber respostas DEF

‘Bouki soube/sabia as respostas’.

(100) *Elifèt te malad.*

Elifèt ANT doente

‘Elifèt esteve/estava doente’.

(101) *Elifèt malad.*

Elifèt doente

‘Elifèt está doente’.

McCrindle (1999) e DeGraff (2007) limitam-se a observar e descrever as possibilidades de leitura de passado no crioulo haitiano. Porém, os autores não explicam (ou não aprofundam suas análises sobre) por que é possível haver leitura de passado em sentenças sem o marcador *te*. DeGraff (2007) levanta a possibilidade de que a interpretação de passado também seja sensível à telicidade do predicado, contudo, não se debruça nesta questão. Nossa hipótese, a partir do contraste sugerido pelos dados de ambos os autores, é que tal interpretação é sensível às propriedades das classes acionais e da telicidade do predicado. Assim, nossa intenção neste capítulo é ampliar as análises sobre a função da acionalidade, da definitude do objeto e da telicidade do predicado na interpretação de passado no crioulo haitiano.

Este capítulo se organiza da seguinte forma: apresentaremos, primeiramente, as predições de DeGraff (2007), autor que serviu de ponto de partida para as nossas investigações. Na seção que se segue, traremos algumas análises possíveis para

⁶⁰ Ver DeGraff (2007).

explicar a anterioridade no crioulo haitiano. Por fim, mostraremos o teste por nós desenvolvido com o objetivo de verificar as previsões de DeGraff (2007), bem como os resultados obtidos.

4.2 As previsões de DeGraff (2007)

Em um de seus trabalhos mais abrangentes, DeGraff (2007) realiza a descrição do sistema de tempo, modo e aspecto (TMA) do crioulo haitiano. Aqui, nos concentraremos no que o autor fala sobre o passado. DeGraff (2007) afirma que verbos estativos sem qualquer marcador de TMA possuem interpretação temporal relacionada a situações que se referem ao momento da enunciação.

(102) *Bouki renmen chat la.*

Bouki gostar gato DEF

‘Bouki gosta do gato’.

No que diz respeito ao passado, existe um contraste notável entre os verbos estativos e os não estativos. O autor aponta que, quando usado sem marcadores TMA, verbos estativos como *renmen* em (102) são interpretados como não passado independentemente da especificidade e/ou definitude de seu objeto. Assim, verbos estativos possuem leitura de passado apenas diante da presença do marcador *te*, como mostram os exemplos (99) e (100) e (103) e (104).

(103) *Elifèt te yon doktè.*

Elifèt ANT IND médico

‘Elifèt foi/era um médico’.

(104) *Elifèt te anba tab la.*

Elifèt ANT embaixo mesa DEF

‘Elifèt esteve/estava embaixo da mesa’.

A leitura de presente, com ideia de genericidade, ou passado para os verbos não estativos⁶¹ não depende apenas da presença do *te*. Segundo DeGraff (2007), tal interpretação é sensível também à definitude do objeto. Verbos do tipo *achievement* parecem possuir interpretação de passado diante de um objeto definido e de presente diante de objetos genéricos. Repetimos em (105) e (106) os exemplos (98a) e (98b) e acrescentamos (107), que exibem sintagmas nominais formados por substantivos contáveis. A interpretação de passado em sentenças sem a presença da marca morfológica *te*, porém com a presença de objetos definidos, está disponível mesmo diante de nomes massivos, como em (108).

(105) *Bouki vann chat la.*

Bouki vender gato DEF

‘Bouki vendeu o gato’.

(106) *Bouki vann chat.*

Bouki vender gato

‘Bouki vende gato(s)’.

(107) *Mwen konnen moun ki achte liv la.*

Eu conhecer homem REL comprar livro DEF

‘Eu conheço o homem que comprou o livro’.

(108) *Pòl prèske fini diri a.*

Pòl quase terminar arroz DEF

‘Pòl quase terminou o arroz’⁶².

Os dados em (109) e (110) mostram que, quando o objeto é indefinido ou composto por um nominal nu, a presença da partícula *te* parece ser necessária para que haja a leitura de passado.

⁶¹ É importante notar que DeGraff (2007) fala apenas em verbos estativos e não estativos. Contudo, nós assumimos no restante deste capítulo a classificação de Vendler (1967) para as classes acionais.

⁶² Os exemplos (107) e (108) são de Zribi-Hertz (2014).

(109) *Jan te achte yon Fiat Uno.*

Jan ANT comprar INDF Fiat Uno

‘Jan comprou um Fiat Uno’⁶³.

(110) *M’ achte krab.*

Eu comprar caranguejo

‘Eu compro caranguejo(s)’⁶⁴.

A mesma lógica parece se aplicar aos verbos do tipo *accomplishment*, conforme exemplificam as sentenças de (111a), (111b) e (111c), extraídas de Zribi-Hertz (2014): diante de um objeto indefinido ou composto por um nominal nu, a presença do marcador *te* parece ser indispensável para que haja a interpretação de anterioridade.

(111) a. *Pòl manje diri a.*

Pòl comer arroz DEF

‘Pòl comeu o arroz.’

b. *Li manje diri.*

3SG comer arroz

‘Ele/Ela come arroz’.

c. *Li te manje diri.*

3SG ANT comer arroz

‘Ele comeu arroz’.

Os dados mostram, ainda, que falantes do crioulo haitiano podem utilizar a marca de anterioridade *te* em sentenças com objetos definidos. Deste modo, tanto (112a) quanto (112b) são gramaticais.

(112) a. *Ti gason an te ekri lèt la.*

Pequeno menino DEF ANT escrever carta DEF

‘O menino escreveu a carta’.

⁶³ O dado em (109) é de Cursino & Figueiredo Silva (2016).

⁶⁴ O dado em (110) é de Zribi-Hertz (2014).

b. *Ti gason an ekri lèt la.*

Pequeno menino DEF escrever carta DEF

‘O menino escreveu a carta’⁶⁵.

DeGraff (2007) não aborda de modo específico o comportamento dos verbos de atividade monoargumentais. Contudo, dada a intransitividade de boa parte deles, não é possível contar com a definitude do objeto para obter a leitura de passado. O dado em (113), de Cursino & Figueiredo Silva (2016), assinala que parece haver dependência da marca morfológica *te* para que ocorra a interpretação de passado.

(113) *Ane passe Jan te naje.*

Ano passado Jan ANT nadar

‘No ano passado Jan nadou’.

DeGraff (2007) considera, então, que a interpretação de passado no crioulo haitiano é sensível não apenas às classes acionais dos verbos e à definitude do objeto. Parece que a telicidade (isto é, a culminação ou não culminação de um evento, segundo Kratzer, 2002) também está em jogo. Como já mencionamos, o autor não explica, contudo, a relação entre todos esses elementos. Assim, é necessário buscar explicações para a relação entre a interpretação de passado e a definitude do objeto, a acionalidade e/ou telicidade do predicado.

4.3 Possíveis análises para a interpretação de anterioridade no crioulo haitiano

DeGraff (2007) afirma que compreender o sistema de tempo, modo e aspecto do crioulo haitiano é como juntar as peças de um jogo. Quando pensamos na anterioridade do idioma em questão, vemos que o autor tem razão em sua comparação. Buscamos explicações para a relação entre a interpretação de passado e a definitude do objeto, a acionalidade e/ou telicidade do predicado. Apresentamos a seguir três análises: a primeira é baseada no traço $[\pm SQA]$ – *specified quantity argument*, proposto por Verkyul (1993). Na seção seguinte, mostraremos como este comportamento da língua haitiana pode ser compreendido a partir de Kratzer (2002)

⁶⁵ Os dados em (112) são de Cursino & Figueiredo Silva (2016).

e sua noção de telicidade. Por fim, abordaremos a noção de *factative effect* apontada por Fitzpatrick (2005) e como ela fornece indícios para a interpretação temporal no haitiano.

4.3.1 Verkuyl (1993) e o traço [±SQA]

Verkuyl (1993) apresenta uma linha de análise em que se toma o verbo de modo composicional. Isto é, a telicidade não depende apenas da acionalidade dos verbos. Deve-se observar se o verbo possui um complemento e, caso possua, como ele pode modificar a semântica verbal. É o que o autor chama de [±SQA] – *specified quantity argument*. Caso um argumento interno possua uma quantidade específica [+SQA], recebe uma leitura télica; quando possui uma quantidade não específica [-SQA], a interpretação verbal é atélica. Deste modo, para Verkuyl (1993), o que diferencia (114) de (115) é o traço de especificidade do objeto. De acordo com o autor, (114) traz um verbo de atividade e o aspecto é imperfectivo, o que torna a sentença atélica. Por sua vez, o objeto específico de (115) faz do verbo um *accomplishment*, e o aspecto é perfectivo, tornando a sentença télica.

(114) Ela comeu sanduíches.

(115) Ela comeu o sanduíche.

A noção de especificidade do objeto [±SQA] proposta por Verkuyl (1993) parece explicar (ou ao menos dá pistas sobre) a interpretação temporal do passado no crioulo haitiano. Em se tratando de verbos *achievements* e *accomplishments*, de propriedade télica, o traço [+SQA] do objeto parece decisivo na leitura de passado, dispensando a presença do *te*. Repetimos aqui os exemplos (98a)/(105) e (113) como, respectivamente, (116) e (117):

(116) *Bouki vann chat la.*

Bouki vender gato DEF

Bouki vendeu o gato. (o gato em questão, aquele de que se fala).

(117) *Pòl manje diri a.*

Pól comer arroz DEF

Pòl comeu o arroz. (o arroz em questão, aquele de que se fala)

Deste modo, o traço [+SQA] e o determinante [+definido] presentes em (116) e (117) conferem às sentenças o caráter télico e perfectivo. Estas propriedades, por sua vez, parecem suficientes para garantir a interpretação de passado sem que haja a necessidade de qualquer outra marca morfossintática. Já os verbos de atividades, quando monoargumentais, possuem o traço [-SQA]. Logo, para que a leitura de uma sentença com verbo de atividade sem argumento interno esteja disponibilizada no passado, a presença da marca morfológica *te* é necessária. Em um enunciado como (118) temos uma amostra de como os verbos desta classe ocorrem no passado. Nos testes realizados por Cursino e Figueiredo Silva (2016), não foi encontrado nenhum dado para verbos de atividade monoargumental cuja interpretação de passado apareça sem o *te*.

(118) *Yè Jan te kouri.*

Ontem Jan ANT correr

‘Ontem Jan correu’.

Por fim, os verbos estativos possuem sempre caráter atélico, independentemente das propriedades de seu complemento. Neste caso, a atelicidade verbal sobrepõe-se à especificidade/definitude do objeto. O traço [-télico] prevalece e, deste modo, o *te* deve estar presente para que ocorra interpretação temporal de passado. Repetimos em (119) e (120) os dados (103) e (104).

(119) *Elifèt te yon doktè.*

Elifèt ANT IND médico

‘Elifèt foi/era um médico’.

(120) *Elifèt te anba tab la.*

Elifèt ANT embaixo mesa DEF

‘Elifèt esteve/estava embaixo da mesa’.

Com base em Verkuyl (1993), apresentamos no Quadro 5 um resumo da interpretação de anterioridade no crioulo haitiano.

QUADRO 5 – INTERPRETAÇÃO DE ANTERIORIDADE NO CRIOULO HAITIANO COM BASE EM VERKUYL (1993)

CLASSE ACIONAL	[±SQA]	Partícula <i>te</i>	Análise
<i>Achievements</i> e <i>Accomplishments</i>	[+SQA]	Pode estar ausente	[+SQA] do objeto parece decisivo na leitura de passado, dispensando o <i>te</i> .
Estativos	[-SQA]	Sempre presente	<i>te</i> obrigatório, pois estativos têm traço [-télico].
Atividades monoargumentais	[-SQA]	Presente	<i>te</i> parece obrigatório, pois não há argumento interno para exibir definitude.

Fonte: adaptado de Verkuyl (1993).

Conforme vimos, Verkuyl (1993) defende que predicados com o traço [+definido] como “o gato”, modificam a semântica de um verbo como “vender”, possibilitando, assim, uma leitura télica para o evento em questão. Estamos observando o que acontece no nível VP das sentenças para verificar o que desencadeia, portanto, uma leitura télica. Se estamos olhando o que acontece no nível do VP, pensamos no que se passa na sintaxe. Por isso, abordaremos a análise de Kratzer (2002) sobre telicidade sob o ponto de vista sintático e tentaremos aplicá-lo ao crioulo haitiano.

4.3.2 A interpretação de anterioridade no crioulo haitiano a partir de Kratzer (2002)

No capítulo 1, analisamos o modo como Kratzer (2002) entende a telicidade. Para a autora, a telicidade ocorre a partir da compreensão do traço [télico] como um operador capaz de criar predicados télicos na interação com o significado lexical dos verbos, no lugar de apenas selecionar predicados que já são télicos.

Deste modo, a autora em questão se posiciona contra análises de telicidade a partir da quantização, como propõe Verkuyl (1993). Para este autor, uma sentença

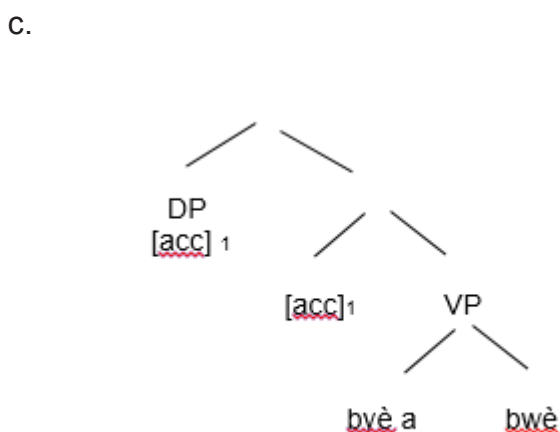
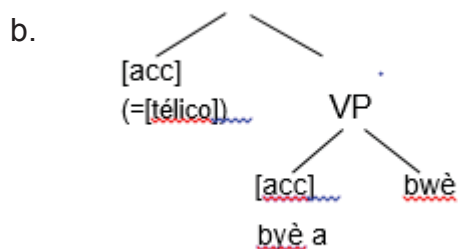
como “Ela comeu sanduíches” é atética, pois a não definitude do objeto direto “sanduíches” não permite dar um fim ao evento “comer sanduíches”. Kratzer (2002), por sua vez, propõe o seguinte exemplo:

- (121) a. Ela esteve tricotando luvas por dias.
b. Ela tricotou luvas por dias.

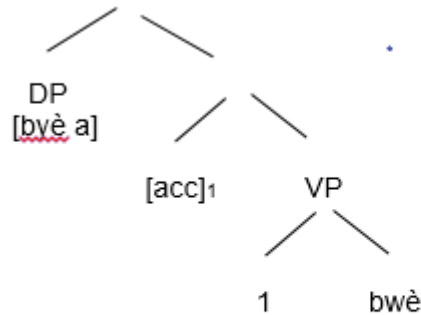
Em (121a), não há como afirmar que alguma luva tenha, de fato, sido terminada, segundo a autora. Já em (121b) podemos ter esta implicação. Ou seja, é possível afirmar que luvas foram tricotadas, isto é, o evento “tricotar luvas” culminou.

Assim, a hipótese de Kratzer (2002) de que o traço [télico] atue como um operador que cria predicados télicos na interação com o significado lexical dos verbos parece licenciar leitura de passado para sentenças sem o *te* no crioulo haitiano, como vimos no capítulo anterior. Assim, a partir das hipóteses da autora, arriscamos uma proposta de árvore sintática para a sentença em (122).

- (122) a. *Adel bwè byè a*
Adel beber cerveja DEF
‘Adel bebeu a cerveja’.



d.



O que acontece, então, com verbos *accomplishment*? Para a autora, esta classe acional representa um processo e pode (assim como os verbos de atividade) se combinar com o traço [télico], tendo chances de culminação.

Os dados em (111) repetidos agora em (123), nos fornecem pistas sobre os *accomplishments* no crioulo haitiano. A telicidade, neste caso, parece ser construída sintaticamente. Em (123a), o traço acusativo [acc] do objeto direto se vincula ao traço [télico], trazendo a leitura télica ao enunciado. Em (123b) e (123c), podemos perceber que quando o objeto direto do verbo é um nome massivo ou indefinido, a presença do *te* parece necessária para que seja possível uma leitura de passado.

- (123) a. *Pòl manje diri a.*
 Pòl comer arroz DEF
 ‘Pòl comeu o arroz.’
- b. *Li manje diri.*
 3SG comer arroz
 ‘Ele/Ela come arroz’.
- c. *Li te manje diri.*
 3SG ANT comer arroz
 ‘Ele comeu arroz’.

Ainda de acordo com Kratzer (2002), predicados *achievement* como “ganhar a corrida” possuem o traço [télico] capaz de conceder telicidade ao evento. Trata-se, para a autora em questão, de eventos instantâneos, que podem ser compreendidos como eventos que não possuem propriedade de subeventos. Quando falamos em “ganhar a corrida”, estamos diante de um evento único. Consequentemente, a única interpretação possível é de que a corrida em questão foi ganha – portanto, concluímos que o evento em questão culminou.

A sentença inicial proposta por DeGraff (2007) parece reforçar a hipótese de Kratzer (2002). Dentro do contexto específico, uma vez que a autora assume que o contexto do discurso é fator decisivo para a atribuição de telicidade, a sentença (124a) pode ser interpretada como passado. Em *vann chat la* (“vender o gato”), o objeto direto “bounded” possui caso acusativo, que se liga, então, com o traço [télico] no movimento do DP, tornando a leitura télica. Além disso, Kratzer (2002) também afirma que predicados *achievements* denotam um evento instantâneo, possuindo, assim, o traço [télico]. Sem o marcador *te*, o enunciado (124b) apresenta apenas a leitura de presente, com aspecto habitual.

- (124) a. *Bouki vann chat la.*
 Bouki vender gato DEF
 ‘Bouki vendeu o gato’.
- b. *Bouki vann chat.*
 Bouki vende gato
 ‘Bouki vende gato(s)’.

Kratzer (2002) assume, ainda, que verbos estativos são atélicos por natureza, pois descrevem processos ou estados que não afetam diretamente os referentes de seu objeto direto. Neste caso, a dificuldade seria perceber como esses referentes poderiam impor limites para escalas que mensurem a culminação dos eventos descritos. Devemos lembrar, no entanto, que verbos como “amar” podem ter um objeto ao qual é atribuído caso acusativo.

No crioulo haitiano, verbos estativos possuem leitura de passado apenas quando a partícula *te* é empregada. É o que nos mostra o par de sentenças (100) e (101), retirados de DeGraff (2007), repetidos agora como (125) e (126).

- (125) *Elifèt te malad.*
 Elifèt ANT doente
 ‘Elifèt esteve/estava doente’.

- (126) *Elifèt malad.*
 Elifèt doente
 ‘Elifèt está doente’.

4.3.3 A interpretação da anterioridade a partir da noção de *factative effect* de Fitzpatrick (2005)

Em seu trabalho intitulado *Delation through movement*, Fitzpatrick (2005) investiga os motivos pelos quais é possível haver o apagamento de auxiliares do tipo aux-drop, isto é, auxiliares sem conteúdo semântico, em sentenças interrogativas do inglês como o exemplo em (127):

- (127) (*Does*) *Anybody want a hot dog?*
AUX-DROP alguém querer IND cachorro quente
'Alguém quer um cachorro quente?'

O autor pretende mostrar que o auxiliar não pronunciado em questões como (127) não contribui para a interpretação da sentença do ponto de vista semântico. Em (128), é possível perceber que a impossibilidade do aux-drop em enunciados que apresentam auxiliares que possuem conteúdo semântico, como os modais, nos leva a considerar que o apagamento do auxiliar é limitado por uma condição de recuperabilidade. Em outras palavras, um auxiliar pode ser suprimido se não há nada de conteúdo a recuperar na estrutura ou no contexto em que a sentença foi proferida.

- (128) **(Can) anyone pick up John at the airport?*
AUX alguém pegar John no DEF aeroporto
'Alguém pode pegar o John no aeroporto?'

Contudo, segundo o autor, podemos ainda nos questionar sobre quais interpretações são possíveis quando o auxiliar ou marcadores de tempo estão ausentes na sentença, ou seja, quando não é possível recuperar o conteúdo semântico do auxiliar em nenhuma outra informação fornecida pela sentença. O dado em (129) fornece subsídios para que Fitzpatrick (2005) defenda que é possível que uma estrutura não apresente nenhuma especificação de tempo explícito e, ainda assim, possa ser interpretável por conta própria.

(129) *Anyone sick? (= Is anyone sick?)*

Alguém doente AUX-DROP alguém doente

‘Alguém está doente?’

Fitzpatrick (2005) argumenta que a única interpretação temporal possível para (129) é a de presente; qualquer outra leitura seria agramatical. De modo geral, as sentenças interrogativas do inglês que apresentam o apagamento do auxiliar são interpretadas no presente quando possuem predicados estativos e de passado quando os predicados são não estativos.

(130) a. *You sell your car? (= Did you sell your car?)*

Você vender DET carro AUX-DROP você vender DET carro

‘Você vendeu seu carro?’

b. *You sell cars? (= Do you sell cars?)*

Você vender carros AUX-DROP você vender carros

‘Você vende carros?’

No entanto, o par de sentenças em (130) mostra que analisar apenas o tipo de predicado não é suficiente para garantir a leitura de uma sentença interrogativa com *aux-drop* como presente ou passado – e é neste ponto que a discussão do autor nos interessa. Assim, a leitura dos enunciados em (130) parece depender de uma combinação de fatores, incluindo o aspecto do predicado e a especificidade do objeto.

O autor em questão ressalta que a interpretação temporal no crioulo haitiano e também no fongbè seguem a mesma lógica apresentada acima. Dito de outro modo, nessas duas línguas, predicados eventivos como “vender” e “preparar” recebem leitura de passado ou de presente habitual, dependendo da especificidade do objeto da sentença, enquanto predicados estativos, como “gostar” e “saber” (assim como PPs, APs e NPs) recebem leitura de presente diante da ausência de marcadores temporais – o que está de acordo com as predições de DeGraff (2007) no caso do crioulo haitiano. É o que Fitzpatrick (2005) chama de efeito factativo (*factative effect*). Vejamos os dados trazidos pelo autor em questão. Em (131), temos sentenças em crioulo haitiano; já em (132), em fongbè.⁶⁶

⁶⁶ Os dados em (36) e (37), apresentados por Fitzpatrick (2005), foram retirados, respectivamente, de:

(131) a. *Pyè vann bèf yo.*

Pyè vender gado PL.

Pyè vendeu os gados.

b. *Pyè vann bèf.*

Pyè vender gado.

‘Pyè vende gado’.

c. *Sisi renmen chat mwen.*

Sisi gostar gato 1SG

‘Sisi gosta do meu gato’.

d. *Pyè ak Sisi.*

Pyè com Sisi

‘Pyè está com a Sisi’

(132) a. *Siká dà wò.*

Siká preparar macarrão.

‘Siká preparou o macarrão’

b. *Lili tùn Kòkú.*

Lili conhecer Kòkú.

‘Lili conhece Kòkú’.

A grande questão é compreender o que possibilita tal comportamento nas línguas. Fitzpatrick (2005) retoma Déchaine (1991) ao argumentar que, apesar da ausência de um marcador de tempo explícito, os enunciados em (131) e (132) não apresentam VPs nus. Na realidade, eles contêm um tipo de núcleo de tempo nulo ou “fictício”. Em outras palavras, ainda que essas sentenças possuam um tempo T estrutural finito, este T não especifica [\pm passado]. De fato, a nulidade fonológica de T não é necessária para que o efeito factativo se efetive. Algumas línguas apresentam morfemas marcadores de tempo fonologicamente explícitos cuja interpretação varia com o efeito factativo.

DÉCHAINÉ, R.M. Bare Sentences. In : Steven Moore and Adam Wyner (eds.). *The Proceedings of SALT*. CLC Publications, Cornell University, Ithaca, NY, 1991.
AVOLONTO, A. AspP et la catégorie INFL en Fongbè. *Journal of West African Languages* 22, 97–113, 1992.

Para Fitzpatrick (2005), considerando que haja uma explicação uniforme para a factatividade em sentenças como as de (131) e (132), estaríamos, então, diante de uma peça-chave que evidencia a existência de um tempo “semanticamente nulo” em casos fonologicamente nus. O autor assume que línguas como o haitiano e o fongbè contêm um morfema de “tempo nulo” como um núcleo lexical, assim como uma língua pode apresentar um item lexical [+passado]. Ainda na visão do autor, este núcleo de tempo nulo talvez contribua para a finitude, porém, não contém nenhuma especificação para [\pm passado]. Este núcleo pode ou não ser fonologicamente nulo, de acordo com as particularidades de cada língua. Na ausência de uma especificação explícita para a marcação temporal, a interpretação de tempo para estruturas finitas (isto é, télicas) é dada segundo a presença de fatores estruturais, como o autor resume em (133):

(133) <u>Objeto</u>	<u>Predicado eventivo</u>	<u>Predicado estativo</u>
+ específico	Passado	Presente
- específico	Genérico/Habitual	Presente
Sem objeto	Passado	Presente

A noção de *factative effect* proposta por Fitzpatrick (2005) oferece pistas importantes para a leitura temporal no crioulo haitiano. Segundo ele, para predicados que denotam eventos (na nomenclatura de Vendler, 1967 falamos nas classes acionais de *achievement*, *accomplishment* e de atividade), a ausência de uma marca morfológica de tempo não impede a leitura de passado desde que a sentença apresente outros fatores, em especial o objeto [+ específico]⁶⁷. Porém, quando o objeto é [- específico], apenas a leitura de presente genérico ou habitual está disponível. Esta análise nos remete ao primeiro exemplo de DeGraff (2007), mencionado em (98) e repetido agora em (134):

- (134) a. *Bouki vann chat la.*
 Bouki vender gato DEF
 ‘Bouki vendeu o gato’.

⁶⁷ Para Fitzpatrick (2005), o fator que influencia a interpretação de passado é a especificidade do objeto, não a definitude do objeto.

b. *Bouki vann chat.*

Bouki vender gato

‘Bouki vende gato(s)’.

É interessante notar que para Fitzpatrick (2005) verbos monoargumentais também receberiam interpretação de passado, o que evidenciaria a existência de um tempo “semanticamente nulo” em casos fonologicamente nus. Já para predicados estativos, a ausência do marcador temporal *te* indica que a única leitura possível é a de presente – o que está completamente de acordo com as previsões de DeGraff (2007), conforme vimos na seção 3.2.

O apagamento do auxiliar de sentenças interrogativas do inglês, bem como a ausência do marcador temporal de sentenças no passado no crioulo haitiano, como em (131a), é o que Fitzpatrick (2005) chama de apagamento através do movimento. Sua hipótese é ancorada na teoria da especificação cíclica desenvolvida em Chomsky (2000; 2001)⁶⁸. Nesta abordagem, certos domínios sintáticos são submetidos a componentes morfofonológicos ou semânticos (forma fonética, PF, e forma lógica, LF) ao longo da derivação. Segundo o autor, Chomsky (2000, 2001) sugere que vP e CP são contextos relevantes que, quando especificados, têm seu complemento enviado para PF e LF para computação, isto é, para interpretação.

Não vamos neste trabalho entrar em detalhes na teoria proposta por Chomsky (2000, 2001). Contudo, é necessário mencionar que Fitzpatrick (2005) cita esta teoria chomskyana para afirmar que a derivação do aux-drop em sentenças interrogativas do inglês do tipo SAI⁶⁹ procede da seguinte forma⁷⁰:

(135) a. Estrutura pre-SAI relevante: [TP ... AUX ...]

b. Fusão C: [CP C [TP ... AUX ...]]

c. Movimento AUX (SAI): [CP AUX-C [TP ... (AUX) ...]]

d. Especificação do CP, interpretação TP: [CP AUX-C [TP ... (AUX) ...]]

⁶⁸ CHOMSKY, N. Minimalist Inquiries: The Framework. In : Roger Martin, David Michaels, and Juan Uriagereka (eds.), *Step-by-Step*, MIT Press, Cambridge, MA, pp.89–156, 2000. CHOMSKY, N. ‘Derivation by Phase’. In : Michael Kenstowicz (ed.), *Ken Hale: A Life in Language*, MIT Press, Cambridge, MA, pp. 1–52, 2001.

⁶⁹ SAI: subject-aux inversion (inversão do sujeito-auxiliar), segundo Fitzpatrick (2005).

⁷⁰ No original (FITZPATRICK, 2005): a. Relevant pre-SAI structure: [TP ... AUX ...]
b. Merge C: [CP C [TP ... AUX ...]]
c. Move AUX (SAI): [CP AUX-C [TP ... (AUX) ...]]
d. Spell out CP, interpret TP: [CP AUX-C [TP ... (**AUX**) ...]]

O comportamento do aux-drop gera, de acordo com Fitzpatrick (2005) estruturas idênticas no crioulo haitiano e no fongbè. No haitiano, sentenças sem um marcador temporal apresentam um item lexical de tempo nulo semanticamente (e, coincidentemente, também fonologicamente). Assim, diante da ausência de um marcador temporal explícito, a gramática do crioulo haitiano computa a interpretação de tempo em outros fatores estruturalmente presentes, o que nos conduz ao efeito factativo.

Fitzpatrick (2005) levanta ainda outro ponto importante: o emprego de advérbios temporais nas sentenças interrogativas do inglês e nas sentenças sem marcador temporal do crioulo haitiano. Para o autor, o uso de tais elementos aumenta a possibilidade de interpretação temporal adequada, como podemos ver em (136a) e (136b):

- (136) a. (*Did*) *anyone here sell cars before they joined the army?*
 AUX-DROP alguém aqui vender carros antes 3PL juntar DEF exército
 ‘Alguém aqui vendeu carros antes de se juntarem ao exército?’
- b. *Pyè (te) vann machin anvan li te al nan lame.*
 Pyè (ANT) vender carro antes 3SG ANT ir LOC exército
 ‘Pyè vendeu/vendia carros antes de entrar no exército’.

Contudo, vale ressaltar que a adição de um advérbio de tempo como “ontem” possibilita a leitura de passado para as sentenças interrogativas aux-drop com predicados estativos no inglês, como mostra (137a), ao passo que tal leitura não é disponível em sentenças estativas no crioulo haitiano, como o autor mostra em (137b).

- (137) a. (*Was*) *Anyone sick yesterday?*
 AUX-DROP alguém doente ontem
 ‘Alguém esteve doente ontem?’
- b. *Pyè *(te) malad yè.*
 Pyè ANT doente ontem
 ‘Pyè esteve/estava doente ontem’.

Para haver interpretação de passado, enunciados com predicados estativos devem, necessariamente, ocorrer com a presença do *te* na estrutura da sentença.

Segundo o autor, em línguas factativas, um item lexical para tempo está presente em sentenças sem marcador temporal, de modo que este item pode enunciar diversos traços, incluindo a interpretação de passado, que, por sua vez, pode exigir a presença de advérbio temporal como “ontem”. Todavia, isso não é verdadeiro no caso do aux-drop: a leitura temporal é baseada nas informações aspectuais ou temporais presentes nas sentenças. Portanto, quando um advérbio temporal de passado está presente em uma questão aux-drop estativa, como em (137a), a leitura de passado é possível. Por outro lado, em haitiano, o conteúdo de T é alterado na presença de sentenças estativas com advérbios de passado, como em (137b), e, então, uma pronúncia diferente (*te*, ao invés de \emptyset) é acionada. Neste caso, o tempo não é um traço, mas sim um constituinte sintático-morfológico com um conjunto de funcionalidades.

Como podemos perceber, as hipóteses aventadas por Verkuyl (1993), Kratzer (2002) e Fitzpatrick (2005) levantam uma série de possibilidades (que dialogam entre si, em alguma medida) que conduzem a um entendimento mais preciso da interpretação de presente e passado no crioulo haitiano. Assim, para melhor compreendermos o impacto das classes acionais e da telicidade na interpretação temporal do idioma em questão, elaboramos um teste de produção com falantes nativos de haitiano. Na sequência, apresentaremos os objetivos e a metodologia empregada neste experimento, bem como os resultados obtidos e as análises que podem ser realizadas.

4.4 O experimento

Conforme vimos ao longo deste capítulo, DeGraff (2007) afirma que a anterioridade no crioulo haitiano pode ser marcada pela partícula *te*, sempre anteposta ao verbo em questão. Contudo, esse marcador não é sempre obrigatório para que a leitura temporal do verbo seja de passado. A grande questão, então, é: o que condiciona a presença ou ausência do *te*? O autor defende, como já mencionado, que a utilização ou não da marca de anterioridade depende da classe acional do verbo principal e da definitude do objeto.

A leitura do texto de DeGraff (2007) e os dados por ele – e por outros autores – apresentados trouxeram diversas questões: os verbos *achievements* e *accomplishments* possuem, de fato, sempre o mesmo comportamento (podendo

dispensar a presença do *te* diante de um objeto definido)? O que acontece com os verbos de atividade, que, em geral, são monoargumentais? Além disso, todos os verbos monoargumentais apresentam o mesmo padrão de denotação de anterioridade?

Diante destas questões, desenvolvemos um experimento com o objetivo de testar as previsões de DeGraff (2007) e buscar respostas para as dúvidas supracitadas. Este experimento— um teste de produção — foi aplicado a falantes nativos de crioulo haitiano, alunos do “PBMIH: Português Brasileiro para Migração Humanitária”, projeto de extensão do curso de Letras da Universidade Federal do Paraná criado com o objetivo de ensinar português para migrantes e refugiados que residem em Curitiba e região⁷¹. O experimento foi rodado com 36 informantes, entre homens e mulheres, todos com mais de 18 anos, diferentes níveis de escolaridade (do ensino básico incompleto ao ensino superior completo) e com diferentes níveis de proficiência em português.

4.4.1 Design do experimento

O experimento desenvolvido para esta pesquisa é um teste de produção⁷². O teste foi desenvolvido de modo a oferecer um contexto para que os informantes produzissem sentenças no passado (o aspecto perfectivo ou imperfectivo não foi testado) para que pudéssemos observar em que situações a partícula *te* estaria presente ou poderia ser dispensada. Criamos, assim, uma série de histórias em quadrinhos com três personagens: Jan, Mari e Nicolas. Cada quadrinho apresenta uma historieta contextualizada. Ao final, Jan fala para Mari (ou vice-versa) algo sobre Nicolas. O informante deve completar esta fala com o predicado que aparece para ele entre parênteses a partir da interpretação do contexto da historinha. A Figura 4 é um exemplo de um quadrinho⁷³.

⁷¹ Para mais informações sobre o PBMIH, ver RUANO E CURSINO (2015).

⁷² Sabemos que seria interessante realizar nosso experimento em vídeo, de modo que os informantes pudessem ver a ação e descrevê-la no tempo verbal que julgassem adequado. Contudo, não tivemos condições nem tempo hábil para realizá-lo. Pretendemos, todavia, colocá-lo em prática em ocasiões futuras, aprofundando os resultados e as análises obtidos aqui.

⁷³ A tradução do quadrinho: “Jan, Mari e Nicolas trabalham juntos e nem Jan nem Mari viram o Nicolas hoje. Jan viu que Nicolas estava gripado ontem e aí ele fala com a Mari: ‘Creio que Nicolas _____ (estar doente hoje)’”.

FIGURA 4 – EXEMPLO DE QUADRINHO DO EXPERIMENTO



Fonte: Experimento desenvolvido por Cursino e Figueiredo Silva (2018).

As historinhas do teste foram escritas em crioulo haitiano por nós e por um falante nativo e revistas por outro falante. Buscamos, desta forma, criar contextos linguísticos e extralinguísticos que estivessem de acordo com a língua e a cultura haitiana. A versão completa do experimento pode ser vista no Anexo 1 e no Anexo 2.

4.4.2 Metodologia e particularidades do teste

Cada história escrita para o experimento possui duas versões: uma em que se espera que o informante a interprete no presente e outra em que se espera que o informante a interprete no passado. O objeto direto dessas sentenças, quando presente, varia entre definido (ou seja, com a presença do determinante definido *la* ou seus alomorfes) e um nominal nu. Foram criados, portanto, dois modelos de teste. Os anexos 1 e 2 mostram os dois testes em crioulo haitiano e a tradução de cada história em quadrinho.

Cada versão do teste possui 18 historinhas distribuídas de acordo com a acionalidade do verbo principal das sentenças alvo, seguindo as classes vendlerianas:

- 3 historinhas com verbos estativos
- 3 historinhas com verbos *achievements*, sendo um deles monoargumental
- 3 historinhas com verbos *accomplishments*

- 3 historinhas com verbos de atividade, sendo dois deles monoargumentais
- 6 historinhas distratoras

Embora DeGraff (2007) fale em especificidade do objeto, optamos neste trabalho por trabalhar apenas com objetos definidos e específicos com o objetivo de eliminar uma variante – objeto indefinido e específico. O Quadro 6 apresenta o conjunto de predicados utilizados no experimento.

QUADRO 6 – PREDICADOS USADOS NO EXPERIMENTO

Estativos	Achievements	Accomplishments	Atividade
“Estar doente”	“Vender (o) gato”	“Correr a maratona”	“Empurrar o carrinho”
“Saber a resposta”	“Morrer”	“Comer o arroz”	“Correr”
“Gostar do Nicolas”	“Assinar (o) documento”	“Pintar a casa”	“Trabalhar na Vale Fértil”

Fonte: Experimento desenvolvido por Cursino e Figueiredo Silva (2018).

Aproveitamos as distratoras para verificarmos alguns contextos importantes: objetos diretos formados por nominais massivos e contáveis; plural nu; formação de voz passiva. Porém, a análise desses dados ficará para ocasião futura, não sendo abordada, portanto, neste trabalho.

O experimento foi aplicado em diferentes momentos e em pequenos grupos. A pesquisadora se apresentava e convidava os possíveis informantes a participarem da pesquisa. O funcionamento da atividade foi explicado em português, porém em nenhum momento foram ditos quais eram os verdadeiros objetivos de investigação. O intuito era de que cada informante produzisse sentenças de modo independente e natural.

O teste foi entregue em papel impresso para cada informante. Na página 1, há uma explicação em crioulo haitiano sobre a atividade a ser realizada e um exemplo de como o informante deve completar cada história. Na página 2, há um modelo-teste para que ele possa verificar se compreendeu a proposta da atividade. O teste propriamente dito está disposto nas páginas 3 e 4. As histórias estão distribuídas de modo aleatório: sentenças alvo e distratoras. As diferentes classes acionais e tempos verbais espalham-se pelo experimento, de modo que o informante não perceba o real objeto de investigação.

4.4.3 Resultados obtidos

Com base nas previsões de DeGraff (2007), apresentamos as expectativas de surgimento ou não surgimento da partícula *te*, de acordo com a classe acional do verbo e a leitura temporal esperada.

- **Verbos estativos:** ausência de *te* em sentenças no presente; presença obrigatória de *te* em sentenças no passado.
- **Verbos de atividade:** ausência de *te* em sentenças no presente; presença de *te* nas sentenças no passado (para verbos monoargumentais); presença ou ausência de *te* em enunciados com verbo que possui objeto direto definido (“empurrar o carrinho”).
- **Verbos *achievements*:** ausência de *te* em sentenças no presente; presença ou ausência de *te* em sentenças no passado com objeto definido; presença de *te* no verbo monoargumental “morrer”.
- **Verbos *accomplishments*:** ausência de *te* em sentenças no presente; presença ou ausência de *te* em sentenças no passado que exibam objeto definido.

O Quadro 7 mostra a presença e ausência do *te*, de acordo com nossas expectativas, de uso ou não da marca morfológica de crioulo haitiano.

QUADRO 7 – PRESENÇA E AUSÊNCIA DE *TE* NO EXPERIMENTO

ESTATIVOS		ATIVIDADE		ACHIEVEMENTS		ACCOMPLISHMENTS	
Expectativa		Expectativa		Expectativa		Expectativa	
Presente (sem <i>te</i>)	Passado (com <i>te</i>)	Presente (sem <i>te</i>)	Passado (com <i>te</i> ou sem <i>te</i>)	Presente (sem <i>te</i>)	Passado (com <i>te</i> ou sem <i>te</i>)	Presente (sem <i>te</i>)	Passado (com <i>te</i> ou sem <i>te</i>)
Realização (de acordo com a expectativa)		Realização (de acordo com a expectativa)		Realização (de acordo com a expectativa)		Realização (de acordo com a expectativa)	
100%	100%	100%	Com <i>te</i> : 95,5%	100%	Com <i>te</i> : 77,8%	100%	Com <i>te</i> : 77,8%
			Sem <i>te</i> : 4,5%		Sem <i>te</i> : 22,2%		Sem <i>te</i> : 22,2%

Fonte: Experimento desenvolvido por Cursino e Figueiredo Silva (2018).

4.4.4 Análise dos resultados

O experimento realizado permite avaliar a acuracidade das predições de DeGraff (2007). O primeiro resultado é o modo de realização da anterioridade para os verbos estativos está de acordo com as afirmações do autor. Isto é, com esses verbos a marca *te* foi utilizada por todos os informantes para realizar leitura de passado e nunca foi empregada quando as sentenças alvo eram interpretadas por eles no presente. O par em (138) é um exemplo:

(138) a. *Mwen te renmen Nicolas.*

Eu ANT gostar Nicolas

‘Eu gostava do Nicolas’.

b. *Mwen renmen Nicolas.*

Eu gostar Nicolas

‘Eu gosto do Nicolas’.

Para os verbos não estativos, percebemos uma alternância entre o uso e o não uso da marca de anterioridade em questão. Os chamados verbos de atividade apresentaram duas ocorrências do não aparecimento do *te* em enunciados no passado, o que representa 4,5% do total de sentenças com valor de anterioridade. O primeiro dos casos aconteceu com o predicado “empurrar o carrinho”, como mostra (139)⁷⁴:

(139) *Nicolas (te) pouse chario a jiska estasyon an.*

Nicolas ANT empurrar carrinho DEF até estacionamento DEF

‘Nicolas empurrou o carrinho até o estacionamento’⁷⁵.

Acreditamos que neste caso a dispensa do *te* seja esperada, uma vez que o objeto direto definido impõe um limite, ou seja, um traço [téllico] ao evento “empurrar

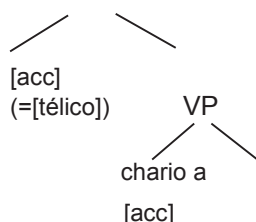
⁷⁴ Optamos colocar a partícula *te* entre parênteses das sentenças (139) a (147) para lembrar que o experimento mostra que elas podem ocorrer com ou sem o marcador em questão.

⁷⁵ Após a aplicação do experimento, percebemos que a utilização do PP locativo “até o estacionamento” transforma o predicado “empurrar o carrinho” em um *accomplishment*, conforme também nos foi apontado na banca de defesa deste trabalho. Assim, em futuros testes, utilizaremos outros predicados de atividade.

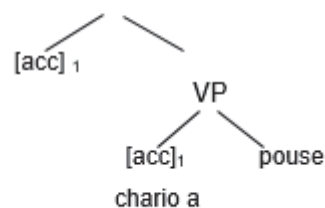
o carrinho”, abrindo, assim, a possibilidade para que o falante dispense o marcador de anterioridade em questão. O mesmo faz o PP locativo “até o estacionamento”.

Podemos observar que este resultado parece estar de acordo com a hipótese de Kratzer (2002). Em (140a), nossa proposta é a de que o DP *chario a* possua um traço não interpretável [acc], que o força entrar em relação com o traço de flexão verbal [acc], que é igual ao traço [télico]. Para a autora, o traço [télico] atrai o DP em questão, forçando-o a deixar o VP. Ou seja, nesta proposta de Kratzer (2002), observamos que ocorre a indexação entre o traço [télico] (e o [acc]) e o DP *chario o*, como vemos em

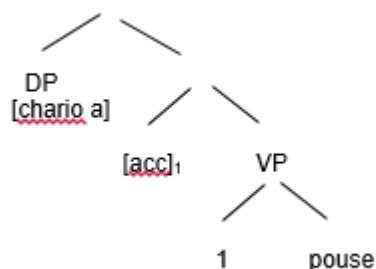
(140a)



(140b)



(140c)



Como índices não podem ser interpretados em LF, conforme Kratzer (2002), o DP é obrigado a se mover, o que ocorre. De acordo com a autora, o DP é copiado em uma posição mais alta, e, assim, o index do DP *chario a* é interpretado como um traço. Após o apagamento do traço acusativo [acc] não interpretável, propomos em (140c) uma árvore sintática que sintetize o movimento do DP segundo as propostas de

Kratzer (2002), o que parece, portanto, explicar por que o *te* pode ser dispensado em (139).

A marca morfológica *te* também não foi utilizada com o verbo “correr” em uma das produções, como ilustrado em (141). Este é um resultado discutível. De acordo com os teóricos apresentados (Verkuyl, 1993; Kratzer, 2002), a ausência de argumento interno torna o cálculo da telicidade impossível e portanto o que quer que conduza a telicidade ao passado não poderia estar presente aqui. Contudo, a presença de uma locução adverbial de tempo como “ano passado” não dispensa a presença do *te* nas sentenças estativas, conforme Fitzpatrick (2005), mas parece dispensá-lo no contexto de outras classes acionais. Assim, a leitura temporal de passado está disponível na sentença a seguir, mesmo na ausência do marcador morfológico de anterioridade.

(141) *Ane passe, Nicolas (te) kouri twa fwa pa semèn.*

Ano passado Nicolas ANT correr três vez por semana

‘Ano passado Nicolas correu três vezes por semana’.

Os verbos *achievements*, por sua vez, apresentaram 22,2% de não ocorrência do marcador *te* em sentenças com valor de passado. A dispensa do marcador em questão aconteceu com todos os verbos testados (ver Quadro 6). O primeiro deles, “*vann chat la*” trazido em (142) confirma o dado inicial de DeGraff (2007). Alguns informantes também não utilizaram o *te* na sentença com o predicado “assinar documentos”, como vemos em (143):

(142) *Nicolas (te) vann chat la.*

Nicolas ANT vender gato DEF

‘Nicolas vendeu o gato’.

(143) *Nicolas (te) siyen dokiman yo pou konpayi a.*

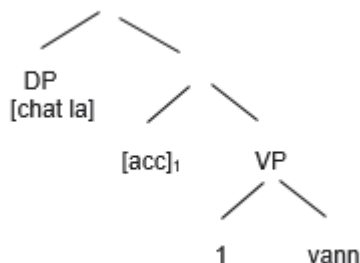
Nicolas ANT assinar documentos PL para empresa DEF

‘Nicolas assinou/assinava documentos para a empresa’.

Em (142), a definitude do objeto direto parece ser suficiente para conferir à sentença uma interpretação de passado, abrindo a possibilidade para que o *te* seja

dispensado. A partir das hipóteses de Kratzer (2002) do movimento do DP para entrar em concordância com o traço [acc] (= [téllico]), propomos, a título de tentativa, a seguinte estrutura sintática:

(144)



Por sua vez, (143) possui como objeto direto um plural nu e, ainda assim, o marcador em questão pode ser dispensado. Talvez estejamos diante de uma propriedade dos verbos *achievements*, conforme Kratzer (2002): verbos desta classe podem dispensar certos marcadores temporais porque já possuem raízes que implicam culminação, conferindo o traço [téllico] ao evento⁷⁶. Também houve casos em que o verbo “morrer”, monoargumental, apareceu sem o marcador de anterioridade em enunciados com valor de passado, como vemos em (145). Esperava-se, contudo, que a ausência do argumento interno impusesse a presença do *te* em 100% dos casos, se seguirmos as hipóteses de Verkuyl (1993), por exemplo. Todavia, o efeito factativo apontado por Fitzpatrick (2005) pode ter como consequência que verbos monoargumentais podem ser, de fato, interpretados no passado

(145) *Nicolas (te) mourí.*

Nicolas ANT morrer

‘Nicolas morreu’.

Coincidentemente, os verbos *accomplishments* também apresentaram 22,2% de não ocorrência do marcador morfológico de anterioridade *te*. Assim, as sentenças (146) e (147) apareceram com e sem a marca morfológica em questão.

(146) *Nicolas (te) kouri nan maraton São Paulo.*

⁷⁶ A autora baseia esta hipótese em dados do alemão.

Nicolas ANT correr DEF maratona São Paulo
'Nicolas correu a maratona de São Paulo'.

(147) *Nicolas (te) manje diri a nan kaswòl la.*

Nicolas ANT comer arroz DEF em panela DEF
'Nicolas comeu o arroz da panela'.

Conforme aponta Kratzer (2002), a telicidade para os *accomplishments* parece ser construída sintaticamente, isto é, esses verbos não nascem télicos. A definitude do objeto direto impõe um telos, um fim ao evento, e isso já parece ser suficiente no crioulo haitiano para que haja a interpretação de passado. De mesmo modo, o efeito factativo de Fitzpatrick (2005) também explica a dispensa do *te*: ele não contribui semanticamente para a interpretação temporal, uma vez que a definitude do objeto já cumpre esta função.

Todas as sentenças geradas pelos informantes em nosso experimento são gramaticais. Elas foram atestadas por mais de um falante nativo da língua haitiana. Entretanto, apesar dos resultados apresentados e análises realizadas, não temos certeza de que o experimento realizado foi totalmente adequado. Durante a realização do teste, percebemos que os informantes tiveram muita dificuldade de compreender a proposta e o funcionamento da atividade, mesmo que o documento tenha sido apresentado em crioulo haitiano. Não temos como afirmar, pelo menos por ora, os motivos para tais complicações durante a realização do experimento. Desconfiamos, por exemplo, de que os informantes não tenham familiaridade com o gênero textual que nos serviu de base – histórias em quadrinhos.

4.5 Em resumo

Nosso experimento nos permite inferir as seguintes conclusões a respeito da interpretação de passado no crioulo haitiano:

Para as sentenças com predicados estativos ("estar doente", saber a resposta", "gostar do Nicolas"), o marcador morfológico *te* é necessário para que a leitura de passado esteja disponível. É o que prediz DeGraff (2007) e é o que mostram os dados de nosso teste. Como vimos, nestes casos sentenças sem o *te* possuem apenas a leitura de presente. Aqui, a classe acional parece ser determinante – verbos estativos

exigem, portanto, a presença do *te* para que o enunciado seja interpretado no passado.

Os predicados *accomplishments* (“correr a maratona”, “comer o arroz”, “pintar a casa”) não exigem, necessariamente, o *te* para possuir leitura de passado. Tal interpretação é disponível se o objeto direto da sentença é específico e, ao menos em nossos testes, definido. Kratzer (2002) afirma que a telicidade para os *accomplishments* é construída sintaticamente. Os dados coletados mostram que os objetos diretos definidos “a maratona”, “o arroz”, “a casa” impõem um fim aos respectivos eventos “correr”, “comer”, “pintar” e isso parece ser suficiente para dar a eles a noção de culminação. Esses elementos sintáticos conduzem ao efeito factativo apontado por Fitzpatrick (2005), ou seja, eles permitem o apagamento fonológico da marca morfológica *te*, mantendo, contudo, a interpretação de passado.

Para os predicados *achievements* (“vender o gato”, “morrer”, “assinar o documento”), a situação é parecida. Sentenças como objeto direto *nu* apresentam sempre interpretação de presente habitual, o que está de acordo com as previsões de DeGraff (2007). Os enunciados com objetos diretos definidos “o gato”, “o documento” podem dispensar o marcador morfológico de anterioridade e, ainda assim, disponibilizar leitura de passado. A especificidade e definitude do objeto parecem conferir um fim aos respectivos eventos “vender”, “assinar”, o que está de acordo com as análises propostas por Kratzer (2002). Esperávamos, contudo, que os informantes empregassem o marcador *te* diante do verbo “morrer”, uma vez que não há objeto direto disponível para o cálculo de telicidade. Contudo, alguns não o utilizaram em um contexto em que a única leitura possível é a de passado. Este caso nos remete a Glaube (2013), que defende que o discurso no qual se insere a sentença desempenha um papel importante na interpretação temporal e aspectual do crioulo haitiano.

Por fim, para os predicados de atividade (“empurrar o carrinho”, “correr”, “trabalhar na Vale Fértil”), percebemos que a marca morfológica *te* foi empregada em 95,5% dos casos para marcar passado. Para “empurrar o carrinho”, o *te* pode ser dispensado, uma vez que o objeto direto “o carrinho”, bem como o PP “até o estacionamento” são suficientes para disponibilizar a leitura de passado, o que nos parece estar de acordo com o efeito factativo (Fitzpatrick, 2005). No caso de “correr”, que também apresentou leitura de passado sem o *te*, outro elemento parece ter função importante nesta interpretação: o adjunto adverbial “ano passado”. Fitzpatrick (2005) argumenta que advérbios de tempo podem influenciar a leitura temporal. Assim, “ano

passado” parece ser suficiente para dispensar o emprego do *te*. Contudo, vale a pena ressaltar que nosso experimento poderia ter testado sentenças em que os verbos de atividade aparecessem sem nenhum outro elemento estrutural – como PPs e locuções adverbiais – capazes de disponibilizar a leitura de passado. Ou seja, falta testar um par de enunciados como *Jan kouri* (“Jan corre”) x *Jan (te) kouri* (“Jan correu”) – o que será realizado em etapas futuras deste experimento.

De qualquer modo, acreditamos que este trabalho é um primeiro passo importante para que aprofundemos as pesquisas em teoria gramatical do crioulo haitiano, principalmente no que diz respeito ao sistema de tempo, modo e aspecto do idioma em questão. É para o que esperamos dar continuidade em futuras ocasiões.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme ressaltamos ao longo deste trabalho, o sistema de tempo, modo e aspecto do crioulo haitiano é um dos pontos mais instigantes da gramática do idioma em questão. Ao longo de nossas leituras, a interpretação de passado na língua haitiana é o que mais nos tem chamado a atenção. As predições de DeGraff (2007), assim como os estudos de McCrindle (1999), mostram que o uso ou não uso do *te*, marcador responsável por denotar anterioridade, depende de uma série de fatores: classe acional dos verbos, definitude ou não definitude do objeto direto da sentença, telicidade.

Tanto McCrindle (1999) como DeGraff (2007) não explicam os motivos semânticos ou sintáticos para que enunciados sem a marca de anterioridade *te* possam ser interpretados no passado. Assim, buscamos em Verkuyl (1993), em Kratzer (2002) e em Fitzpatrick (2005) análises que nos ajudassem, ao menos, a encontrar pistas que expliquem a realização de passado no haitiano. Como vimos, o traço [\pm SQA] – *specified quantity argument*, proposto por Verkuyl (1993), não é suficiente para explicar o que ocorre no crioulo haitiano, pois encontramos no idioma sentenças cujo argumento interno apresenta o traço [-SQA] e, ainda assim, a leitura de passado está disponível.

Se, por um lado, a hipótese do traço [\pm SQA] de Verkuyl (1993) não nos parece suficiente para explicar os resultados obtidos em nosso teste, as hipóteses de Kratzer (2002) e de Fitzpatrick (2005) trazem pistas importantes para a análise das sentenças que obtivemos em nosso experimento. Os autores propõem representações gramaticais que permitem que o nó T leia outros elementos estruturais, de modo que, na ausência do *te*, ainda assim é possível termos leitura de passado para verbos de atividade, *achievements* e *accomplishment*.

A suposição de Kratzer (2002) de que a telicidade é construída sintaticamente nos parece bastante interessante. Como vimos, a autora defende que existe uma ligação entre telicidade e atribuição de caso acusativo. Ela levanta a seguinte hipótese: se um núcleo de flexão verbal corresponde à telicidade, há uma relação de concordância entre atribuição de caso para objeto direto e telicidade. Assim, o traço acusativo não interpretável [acc] em um DP concorda com sua contraparte interpretável: o traço da flexão verbal ligado à telicidade. A autora sustenta, portanto, que a telicidade para uma vasta gama de verbos é construída via sintaxe.

Os dados mostrados por diversos autores, assim como aqueles gerados por nosso experimento, parecem reforçar a proposta de Kratzer (2002). Verbos da classe *accomplishment*, por exemplo, não são télicos desde o princípio: segundo a autora, a telicidade acontece justamente na sintaxe, na combinação de traços [acc] e [télico], como podemos observar em “correr” e “correr a maratona”. Quando observamos verbos sem objeto direto, como os monoargumentais e os estativos, percebemos, segundo a suposição da autora em questão, que o marcador *te* é de modo geral necessário para que se obtenha a interpretação de passado dos enunciados. No entanto, nem todos os verbos monoargumentais se comportam do mesmo modo e os verbos inacusativos como “morrer”, embora possuam um argumento que é o objeto profundo, não possuem caso acusativo para atribuir para ele; ainda assim, permitem sentenças no passado sem a presença de *te* – e são claramente télicos. Portanto, deve existir outros modos de construir telicidade e de legitimar a interpretação de passado no crioulo haitiano sem o uso do marcador de anterioridade.

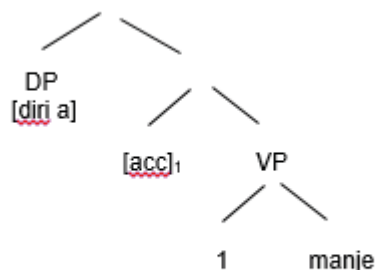
Voltando aos verbos *accomplishments*, tomemos a sentença em (147) do capítulo anterior (gerada em nosso experimento), reproduzida aqui como (1a). Na ausência do *te*, o que parece dar a leitura de passado para ela é a combinação do traço [acc] (= [télico]) com o movimento do DP *diri a*, conferindo culminação ao evento *manje diri a*. Em (1b), a título de tentativa, propomos uma árvore sintática que representa o movimento do DP (e, conseqüentemente, a culminação do evento).

(1) a. *Nicolas (te) manje diri a nan kaswòl la.*

Nicolas ANT comer arroz DEF em panela DEF

‘Nicolas comeu o arroz da panela’.

b.



Finalmente, a noção de *factative effect* apresentada em Fitzpatrick (2005) também nos fornece pistas importantes para a compreensão da interpretação de

passado no crioulo haitiano. O autor assume que em línguas como o crioulo haitiano e o fongbè, na ausência de um marcador temporal, a interpretação de tempo para estruturas finitas (isto é, télicas) é dada segundo a presença de fatores estruturais, mais especificamente, a especificidade do objeto. No haitiano, sentenças sem uma marcação morfológica específica para tempo apresentam um item lexical de tempo nulo semântica e fonologicamente. Assim, a gramática do crioulo haitiano gera a interpretação de tempo em outros fatores estruturalmente presentes, como as classes acionais e a especificidade do objeto, o que nos conduz ao que o autor chama de efeito factativo (*factative effect*).

Assim, sentenças sem o *te* e com verbos não estativos podem ser interpretadas como passado desde que apresentem outros elementos estruturais capazes de configurar um telos ao evento em questão. É o caso da sentença (139) do capítulo anterior, repetida aqui como (2). Tanto o DP *chario a* como o PP *jiska estasyon an* parecem trazer condições de culminação ao evento. Dito de outro modo, diante do nóculo T sem conteúdo, parece necessário que haja uma relação de c-comando entre TP, e, neste caso, entre o DP e o PP para que eles sejam capazes de atribuir uma leitura télica ao evento *pouse chario a*⁷⁷.

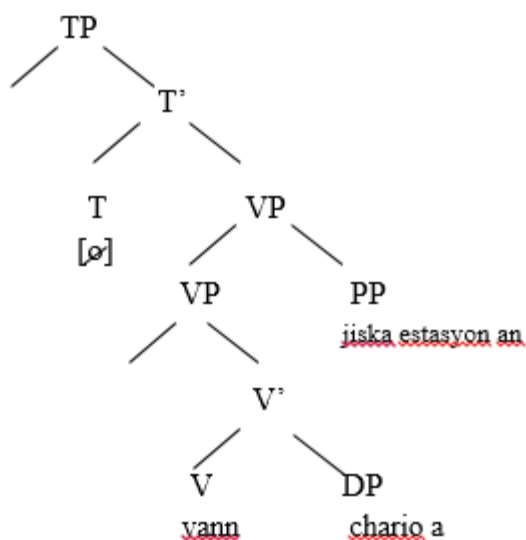
(2) a. *Nicolas (te) pouce chario a jiska estasyon an.*

Nicolas ANT empurrar carrinho DEF até estacionamento DEF

‘Nicolas empurrou o carrinho até o estacionamento’.

⁷⁷ A título de complementação, ressaltamos que Déchaine (1991) afirma que sentenças nuas de línguas factativas como o crioulo haitiano possuem uma projeção Infl sem traços inerentes. Assim, podemos observar que a distinção entre verbos estativos e eventivos é relevante na interpretação temporal de tais idiomas. Neste trabalho, no entanto, não nos aprofundamos em análises sintáticas – o que será considerado na continuidade desta pesquisa.

b.



É possível perceber, portanto, que nosso experimento, embora ainda não conclusivo, apresenta resultados válidos e está de acordo com as predições de DeGraff (2007). Além disso, a interpretação de passado nas sentenças sem o *te* geradas no teste podem ser explicadas por meio das hipóteses de Kratzer (2002) e de Fitzpatrick (2005). Sabemos, contudo, que ainda é possível aprofundarmos as análises realizadas até agora. Precisamos, primeiramente, de um maior volume de dados para verificarmos com maior precisão a relação entre as propostas de Kratzer (2002) e de Fitzpatrick (2005) e as predições de DeGraff (2007). Além disso, há outros contextos que precisam ser controlados: especificidade do sujeito (apontada por McCrindle, 1999) e indefinitude, especificidade e não especificidade do objeto. Adicionalmente, sabemos que precisamos analisar mais a fundo o que ocorre com verbos monoargumentais inergativos e inacusativos. Também temos consciência de que talvez seja necessário mudar o modelo de experimento realizado com o objetivo de facilitar a recepção e a produção de dados para os informantes. Todas essas são questões que pretendemos resolver em ocasiões futuras.

Chegamos ao fim deste trabalho com muitas perguntas a serem respondidas – algo que pretendemos realizar na continuidade de nossa pesquisa. Como afirma DeGraff (2007), o sistema de tempo, modo e aspecto do crioulo haitiano é um jogo de muitas peças. Acreditamos que a resolução deste jogo valha a pena.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAXTER, A.; LUCCHESI, D. A relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. In: *Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1997.

CASTILHO, Ataliba. *Aspecto Verbal no Português falado*. São Paulo: USP. 1994.

CHAUDENSON, R. *La créolisation : théorie, applications, implications*. Paris : L'Harmattan, 2003.

CHOMSKY, N.: *The Minimalist Program*. Cambridge/MA (MIT Press), 1995

COLLINS, C. *Local Economy*. Cambridge/Mass. (MIT Press), 1997.

COMRIE, B. *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press, Cambridge Textbooks in Linguistics, 1976.

CORÔA, M.L. *O tempo dos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. São Paulo: Parábola, 2005.

CURSINO, C. & FIGUEIREDO SILVA, M.C. *Sobre tempo e acionalidade no kreyòl*. Florianópolis: II Encontro de Linguística Formal, UFSC, 2016.

DÉCHÂINE, R.M. Bare sentences. In : MOORE, S. ; WYNER, A.Z. (eds). *Proceedings from SALT 1. Number 10, Cornell Working Papers in Linguistics*, Cornell University, 1991.

DEGRAFF, M. Kreyòl Ayisien, or Haitian Creole ('Creole French'). In: HOLM, John; PATRICK, Petter. *Comparative Creole Syntax: Parallel Outlines of 18 Creole Grammars*. London: Battlebridge Publications (Westminster Creolistics Series, 7), 2007.

DEGRAFF, M. The Ecology of Language Evolution in Latin America: A Haitian Postscript toward a Postcolonial Sequel. In: MUFWENE, S (ed.). *Imperialism and Language Evolution in Latin American*. Chicago: University of Chicagom 2014.

FATTIER, Dominique. Haitian Creole structure dataset. In: MICHAELIS, S.; MAURER, P. *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013.

FITZPATRICK, J.M. Deletion through movement. *Natural Languages & Linguistic Theory*. Vol. 26, p. 399-431, 2005.

GALLOTTI, L.T. *O Progressivo: comparando o PB e o Francês*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2004.

GLAUDE, H. *Aspects de la syntaxe de l'haïtien*. Paris : Editions Anibwè, 2013.

HAAG, Cassiano Ricardo; OTHERO, Gabriel Ávila. Anáforas associativas em descrições definidas. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*. V. 1, n. 1, agosto de 2003.

HASPELMATH, Martin. and the APiCS Consortium. Position of indefinite article in the noun phrase. In: MICHAELIS, Susanne Maria.; MAURER, Philippe.; HASPELMATH, Martin.; HUBER, Magnus. (eds.). *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online*. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2013.

KRATZER, A. *Telicity and the Meaning of Objective Case*. Amherst: University of Massachussets, 2002.

KRIFKA, M. The Origins of Telicity. In S. Rothstein (ed.): *Events and Grammar*. Dordrecht (Kluwer), 1998.

LEFEVBRE, C. Relexification in creole genesis and its effects on the development of the creole. In: SMITH, Norval. & VEENSTRA, Tonjes (Eds). *Creolization and Contact*. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2001.

LEISS, E. *Artigo e Aspecto. Moldes gramaticais de definitude*. Florianópolis: UFSC, 2016.

LYONS, C. *Definiteness*. Cambridge: University Press, 2009.

MANUELIAN, H.; FATTIER, D. *L'utilisation des déterminants en créole haïtien : Études de quelques chaînes de référence*. 2011. <hal-00590872>

MCCRINDLE, K. *Temps, mode et aspect: les créoles des Caraïbes à base lexicale française*. Toronto: University of Toronto, 1999.

MICHAELIS, Laura A. Time and Tense. In: AARTS, B.; McMahon, A. (eds.). *The Handbook of English Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2006.

NASCIMENTO, Silvia Helena. Notas sobre inacusatividade e especificidade. In: *Working Papers em Linguística*. Florianópolis: UFSC, 1999.

PIMENTEL, M; CONTIGUIBA, G.; RIBEIRO, A. O crioulo haitiano e seu reconhecimento político. In: *Universitas Relações Internacionais*. Brasília: v. 14, nº 1, p.31-40, 2016.

PIRES DE OLIVEIRA, R.; BASSO, R. Apresentando a semântica: uma introdução ao estudo do significado nas línguas naturais. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

REINCHENBACH, H. *Elements of Symbolic Logic*. New York: Macmillan, 1947.

RUANO, B.; CURSINO, C. Português brasileiro como língua de acolhimento. In: *Anais I Congresso Internacional de Estudos em Linguagem*. Ponta Grossa, 2015.

SMOLLETT, Rebecca. Quantized Direct Objectf Don't Delimit After All. In: VAN HOUT, A.; DE SWART, H.; VERKUYL, H.J. (Eds.). *Perspectives on Aspect*. Amsterdã: Springer, 2005.

TENNY, C. ; PUSTEJOVSKI, J. A History of Events in Linguistic Theory. In: TENNY, C. ; PUSTEJOVSKI, J.(Eds.). *Events as Grammatical Objects*. CSLI Publications, 2000.

VAN HOUT, A.; DE SWART, H.; VERKUYL, H.J. Introducing perspectives on aspesct. In: VAN HOUT, A.; DE SWART, H.; VERKUYL, H.J. (Eds.). *Perspectives on Aspect*. Amsterdã: Springer, 2005.

VENDLER, Z. *Linguistics in philosophy*. Ithaca (NY): Cornell University Press, 1967.

VERKUYL, H.J. *A theory of aspectuality: the interaction between temporal and atemporal structure*. New York: University of Cambridge, 1993.

WACHOWICZ, T.C. *As leituras aspectuais da forma do progressivo do Português Brasileiro*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2003.

ZRIBI-HERTZ, Anne. *Projet : Langues & Grammaires en Île de France*. Paris : UMR SFL, Université Paris-8, 2014.

ANEXO 1 : MODELO 1 DO TESTE



AKTIVITE

Nap mande 'w kolaborasyon 'w pandan ou ap patisipe nan aktivite sa. Aktivite sa Fè pati de yon rechèch pou program metriz nan depatman lengistik nan Inivèsite Federal do Paraná. Repons ou an ap rete sekre e ou pap bezwen idantifye 'w. Pa gen ni bon ni move repons, se opinyon ou an ki entere nou. Se pou tèt sa nap mandew pou 'w reponn kesyon sa yo ak jantiyès e san manti. Se sèl konsa nou ka reyisi ankèt nou an.

Mèsi anpil pou sipò 'w.

Koman pou 'w reponn ak aktivite sa?

Sa yo se Jan ak Mari, karakté nan istwa nou an. Tanpri, li istwa yo avèk e konplète tout vid genyen yo () ak vèb ki endike yo.

Men yon egzamp an kreyòl:

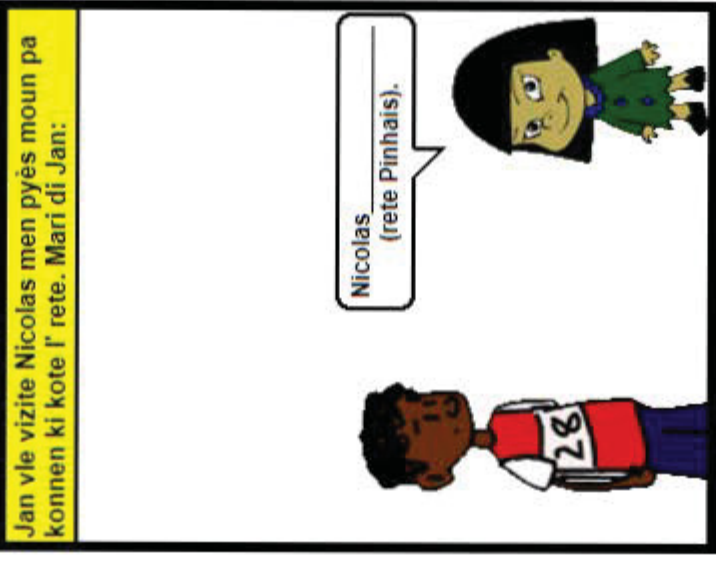
Jan konnen ke Nicolas pan janm étidyé pou egzamen fakilté , men yè li te étidyé tout leson li yo. Ou sezi, Jan rakonte Mari:

Yè Nicolas
(étidyé) pou te al
konponzé.

Jan konnen ke Nicolas pan jamn étidyé pou egzamen fakilté, men yè li te étidyé tout leson li yo. Ou sezi, Jan rakonte Mari:

Nicolas TE ÉTIDYÉ
(étidyé) pou te al
kompozé.

Eseye ranpli yon istwa:



Jan vle vizite Nicolas men pyès moun pa konnen ki kote l' rete. Mari di Jan:

AKTIVITE

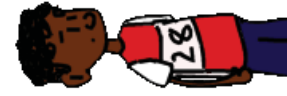
Jan, Mari e Nicolas travay ansanm e ni Jan ni Mari pa wè Nicola jodia. Jan wè Nicola gen rim yè epi li pale ak Mari de sa.

Mwen kwè ke Nicolas
(malad jodia).



Jan, Mari e Nicola etidye ansanm. Profèsè a te poze yon kesyon nan klas la e Nicolas te reponn anvan lòt eleve yo. Alò, Jan di Mari:

Ou wè! Ou wè sa mwen t'ap di a?
Li
(konnen repons la) anvan nou tout!



Jan preokipe anpil de zanmi li Nicolas, paske Nicolas pral fè operasyon e li pa gen pyès moun pou akonpanye li, li nan lopital. Mari li konnen preokipe e pou tèt sa, li di Jan:

Nicolas
(konpanye) pandan tout tan an pa mwen.



Jan, Mari e Nicolas travay ansanm nan yon sipèmache. Jan te wè yon kliyan te kite chario a nan mitan koridò a. Li mande Mari kisa Nicolas te fè ak chario a e li reponn:

Nicolas
(pouse chario a) jiska estasyon an.



Jan, Mari e Nicolas se zanmi. Nicolas se yon moun trè atletik: li naje, li kouri e pratike anpil lòt espò. Aktiyèlman, aktivite preferè li se kouri. Alò, Jan pale ak Mari de Nicolas:

Nicolas
(kouri) chak jou.



Jan konnen ke Nicolas ap travay yon kote yo vann zannimo e li mande Mari èske li konnen ki zannimo Nicolas vann. Marie reponn:

Nicolas
(vann chat).




Jan mande Mari si li konnen aksidan ki te rive Nicolas semèn pase a. Alò li reponn:

Wi, Nicolas
(mouri).




Jan konnen ke Nicolas nan yon nouvo travay, men li pa konnen egzateman aktivite zanmi an fè. Alò, li mande Mari sou travay Nicolas e li reponn:

Nicolas _____
(ranje vwati).




Jan, Mari e Nicolas se zanmi, Jan konnen ke Nicolas toujou te vle patisipe nan maraton São Paulo e ane pase a li te realize rèv li. Alò, Jan di sa ak Mari :

Nicolas _____
(kouri nan maraton São Paulo).



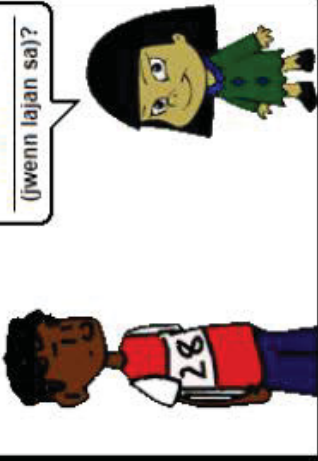
Jan, Mari e Nicolas abite ansanm. Nicolas toujou manje anpil nan defene. Li renmen prensipalman diri e li pa kite anyen pou zanmi li yo. Alò, Mari komante sa ak Jan:

Nicolas toujou _____
(manje diri a) nan kaswòl la.



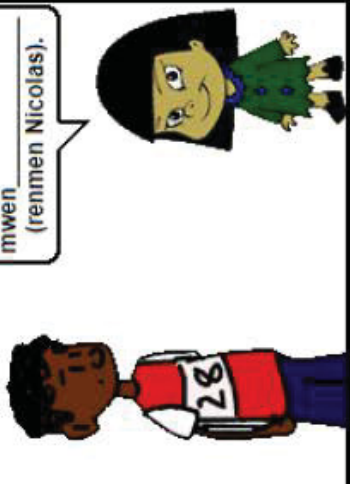
Nicolas te konplètman san lajan men toudenkou li te veni yon bèl vwati. Alò Mari kesyone Jan:

Ki kote Nicolas _____
(jwenn lajan sa)?



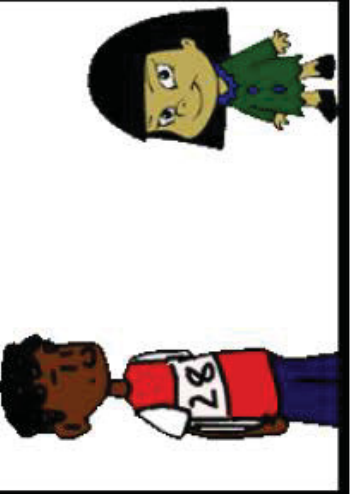
Jan komante ak Mari ke li wè Nicolas enpe dro!; men Mari di:

Ahh, mwen _____
(renmen Nicolas).



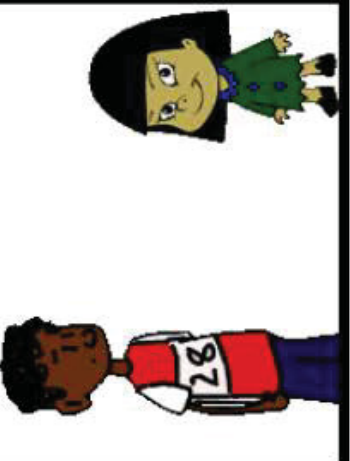
Mari konnen ke Nicolas tap travay nan yon konpayi men li pap travay la ankò; li mande Jan koman konpayi a te rele, Jan reponn:

Nicolas _____
(travay nan Vale Fértil).



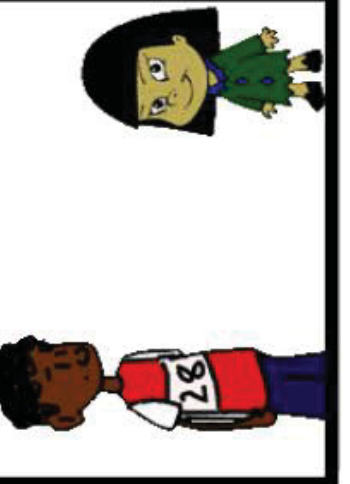
Nicolas se te alkolik e li pap pase yon jou san li pa bwè byè. Li gen 6 mwa san li pa bwè bwason alkolize, men yè li bwè byè. Alò zanmi li Jan di ak Mari sa :

Nicolas _____
Yè _____
(bwè byè) tout jounen an.

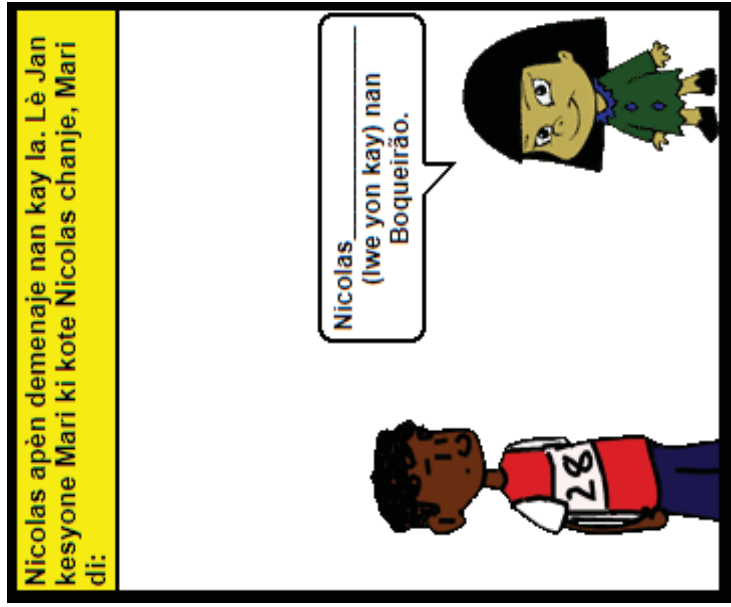
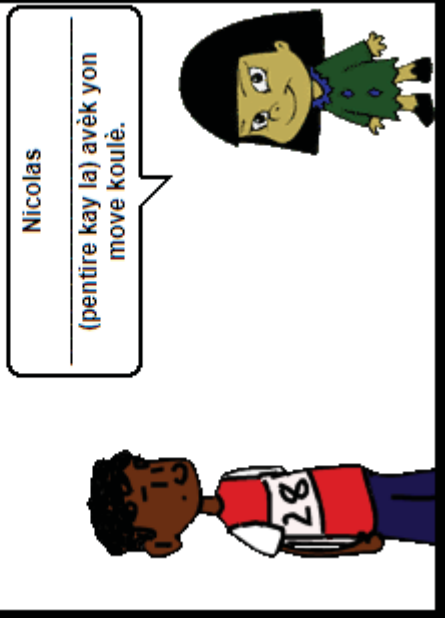


Jan, Mari e Nicolas travay ansanm. Nicolas travay nan pati dokiman yo: chak jou, li dwe siyen dokiman an ki libere demand kliyan yo. Alò, Jan komante ak Mari:

Nicolas _____
(siyen dokiman an) avèk anpil prekosyon.



Jan, Mari e Nicolas se zanmi; Mari te mande èd a Nicolas pou pentire kay la, men Nicolas te itilize yon move penti. Alò, li di Jan:



Mèsi anpil!

ANEXO 2: MODELO 2 DO TESTE



AKTIVITE

Nap mande'w kolaborasyon'w pandan ou ap patisipe nan aktivite sa. Aktivite sa Fè pati de yon rechèch pou program metriz nan Inivèsite Federal do Paraná. Repons ou an ap rete sekrè e ou pap bezwen idantifye'w. Pa gen ni bon ni move repons, se opinyon ou an ki enterese nou. Se pou tèt as nap mandew pou'w reponn kesyon sa yo ak jantiyès e san manti. Se sèl konsa nou ka reysi ankèt nou an.

Mèsi anpil pou sipò'w.

Koman pou'w reponn ak aktivite sa?

Sa yo se Jan ak Mari, karakté nan istwa nou an. Tanpri, li istwa yo avèk e konplète tout vid genyen yo () ak vèb ki endike yo.



Men yon egzanp an kreyòl:

Jan konnen ke Nicolas pan janm étidyé pou egzamen fakilté, men yè li te étidyé tout leson li yo. Ou sezi, Jan rakonte Mari:

Yé Nicolas
(étidyé) poul te al
konponzé.

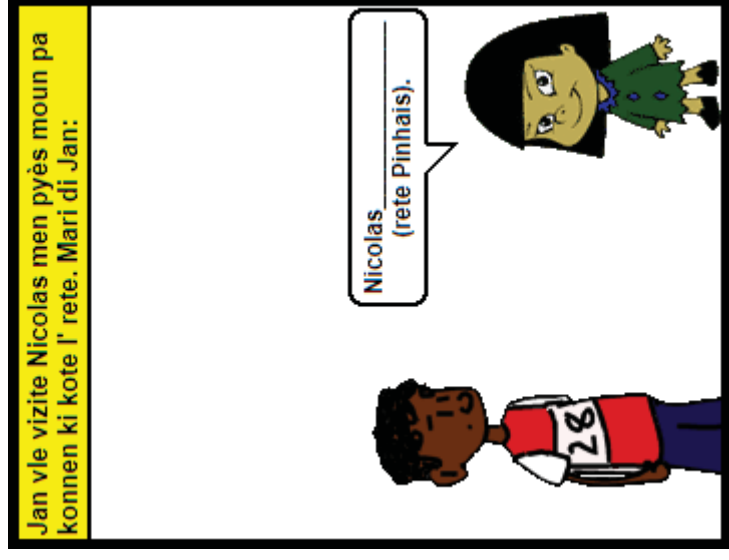


Jan konnen ke Nicolas pan janm étidyé pou egzamen fakilté, men yè li te étidyé tout leson li yo. Ou sezi, Jan rakonte Mari:

Nicolas TE ÉTIDYÉ
(étidyé) pou te al
kompozé.



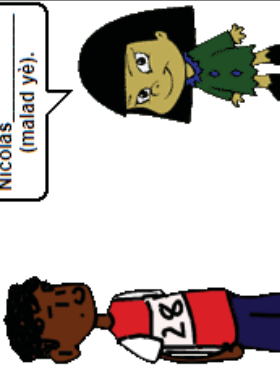
Eseye ranpli yon istwa:



AKTIVITE

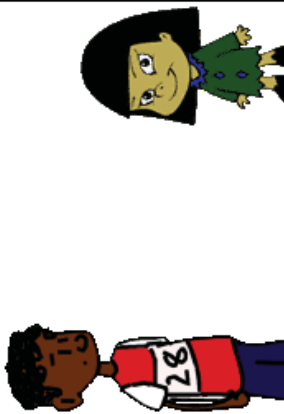
Jan, Mari e Nicolas travay ansan e Jan di Mari ke li kwè Nicolas gen rim, pou tèt li pa wè li yè nan konpayi. Alò Mari afime:

Wi,
Nicolas
(malad yè).



Jan, Mari e Nicolas etidye ansanm e Jan panse ke Nicolas entelijan anpil, li etidye anpil e li ede kamarad li nan difikilte yo genyen. Epi li pale de sa ak Mari:


Nicolas
toujou _____
(konnen repons la) tout kesyon
profesè a.



Jan te grangou anpil e li te rankontre yon gato nan frijide. Li te manje yon mòso gato, men li te reyalize ke gato a te teribi! Alò, Mari te pale li:

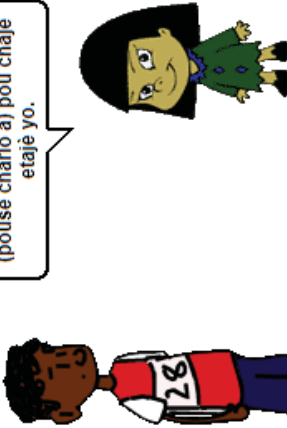
Gato sa

(fèt) pa mwen nan semèn
pase a.



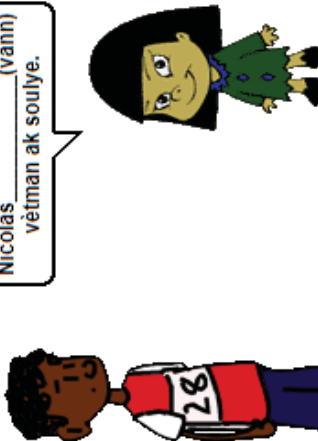
Jan, Mari e Nicolas se zanmi. Nicolas travay kòm depozitè nan yon sipèmache, men Jan pa konnen kisa zanmi li an ap fè. Alò, Jan poze Mari ki travay Nicolas ap fè e li reponn:

Nicolas
(pouse chato a) pou chaje
etajè yo.



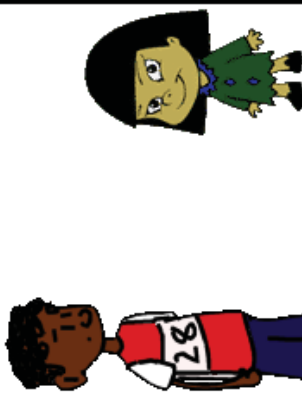
Avan li te kwafèz, Nicolas te travay nan lòt domèn, men Jan pa sonje sa zanmi li te konn fè. Alò, li kesyone a Mari, ki reponn:

Nicolas _____ (vann)
vètman ak soulye.



Nicolas te bwè anpil byè, ronm e diven antikite, men kounyèya li sispann bwè alkolize. Jan konnen nouvèl e li komante sa ak Mari:

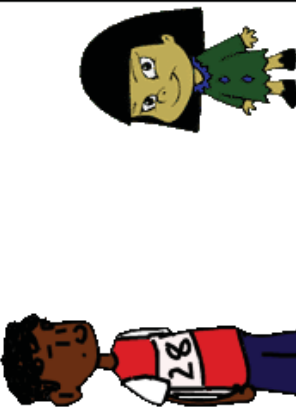
Nicolas
(achte) bwason alkolize
chak jou.



Jan konnen Nicolas vann chat e yè li te vann dènye tichat la. Alò, Jan komante ak Mari:

Nicolas

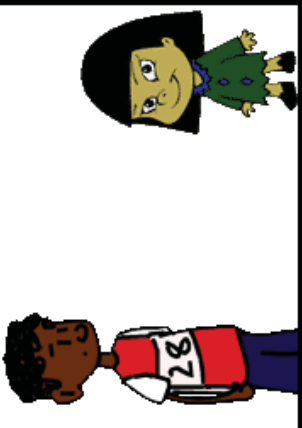
(vann chat la).



Jan t'ap li yon teks ki pale de Lafrik li li ke anpil timoun viktim de grangou. Alò li komante sa ak Mari:

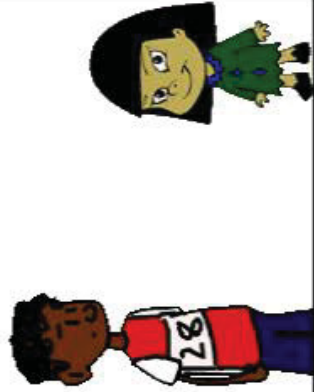
Anpil timoun

(mouri) an Afrik.



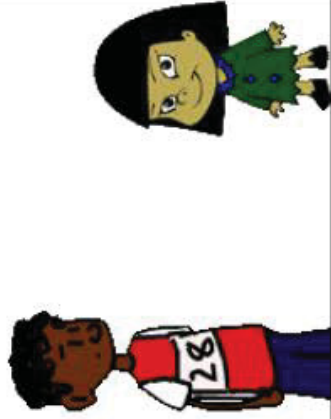
Jan, Mari e Nicolas se zanmi. Nicolas se yon moun trè atletik; li naje, li kouri e pratike anpil lòt espò. Ane passe, li pratike espò twa fwa pa semèn. Alò Jan komante sa ak Mari:

Ane passe, Nicolas
(kouri) twa fwa pa semèn.



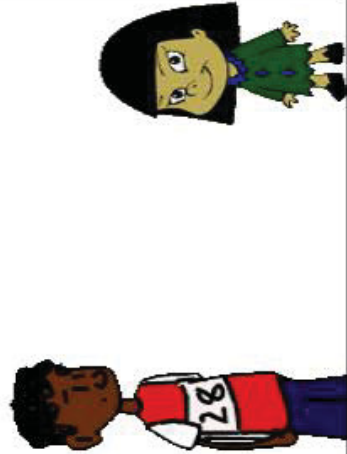
Jan, Mari e Nicolas se zanmi. Nicolas patisipe nan maraton São Paulo chak ane. Alò Jan pale sa ak Mari:

Nicolas gen anpil
dispozisyon, paske li
(kouri nan maraton an)
chak ane.



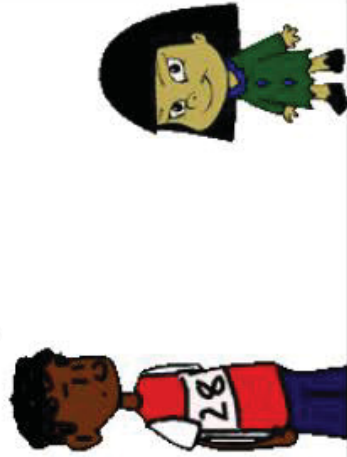
Nan tan pase yo, Jan te panse ke Nicolas se yon moun saj, men depi ke yo te goumen an, li pa pale avèk li ankò. Alò Jan di Mari ke:

Mwen
(renmen Nicolas).



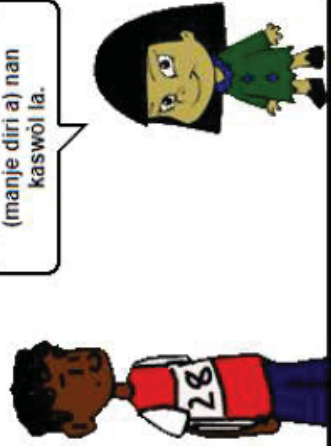
Mari konnen ke Nicolas ap travay nan yon konpayi men li pa konn non konpayi a, li mande Jan, ki di:

Nicolas
(travay nan Vale Fétil).



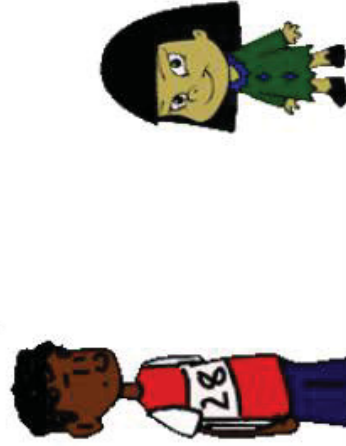
Jan, Mari e Nicolas abite ansanm. Nicolas te kwit diri pou dejene yè, men li pa kite anyen pou zanmi li yo. Alò Mari pale sa Jan:

Nicolas
(manje diri a) nan
kaswòl la.



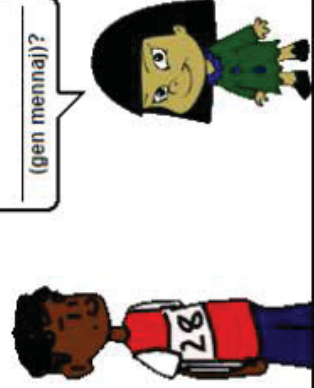
Nicolas yon nèg trè an sante, ki bwè anpil dlo chak jou pou gen bon sante. Jan admire kalite sa na zanmi an e li komante sa ak Mari:

Nicolas
(bwè) omwen chak jou de lit
dlo.



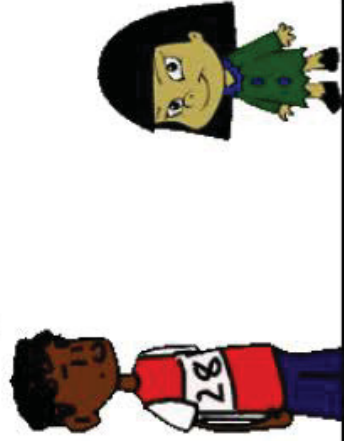
Mari enterese ak Nicolas men li pa konnen si Nicolas gen mennaj, oubyen si li selibatè. Alò li mande Jan:

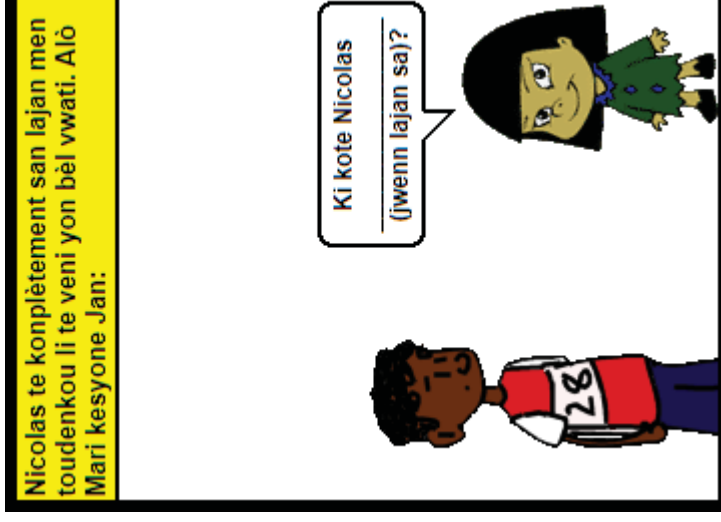
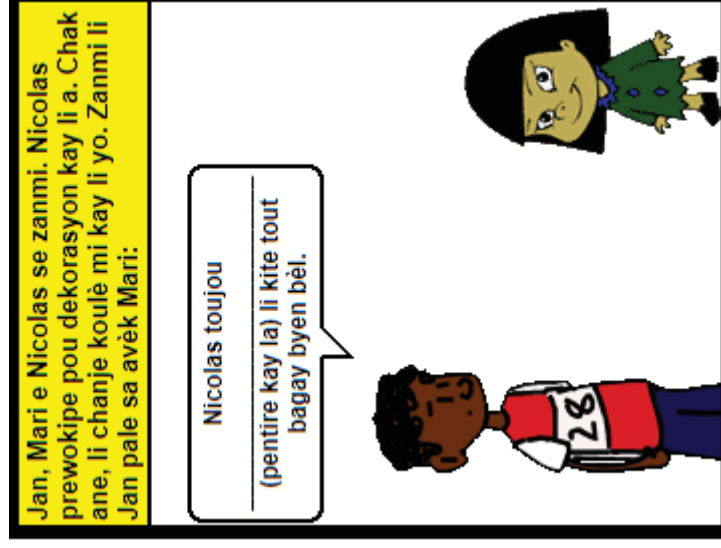
Ou konnen si
Nicolas
(gen mennaj)?



Jan, Mari e Nicolas travay ansanm. Nicolas se te sekrete nan konpayi a e li te prepare dokiman yo. Alò, Jan pale sa ak Mari de ansyen travay Nicolas:

Nicolas
(siyen dokiman yo) pou
konpayi a.





Mèsi anpil!

ANEXO 3: TRADUÇÃO DO MODELO 1 DO TESTE

ATIVIDADE

Gostaríamos de pedir sua colaboração participando da atividade a seguir. Esta atividade é parte de uma pesquisa de mestrado do Departamento de Linguística da Universidade Federal do Paraná que visa comparar alguns pontos gramaticais entre o português brasileiro e o crioulo haitiano. As suas respostas são confidenciais e você não precisa se identificar. Não existem respostas certas ou erradas, estamos interessadas em sua opinião. Por isso, responda, por gentileza, as perguntas de maneira sincera – só assim garantiremos o sucesso da nossa investigação. Muito obrigada por sua colaboração.

Como responder à atividade?

(*Quadro 1, página 1 do teste*)⁷⁸: Esses são Jan e Mari, personagens de nossas histórias. A cada historinha, você deve completar o espaço vazio (_____) com o verbo indicado entre parênteses.

Veja um exemplo em crioulo:

(*Quadro 2, página 1 do teste*): Jan sabe que Nicolas nunca estuda para as provas da faculdade, mas ontem ele estudou todas as lições. Então, Jan conta para Mari:

Ontem Nicolas _____ (estudar) para a prova.

(*Quadro 3, página 1 do teste*): Jan sabe que Nicolas nunca estuda para as provas da faculdade, mas ontem ele estudou todas as lições. Então, Jan conta para Mari:

Ontem Nicolas ESTUDOU (estudar) para a prova.

Tente completar uma historinha:

(*Quadro 1, página 2 do teste*): Jan queria visitar Nicolas, mas ele não sabe onde Nicolas mora. Mari diz pro Jan:

⁷⁸ A numeração dos quadros se dá na direção horizontal da página.

Nicolas _____ (morar em Pinhais).

ATIVIDADE

(*Quadro 1, página 3 do teste*): Jan, Mari e Nicolas trabalham juntos, e nem Jan nem Mari viram Nicolas hoje. Jan viu que Nicolas estava gripado ontem e ele fala pra Mari.

Eu acho que Nicolas _____ (estar doente hoje).

(*Quadro 2, página 3 do teste*): Jan, Mari e Nicolas estudam juntos. O professor fez uma pergunta pra turma e Nicolas respondeu antes que todo mundo. Então, Jan diz pra Mari:

Nossa! Não te disse? Ele _____ (saber a resposta) antes de todo mundo!

(*Quadro 3, página 3 do teste*): Jan está muito preocupado com seu amigo Nikolas, pois Nikolas vai fazer uma cirurgia e não tem ninguém para acompanhar ele no quarto do hospital. Mari sabe que Jan está preocupado e, por isso, diz a Jan:

- Nicolas _____ (ser acompanhado) o tempo inteiro por mim.

(*Quadro 4, página 3 do teste*): Jan, Mari e Nicolas trabalham juntos num supermercado. Jan viu que um cliente deixou o carrinho no meio do corredor. Ele perguntou pra Mari o que o Nicolas fez com o carrinho e ela respondeu:

Nicolas _____ (empurrar o carrinho) até o estacionamento.

(*Quadro 5, página 3 do teste*): Jan, Mari e Nicolas são amigos. Nicolas é um cara super atético: ele nada, corre e pratica muitos outros esportes. Atualmente, sua atividade favorita é a corrida. Então, Jan comenta com Mari sobre Nicolas:

Nicolas _____ (correr) todos os dias.

(Quadro 6, página 3 do teste): Jan gosta muito de cozinhar. Mari queria saber que tipo de comida ele mais gosta de preparar, então ele responde:

Eu sempre _____ (preparar comidas crioulas).

(Quadro 7, página 3 do teste): Jan sabe que Nicolas trabalha num lugar que vende animais e pergunta para a Mari se ela sabe que animais Nicolas vende. Então Mari responde:

Nicolas _____ (vender gatos).

(Quadro 8, página 3 do teste): Jan pergunta pra Mari se ela sabe do acidente que o Nicolas sofreu na semana passada. Então, ela responde:

Sim, Nicolas _____ (morrer).

(Quadro 1, página 4 do teste): Jan sabe que o Nicolas está com um emprego novo, mas não sabe ainda exatamente o que o amigo faz. Então, ele pergunta pra Mari sobre trabalho de Nicolas e ela responde:

- O Nicolas _____ (consertar) carros.

(Quadro 2, página 4 do teste): Jan, Mari e Nicolas são amigos. Jan sabe que Nicolas sempre quis participar da maratona de São Paulo e no ano passado ele realizou o sonho dele. Então, Jan diz pra Mari:

O Nicolas _____ (correr a maratona de São Paulo).

(Quadro 3, página 4 do teste): Jan, Mari e Nicolas moram juntos. Nicolas sempre come muito no jantar. Ele gosta principalmente de arroz e ele não deixou nada pra seus amigos. Então Mari comenta com Jan:

O Nicolas _____ (comer o arroz da panela).

(Quadro 4, página 4 do teste): O Nicolas estava completamente sem dinheiro mas de repente ele apareceu com um carrão. Então Mari pergunta pro Jan:

Onde foi que o Nicolas(conseguir esse dinheiro)?

(Quadro 5, página 4 do teste): Jan comenta com Mari que ele viu Nicolas pouco engraçado; mas Mari diz:

Ahh, eu _____ (gostar do Nicolas).

(Quadro 6, página 4 do teste): Mari sabe que Nicolas estava trabalhando numa empresa, mas ele não trabalha mais lá. Ela pergunta pro Jan qual é o nome dessa empresa, Jan responde:

Nicolas _____ (travay nan Vale Fértil).

(Quadro 7, página 4 do teste): O Nicolas era alcóolatra e não passava um dia sem beber cerveja. Ele já estava há seis meses sem beber bebida alcóolica, mas ontem ele bebeu cerveja. Então seu amigo Jan conta pra Mari:

Ontem o Nicolas _____ (beber cerveja) o dia todo.

(Quadro 8, página 4 do teste): Jan, Mari e Nicolas trabalham juntos. Nicolas trabalha na parte de documentos: todos os dias, ele deve assinar documentos para liberar pedidos dos clientes. Então, Jan comenta com Mari:

Nicolas _____ (assinar documentos) com muito cuidado.

(Quadro 1, página 5 do teste): Jan, Mari e Nicolas são amigos. Mari pediu ajuda pro Nicolas pra pintar a casa dela, mas Nicolas usou a tinta errada. Então, ela conta pro Jan:

Nicolas _____ (pintar a casa) com a cor errada.

(Quadro 2, página 5 do teste): O Nicolas acabou de mudar de casa. Quando Jan pergunta pra Mari pra onde o Nicolas mudou, Mari conta:

Nicolas _____ (alugar uma casa) no Boqueirão.

Muito obrigada!

ANEXO 4: TRADUÇÃO DO MODELO 2 DO TESTE

ATIVIDADE

Gostaríamos de pedir sua colaboração participando da atividade a seguir. Esta atividade é parte de uma pesquisa de mestrado do Departamento de Linguística da Universidade Federal do Paraná que visa comparar alguns pontos gramaticais entre o português brasileiro e o crioulo haitiano. As suas respostas são confidenciais e você não precisa se identificar. Não existem respostas certas ou erradas, estamos interessadas em sua opinião. Por isso, responda, por gentileza, as perguntas de maneira sincera – só assim garantiremos o sucesso da nossa investigação. Muito obrigada por sua colaboração.

Como responder à atividade?

(*Quadro 1, página 1 do teste*): Esses são Jan e Mari, personagens de nossas histórias. A cada historinha, você deve completar o espaço vazio (_____) com o verbo indicado entre parênteses.

Veja um exemplo em crioulo:

(*Quadro 2, página 1 do teste*): Jan sabe que Nicolas nunca estuda para as provas da faculdade, mas ontem ele estudou todas as lições. Então, Jan conta para Mari:

Ontem Nicolas _____ (estudar) para a prova.

(*Quadro 3, página 1 do teste*): Jan sabe que Nicolas nunca estuda para as provas da faculdade, mas ontem ele estudou todas as lições. Então, Jan conta para Mari:

Ontem Nicolas ESTUDOU (estudar) para a prova.

Tente completar uma historinha:

(*Quadro 1, página 2 do teste*): Jan queria visitar Nicolas, mas ele não sabe onde Nicolas mora. Mari diz pro Jan:

Nicolas _____ (morar em Pinhais).

ATIVIDADE

(Quadro 1, página 3 do teste): Jan, Mari e Nicolas trabalham juntos, e Jan diz pra Mari que ele acha que Nicolas está gripado porque ele não viu o colega ontem na empresa. Então Mari confirma:

Sim, Nicolas _____ (estar doente) ontem.

(Quadro 2, página 3 do teste): Jan, Mari e Nicolas estudam juntos e Jan acha que Nicolas é muito inteligente porque ele estuda muito e ajuda os colegas com dificuldades. Assim, ele fala pra Mari:

O Nicolas sempre _____ (saber a resposta) de todas as perguntas do professor.

(Quadro 3, página 3 do teste): Jan estava com muita fome e ele encontrou um bolo na geladeira. Ele comeu um pedaço do bolo, mas se deu conta de que estava horrível! Então, Mari falou pra ele:

Esse bolo _____ (fazer) por mim na semana passada.

(Quadro 4, página 3 do teste): Jan, Mari e Nicolas são amigos. Nicolas trabalha como repositor num supermercado, mas Jan não sabe o que o amigo faz. Então, Jan pergunta pra Mari qual é o trabalho do Nicolas e ela responde:

O Nicolas _____ (empurrar o carrinho) para recarregar as prateleiras.

(Quadro 5, página 3 do teste): Antes de ser cabeleireiro, Nicolas trabalhava com outra coisa, mas o Jan não lembra o que o amigo fazia. Então, ele pergunta pra Mari, que responde:

O Nicolas _____ (vender) roupas e sapatos.

(Quadro 6, página 3 do teste): O Nicolas bebia muita cerveja, rum e vinho antigamente, mas agora ele parou de beber bebidas alcólicas. O Jan sabe da novidade e comenta com Mari:

O Nicolas _____ (comprar) bebidas alcólicas todos os dias.

(Quadro 7, página 3 do teste): O Jan sabe que o Nicolas vende gatos e ontem ele vendeu o último gatinho. Então, Jan comenta com Mari:

O Nicolas _____ (vender o gato).

(Quadro 8, página 3 do teste): Jan estava lendo um texto que fala da África e ele leu que muitas crianças morrem de fome. Então ele comenta com Mari:

Muitas crianças _____ (morrer) na África.

(Quadro 1, página 4 do teste): Jan, Mari e Nicolas são amigos. Nicolas é um cara super atlético: ele nada, corre e pratica vários esportes. No ano passado, ele fazia esportes três vezes por semana. Então, Jan comenta com Mari:

No ano passado, Nicolas _____ (correr) três vezes por semana.

(Quadro 2, página 4 do teste): Jan, Mari e Nicolas são amigos. Nicolas participa da maratona de São Paulo todo ano. Então, Jan fala com Mari:

Nicolas tem muita disposição porque ele _____ (correr a maratona) todos os anos.

(Quadro 3, página 4 do teste): Jan, Mari e Nikolas moram juntos. Nikolas cozinhou arroz pro jantar ontem, mas ele não deixou nada pros amigos. Então, Mari fala pro Jan:

O Nicolas _____ (comer o arroz) na panela.

(Quadro 4, página 4 do teste): Mari está interessada no Nicolas, mas ela não sabe se ele tem namorada ou se ele está solteiro. Então, ela pergunta pro Jan:

Você sabe se o Nicolas _____ (ter namorada)?

(Quadro 5, página 4 do teste): No passado, Jan pensava que Nicolas era um cara legal, mas depois que eles brigaram, Jan nunca mais falou com Nicolas. Então, Jan diz pra Mari que:

Eu _____ (gostar do Nicolas).

(Quadro 6, página 4 do teste): Mari sabe que Nicolas tá trabalhando, mas ela não sabe o nome da empresa, então ela pergunta pro Jan, que diz:

Nicolas _____ (trabalhar na Vale Fértil).

(Quadro 7, página 4 do teste): O Nicolas é um cara muito saudável, que bebe muita água todo dia para ter uma boa saúde. Jan admira essa qualidade do amigo e comenta com Mari:

- O Nicolas _____ (beber) água todo dia, pelo menos dois litros.

(Quadro 8, página 4 do teste): Jan, Mari e Nicolas trabalham juntos. Nicolas era secretário na empresa e ele preparava documentos. Então, Jan fala com Mari do antigo trabalho do Nicolas:

Nicolas _____ (assinar os documentos) para a empresa.

(Quadro 1, página 5 do teste): Jan, Mari e Nicolas são amigos. Nicolas é muito preocupado com a decoração de sua casa. Todo ano, ele muda a cor de sua casa. Seu amigo Jan fala disso com Mari:

Nicolas sempre _____ (pintar a casa) e deixa tudo sempre bem bonito.

(Quadro 2, página 5 do teste): O Nicolas estava completamente sem dinheiro mas de repente ele apareceu com um carrão. Então Mari pergunta pro Jan:

- Onde foi que o Nicolas(conseguir esse dinheiro)?

Muito obrigada!